

REVISTA

AFBNDES

Publicação comemorativa dos 50 anos da Associação dos Funcionários do BNDES - 2004



50 Anos Juntos

Meio século de história...



AFBNDES 50 anos - 2004



Tem dias em que é mais cômodo
usar a Internet. Em outros,
conversar com seu gerente.

O Banco do Brasil tem mais de 32 mil pontos de atendimento no País e no exterior. E você pode movimentar a sua conta e fazer investimentos a qualquer hora do dia ou da noite, pelo *site* bb.com.br, telefone, fax ou celular. O BB tem soluções para facilitar a sua vida.

BB Responde 0800 78 5678



O tempo
todo com
VOCÊ

Soluções em Atendimento

Pousada Clube Itaipava



Acompanhe a história da sede campestre, a primeira conquista da AFBNDES.

Página 26

Clube da Barra

A escolha do terreno, o projeto arquitetônico e a construção da sede social. A história de um sonho que virou realidade.

Página 34



A trajetória política da Associação

De uma entidade recreativa à legítima representante dos funcionários do Banco. A AFBNDES presente nas horas mais difíceis.

Página 42



Leia também:

Editorial	Página 4
As Diretorias da AFBNDES	Página 9
Como nasceu nossa entidade	Página 12
Os eventos sociais	Página 57
A diversidade cultural na AF	Página 67
As atividades desportivas	Página 84
Os parceiros da AF	Página 101
A comunicação com os associados	Página 107
A AFBNDES nas representações	Página 114
Os sócios especiais	Página 116
Quem faz a AFBNDES	Página 118

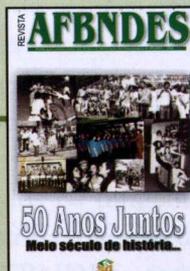
Presidente: Antônio Saraiva da Rocha
1º Vice-Presidente: Ricardo Jorge da Silva Marques
2º Vice-Presidente: André Zabłudowski
Financeiro: Luiz Cláudio da Cunha Mattos
Patrimonial: Rui de Castro Celani
Relações Externas: Armando José Leal
Administrativo, Relações Parlamentares e Assuntos Institucionais: Mário Assis Causanilhas Rodrigues
Assuntos Jurídicos: Mônica Perdigão
Consórcio: Paulo Roberto Teixeira Guerra
Informática: Flávia Tacques do Rego Monteiro
Comunicação, Marketing e Seguros: Paulo Sérgio Altomar
Cultural: Carlos Alberto Barroso Fernandes
Social: Geraldo Magela Rismo
Esportes: Sandro de Souza Couto
Conselho Deliberativo
 Adênio José Pessoa
 Arciley Alves Pinheiro
 Carlos Germano Régio Amazonas
 Carlos Roberto Batista dos Santos
 Celso Evaristo Silva
 Cícero de Oliveira Cruz
 Elpidio Coimbra
 Gilberto Guerreiro Barbalho
 Hélio Pires da Silveira
 Humberto Vicente Pereira Lima
 Jorge Luiz Fortunato Gama
 José Luiz Ferreira de Souza
 Leonardo Botelho Ferreira
 Luiz Carlos de Souza Rodrigues Filho
 Luiz Guilherme de Oliveira Gutman
 Maria do Rosário Peixoto
 Melvyn Afonso Cohen
 Miguel Romualdo de Stefano
 Nilson Batista dos Santos
 Paulo César Ferreira Barbosa
 Pedro Paulo Velloso Gouvêa
 Ronaldo Antônio Evangelista
 Simon Shi Koo Pan
 Waldemiro Custódio Arantes
 Wanderley Pinto de Medeiros
Conselho Fiscal
Titulares
 Ana Maria de Miranda
 Joelson Coelho Fernandes
 Orlando Zeferino de Oliveira
Suplentes
 Frederico Almada Rodrigues
 José Araújo de Moura
 José Eugênio de Araújo

Revista AFBNDES 50 anos

Coordenação: Armando José Leal
Editor: Washington Santos
Reportagem e Pesquisa: Tony Carvalho e Simone Rangel
Projeto Gráfico e Diagramação: Tony Carvalho
Colaboração: Fernando Garcia
Fotografias: Paulo Rodrigues e Ronaldo Sousa
Publicidade: Ricardo Torregrosa e Adamo Pasquarelli

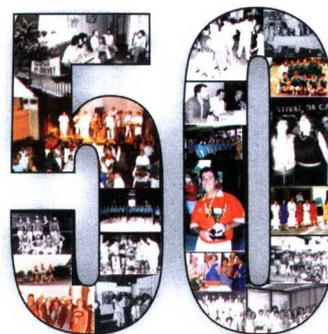
Agradecimentos Especiais:

A todos os associados que, com seus depoimentos e documentos, ajudaram a escrever esta história.





AFBNDES



É com muita alegria e orgulho que levamos até você esta publicação comemorativa dos 50 anos da AFBNDES. Não foi uma tarefa fácil reconstituir os momentos mais significativos da história de nossa Associação desde a sua criação, em 14 de julho de 1954, até os nossos dias.

O primeiro grande desafio foi o de selecionar, nesse período, os momentos mais marcantes da instituição e reproduzi-los em texto e imagem, em 124 páginas, considerando-se a diversidade de sua vida social, que envolveu algo em torno de três mil pessoas, e as grandes transformações porque passou a AF ao longo de sua existência.

O segundo foi o de reconstituir a história das duas primeiras décadas. Como o material documental disponível na AFBNDES era escasso, foi necessária a colaboração de dezenas de associados pioneiros com seus testemunhos e documentos, colocados à disposição desta publicação, o que possibilitou remontar os primeiros momentos de nossa entidade.

Felizmente, o alto nível de profissionalização da AFBNDES permitiu, através do arquivo de seus órgãos de comunicação (a revista *AFBNDES em Foco* e o jornal *VÍNCULO*), a reconstituição dos melhores momentos de nossa história nas três últimas décadas, com riqueza de detalhes e material fotográfico.

E foi assim, com muita emoção, que relembramos os primeiros dias de nossa entidade. Criada para representar e defender os interesses de seus associados, ela ficava alojada numa pequena sala do Edifício Emda, no número 48 da Rua Sete de Setembro, Centro do Rio, onde funcionava o BNDES, criado dois anos antes.

50 ANOS JUNTOS

De imediato reconhecida e legitimada pelos dirigentes que comandaram o Banco, aos poucos a AFBNDES passou a administrar serviços assistenciais complementares, como a carteira de empréstimos, seguros, adiantamentos de salários e mesmo a gestão do restaurante “Bandejão”, no edifício da Av. Rio Branco 53, onde o BNDES funcionou até 1982.

Estávamos vivendo o chamado “milagre brasileiro”, com o incremento da industrialização do país, no qual o BNDES teve papel de destaque. E com o Banco crescia também a AFBNDES, com a aquisição da Colônia de Itaipava e de sua sede própria – um conjunto de salas no 5º andar da Rua Teófilo Otoni 52, em 1973. Pouco tempo depois, em 1977, era inaugurada a sede social, na Barra da Tijuca, uma zona nobre e caminho natural de expansão da cidade.

Se, por um lado, o país crescia, por outro, permeava um Estado autoritário, pouco afeito ao debate de idéias, às liberdades individuais e ao convívio democrático. E, mesmo vinculada a um dos principais agentes do governo federal e gozando do apoio de seus dirigentes, a AF não se furtou à responsabilidade histórica de questionar o modelo econômico e atuar em defesa dos interesses de seus associados, quando o *milagre* dava lugar a momentos de compressão salarial e de perda de direitos e benefícios sociais.

Mas não foi só no campo corporativo que a AFBNDES se fez presente. Na luta pela redemocratização do país, ela participou das grandes manifestações da campanha “Diretas Já”, em 1984. Acompanhou com atenção o processo de discussão da Constituinte de 1988, que culminou com o direito de sindicalização dos empregados e com avanços importantes no campo trabalhista e social. E também so-

moou-se a milhões de brasileiros no movimento “Fora Collor”, um marco no processo de luta do povo brasileiro contra a corrupção, dentre outros importantes momentos de nossa história recente.

Em meio aos grandes movimentos cívicos dos anos 80 e 90, propiciou a realização de uma infinidade de atividades sociais, culturais e desportivas que em muito contribuiu para a solidificação dos laços de amizade, fraternidade e solidariedade entre o corpo social.

Fazer esta publicação consumiu quase um ano de trabalho, desde sua concepção inicial. Foram momentos de muita alegria e emoção que queremos compartilhar com nossos associados, empregados, clientes e amigos. Talvez haja lapsos ou omissões de fatos e acontecimentos que deveriam ser contemplados. Caso eles tenham ocorrido, será tão-somente por ausência e/ou insuficiência de informações de seus editores.

Queremos parabenizar a todos por esses 50 anos juntos. Aos pioneiros, o nosso obrigado pela semente plantada. Aos ativistas, o nosso orgulho pela coragem e despojamento. Aos atletas de fim de semana, pela determinação e disciplina em busca da vitória. Aos artistas da música, do teatro, da fotografia e das artes plásticas, pela beleza da poesia e do processo criativo.

Um agradecimento especial a todos os dirigentes do BNDES que, ao longo de sua história, tiveram um relacionamento afetuoso com a AFBNDES, tendo sempre em vista a valorização do empregado. E aos novos associados, que vêm se integrando à Associação nos últimos anos, reiteramos as nossas boas-vindas e a esperança de continuidade deste trabalho.

E que venham mais 50 anos juntos !!!



atividades

ATIVIDADE RELIGIOSA

CULTO ECUMÊNICO

14 de julho
11h

Sobreloja do EDSERJ

ATIVIDADES INSTITUCIONAIS

SESSÃO SOLENE COMEMORATIVA DOS 50 ANOS DA AFBNDES

14 de julho
15h

Auditório Reginaldo Treiger

Fórum de Debates

27 de agosto
15h

Auditório Reginaldo Treiger

HOMENAGEM E ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO COM EMPREGADOS DA AFBNDES

20 de julho
13h

ATIVIDADES CULTURAIS



Inauguração da 21ª Exposição de Artes Plásticas

TALENTOS BENEDEENSES

Show de música, poesia e dança com
os "Pratas da Casa"

3 e 4 de agosto
18h

Auditório Arino Ramos

MOSTRAS DE ARTES PLÁSTICAS E FOTOGRAFIA

Março a abril / novembro a dezembro
Galeria do Espaço BNDDES

CD DO CORAL AFBNDES

Lançamento em julho

COMEMORATIVAS

CONCURSO LITERÁRIO

Premiação: 21 de setembro
Auditório Reginaldo Treiger

ENCONTRO DE CORAIS

18 de agosto

APRESENTAÇÃO TEATRAL

29 e 30 de junho
Auditório Arino Ramos

ATIVIDADES SOCIAIS

BAILE-SHOW 50 ANOS DA AFBNDES

17 de julho
21h
Le Buffet



Baile do Trabalhador, o primeiro evento social no ano do cinquentenário

ATIVIDADES ESPORTIVAS



Passeio Ciclístico na Barra, em 20 de março

CAMPEONATOS DE FUTEBOL

Torneio de Novos, Veteranos e Mães: 1º Semestre
Principal: 2º semestre

TÊNIS

Open de Tênis
Torneio 50 Anos

ATLETISMO

Passeios Ciclísticos

JOGOS DE SALÃO

Xadrez, Tênis de Mesa, Sinuca e Futebol de Botão
De abril a dezembro

Clube da Barra e Edserj

**Aqueles
que
saem...**



Diretoria da AFBNDES – gestão 2002/2004



Diretoria da AFBNDES – gestão 2004/2006

**Aqueles
que
chegam.**

AFBNDES

**Uma entidade que conquistou, em meio
século de atividades, o seu espaço entre os
benedenses, solidificando-se pela ética e
seriedade de suas bandeiras.**

A foto registra a cerimônia de entrega de títulos de sócios beneméritos a ex-presidentes da AFBNDES, em 14 de julho de 1997, por ocasião das comemorações dos 43 anos da entidade.

Da esquerda para a direita: Américo José Ferreira, João Cruz do Couto, José Alves Barboza, Jairo Goulart, Costa e Silva, Sandra de Souza, Antonio Saraiva, Sérgio de Paula e Hélio Gusmão.



A história que é escrita a cada dia

Ao longo dos últimos 50 anos, a AFBNDES passou por muitas transformações, sempre confirmando a crença de que juntos ficamos cada vez mais fortes, podemos encontrar o caminho mais adequado para a solução de nossos problemas e somos capazes de construir um mundo melhor e mais feliz.

Este cinquentenário solidifica uma bela história, que permanece sendo escrita a cada dia – capítulo por capítulo – num enredo de lutas e memoráveis conquistas. Mas, para que tudo isso fosse feito, para que todo esse caminho fosse percorrido, foi essencial o trabalho de alguns abnegados.

Assim, listamos, nas próximas páginas, os presidentes e diretores que, contando com o apoio do corpo de associados, conseguiram conduzir a AFBNDES a um porto seguro.

Convém ressaltar que, não obstante o empenho em resgatar a relação completa de todas as Diretorias, isso só foi possível a partir de 1971. Da mesma forma, não foi possível recuperar a listagem completa dos conselheiros deliberativos e fiscais, que também ajudaram a construir esta história de sucesso.

Os presidentes da AF

Gabriel Paes de Carvalho	(1954 / 1956)
Hugo dos Santos Mello	(1956 / 1958)
Hedyl Rodrigues Valle	(1958 / 1962)
Aluizio Batista Peixoto	(1962 / 1963)
Américo José Ferreira	(1963 / 1964)
João Cruz do Couto	(1964 / 1966)
Luiz Oswaldo Norris Aranha	(1966 / 1968)
Aníbal José Fernandes Guimarães	(1968 / 1970)
José Alves Barboza	(1970 / 1971)
Reynaldo Machado Vieira	(1971 / 1972)
Octávio Madruga da Silva	(1972 / 1974)
Jairo Goulart Paiva	(1974 / 1978)
Francisco Augusto da Costa e Silva	(1978 / 1980)
Ivo Galvão	(1980 / 1984)
Sandra Maria Carvalho de Souza	(1984 / 1988)
Antonio Saraiva da Rocha	(1988 / 1992)
Sérgio Roberto Lima de Paula	(1992 / 1996)
Hélio Gusmão	(1996 / 1998)
Antonio Saraiva	(1998 / 2004)
Kallás Roberto Kallás	(2004 / ...)

As diretorias da AF nesses 50 anos

Pesquisa só não conseguiu levantar o quadro de diretores das gestões anteriores a 1971

Gestão 1971/1972

Presidente - Reynaldo Machado Vieira
Diretor Financeiro/Secretário - José Henrique Rabelo Neto
Diretor da Carteira de Consórcios - Juzoé Poubel Bastos
Diretora Social - Waterlan Rodrigues Martins
Diretor Cultural - Fernando Gonçalves Raro
Diretor de Esportes - Nilson Batista dos Santos
Diretor da CAGI - Sanzagar Porto Vieira
Colônia de Férias - Milton Deiró Mendes da Silva
Restaurante - Jorge Duprat de Britto Pereira

Gestão 1972/1974

Presidente - Octávio Madruga da Silva
Vice-Presidente - Antônio Iannuzzi
Diretor Financeiro - Ivo Galvão
Diretor Patrimonial - Alfredo R. Fernandes da Silva
Diretora Social e Cultural - Madeilene Perez de Carvalho
Diretor-Secretário - Aléxis Anatol Trechau
Diretor de Esportes - Rui de Castro Celani
Diretor da CAGI - Sanzagar Porto Vieira
Colônia de Férias - Milton Deiró Mendes da Silva
Restaurante - Jorge Duprat de Britto Pereira

Gestão 1974/1978

Presidente - Jairo Goulart Paiva
Diretor Financeiro - Sonia Maria Airoza Monteiro de Barros
Diretor Patrimonial - Carlos Marques de Souza
Diretor-Secretário - Mário Gomes Favacho
Diretor da Cart. Imob. e Consórcios - Aginaldo P. Pachú
Diretora Social - Zeila dos Santos Fogaça
Diretor Cultural - Álvaro Costa
Diretor de Esportes - Rui Barbosa de Oliveira

Gestão 1978/1980

Presidente - Francisco Augusto da Costa e Silva
Diretor Financeiro - Aluísio Asti
Diretor Patrimonial - Milton Galvão II
Diretor-Secretário - Renato Guido Orofino
Diretor da Carteira de Consórcios e Carteira de Garantia Imobiliária - Aginaldo P. Pachú
Diretor Social - Madeilene Perez
Diretor da Carteira de Seguros - Rômulo M. dos Santos
Diretor de Aposentados - Ney Jorge
Diretor Cultural - Orizon Carneiro Muniz
Diretor de Esportes - José Calazans Guedes Ferreira

Gestão 1980/1982

Presidente - Ivo Galvão
Diretor Financeiro - José Alves dos Santos Filho
Diretor Patrimonial - Irani Rodrigues de Almeida
Diretora-Secretária - Sandra Maria Carvalho de Souza
Diretor da Cart. de Cons. e Seguros - Antônio Iannuzzi
Diretor Social - Ubirajara Belesa do Nascimento
Diretor Cultural - João Baptista Genuncio
Diretor de Esportes - Henrique da Silva Tavares

Gestão 1982/1984

Presidente - Ivo Galvão
Diretor Financeiro - Almir Cardim
Diretor Patrimonial - Edmar Carneiro dos Santos
Diretor-Secretário - Kallás Roberto Kallás
Diretor da Cart. de Cons. e Seguros - José Alves dos Santos
Diretora Social - Lílian Ferreira Pinto
Diretor Cultural - Joel de Farias Neto
Diretor de Esportes - Célio de Oliveira Ferreira

Gestão 1984/1986

Presidente - Sandra Maria Carvalho de Souza
Diretor Financeiro - Paulo Antônio de Castro
Diretor Patrimonial - Fernandes Alves Pacheco
Diretor-Secretário - Fernando Gonçalves Raro
Diretor Cultural - Armando José Leal
Diretor Social - Fernando Castelo Rodrigues Chagas
Diretor de Esportes - Paulo Sérgio Altomar

Gestão 1986/1988

Presidente - Sandra Maria Carvalho de Souza
Diretor Financeiro - Ângela Moura Marques
Diretor Patrimonial - Paulo Sérgio Altomar
Diretor-Secretário - Sérgio Roberto Lima de Paula
Diretor Social - Ilma Leda Pinheiro Machado
Diretor Cultural - João de Deus Corrêa
Diretor de Esportes - José Carlos Ferreira

Gestão 1988/1990

Presidente - Antonio Saraiva da Rocha
Diretor Financeiro - Ricardo Jorge da Silva Marques
Diretor Patrimonial - Rildo Raposo Fernandes
Diretor-Secretário - Cláudio Cezar Carvalho de Almeida
Diretor Social - Ângela Moura Marques
Diretor Cultural - José Eduardo Pessoa de Andrade
Diretor de Esportes - Gilberto da Silva Coutinho
Diretor de Estudos Técnicos - João da Silva Ferrão
Diretor de Rel. Externas - Paulo Roberto de Souza Melo
Diretor da Cart. de Consórcio - José Alves dos Santos
Diretor de Seguros - Paulo Antonio de Castro

Gestão 1990/1992

Presidente - Antonio Saraiva da Rocha
Diretor Financeiro - Rui de Castro Celani
Diretor Patrimonial - Ubiraci Rodrigues de Oliveira
Diretor-Secretário - Paulo Sérgio Altomar
Diretor Social - Marilsa Menezes da Silva
Diretor Cultural - Waldir Pinto de Araújo Filho
Diretor de Esportes - Gilberto da Silveira Coutinho
Diretor de Estudos Técnicos - João da Silva Farrão
Diretor de Relações Externas - Ricardo Jorge Marques
Diretor da Cart. de Consórcio - José Alves dos Santos
Diretor da Cart. de Seguros - Luiz Carlos Ferreira

Gestão 1992/1994

Presidente - Sérgio Roberto Lima de Paula
Diretor Financeiro - Luiz Antonio da C. Rodrigues
Diretor Patrimonial - Pedro Paulo de Menezes
Diretor-Secretário - Márcio Leonam Cremona
Diretor Social - Genivaldo Tenório de Araújo
Diretor Cultural - João de Deus Corrêa
Diretor de Esportes - Sílvio Cezar Carvalho
Diretor de Relações Externas - Antonio Saraiva
Diretor da Cart. de Consórcio - José Alves dos Santos
Diretor da Cart. de Seguros - Rui de Castro Celani
Diretor de Comunicação - Ilma Leda Machado
Diretor de Ass. Institucionais - José Clemente

Gestão 1994/1996

Presidente - Sérgio Roberto Lima de Paula
Diretor Financeiro - Luiz Antonio da C. Rodrigues
Diretor Patrimonial - Márcio Leonam Cremona
Diretor-Secretário - Lucimar da Silva Guarnieri
Diretor Social - Geraldo Magela Rismo
Diretor Cultural - Frederico Kautz
Diretor de Esportes - Aluizio Borba Lopes Filho
Diretor de Relações Externas - Antonio Saraiva
Diretor da Cart. de Consórcio - José Alves dos Santos
Diretor da Cart. de Seguros - Pedro Paulo Menezes
Diretor de Comunicação - Humberto Vicente Lima
Diretor de Ass. Institucionais - José Clemente de Oliveira
Diretor da Pousada Itaipava - Nilson Batista dos Santos

Gestão 1996/1998

Presidente - Hélio Gusmão de Oliveira
Diretor Financeiro - José Paulo Cosenza
Diretor Patrimonial - Aluizio Lopes Borba Filho
Diretor-Secretário - Valdete Silveira
Diretor Social - Geraldo Magela Rismo
Diretor Cultural - Carlos Alberto Barroso Fernandes
Diretor de Esportes - Carlos Roberto Batista dos Santos
Diretor de Assuntos Sindicais - José Márcio Tavares
Diretor de Comunicação - Humberto Vicente Pereira Lima
Diretor de Assuntos Institucionais - Sérgio R. de Paula
Diretor da Pousada Clube Itaipava - Nilson B. dos Santos
Diretor de Atendimento - Osias Viana

Gestão 1998/2000

Presidente - Antônio Saraiva da Rocha
Diretor Financeiro - Antonio Carlos Soares
Diretor Patrimonial - Paulo Antonio de Castro
Diretor Social - Geraldo Magela Rismo
Diretor Cultural - Carlos Alberto Barroso Fernandes
Diretor de Esportes - Sílvio Cezar dos Santos Carvalho
Diretor da Cart. de Consórcio - José Simões Vagos
Diretor-Secretário/Seguros - Paulo Roberto T. Guerra
Diretor de Comunicação - Raimundo Antonio da Silva
Diretor de Ass. Institucionais - Alexandre Henriques Filho
Diretor de Informática - Izidro Avelino de Queiroz Neto

Gestão 2000/2002

Presidente - Antônio Saraiva da Rocha
Diretor Financeiro - Paulo Roberto Teixeira Guerra
Diretor Patrimonial - Rui de Castro Celani
Diretor-Secretário - Luiz Cláudio da Cunha Mattos
Diretor Social - Geraldo Magela Rismo
Diretor Cultural - Carlos Alberto Barroso Fernandes
Diretor de Esportes - João Carlos Rafasque
Diretor da Cart. de Cons. e Seguros - Paulo Sérgio Altomar
Diretor de Com. & Marketing - Raimundo Antonio da Silva
Diretor de Ass. Institucionais - Sebastião José M. Soares
Diretor de Informática - Flávia Tacques do Rego Monteiro
Diretor de Relações Externas - André Zabłudowski

Gestão 2002/2004

Presidente - Antônio Saraiva da Rocha
1º Vice-Presidente - Ricardo Marques
2º Vice-Presidente - André Zabłudowski
Diretor Financeiro - Luiz Cláudio da Cunha Mattos
Diretor Administrativo - Ubiraci Rodrigues
Diretor Patrimonial - Rui de Castro Celani
Diretor de Ass. Institucionais - Sebastião Martins Soares
Diretor de Relações Externas - Armando José Leal
Diretor de Rel. Parlamentares - Mário Assis Causanilhas
Diretor de Assuntos Jurídicos - Mônica Perdigão
Diretor de Consórcio - Paulo Roberto Teixeira Guerra
Diretor de Seguros - Paulo Sérgio Altomar
Diretor de Informática - Flávia Tacques do Rego Monteiro
Diretor de Com. & Marketing - Raimundo Antonio da Silva
Diretor Cultural - Carlos Alberto Barroso Fernandes
Diretor Social - Geraldo Magela Rismo
Diretor de Esportes - Sandro de Souza Couto

Obs.: Foram relacionados apenas os diretores do início do mandato, não considerando eventuais mudanças ao longo das gestões.

Assim tudo começou

A história da AFBNDES, dos primeiros passos aos dias de hoje

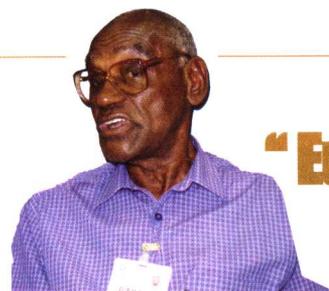
Uma mesa e duas cadeiras, numa saleta de menos de quatro metros quadrados sob as escadas da sobreloja do Edifício Emda, na Rua Sete de Setembro 48 – o mesmo endereço onde funcionava o então BNDE. Assim nascia, no dia 14 de julho de 1954, a semente associativa no seio benedense. Desde então, a história da AF registra uma série de fatos que revelam a determinação dos associados na defesa de seus interesses e na construção de um espaço de lutas e mobilização, de amizade e confraternização, de sonhos e realizações. Fazer 50 anos não é pouca coisa e a história comprova. A AFBNDES amadureceu nesses anos. Avançou na sua representatividade, na luta por melhores condições de trabalho para todos os funcionários do Banco e na preocupação com os destinos do BNDES como órgão fundamental para o desenvolvimento econômico e social do Brasil.

A fundação da Associação dos Funcionários do BNDES veio atender aos anseios dos cerca de 250 funcionários que na época trabalhavam no Banco, criado dois anos antes. Muitos desses funcionários, de forma espontânea, já organizavam equipes de futebol para jogar entre si ou enfrentar times convidados. Eram comuns, também, os pedidos de pequenos empréstimos, a curto prazo, e adiantamento de salário. Esses seriam os motivos que incentivaram a criação de uma entidade representativa. E foi durante uma conversa com o engenheiro João Vitorio Pareto – então chefe de gabinete do diretor-superintendente José Maciel Filho – que a assessora da Superintendência do

A sala 301 do Edifício Emda (foto ao lado), na Rua Sete de Setembro 48, foi a primeira das oito sedes administrativas da AFBNDES. Nela, a entidade permaneceu por 13 anos até mudar-se para o número 53 da Avenida Rio Branco.

Banco Sophia Machado Portela sugeriu a formação de uma entidade capaz de administrar tais demandas e cuja atuação fosse voltada, inicialmente, para a promoção de atividades esportivas e de lazer e para a prestação de serviços à comunidade do Banco. Ela propôs, ainda, que os fundos da Associação tivessem duas origens distintas: a contribuição de cada funcionário no valor de 0,5% dos seus vencimentos e a doação de 0,5% do total da folha de pagamento do Banco. Entre os pioneiros que participaram da constituição da AF, figuram os nomes de Gilda Decourt Borges, Suzete Clara Dias Gomes, Hilton Ferreira Dantas, Hugo dos Santos Mello, Dycíola Deveza Barbosa, Reynaldo Machado Vieira e Cândido Rodrigues.





**“Eu vi a AF
nascer”**

“ Eu tive a honra de participar da formação da AFBNDES. Naquela época, o Banco tinha poucos funcionários, mas a gente já se reunia para realizar pequenos passeios. Com o nascimento da Associação, nós, funcionários, ganhamos uma aliada. Lembro das minhas primeiras conquistas, como a primeira casa e o primeiro carro. E em todas elas a Associação teve participação.

Cinquenta anos se passaram, mas parece que foi ontem que tudo começou. Desejo que a entidade continue crescendo e que os novos funcionários, que estão ingressando no Banco, dêem continuidade a esse trabalho e ajudem a construir mais 50 anos.”

Cândido Rodrigues



Os primeiros passos

Em 30 de junho de 1954, 25 funcionários participaram da primeira assembléia para discutir e aprovar os estatutos da Associação. Outras duas assembléias foram realizadas nos dias 14 e 15 de julho desse ano, dessa vez para eleger e empossar os integrantes dos três órgãos que compoariam a estrutura da AF: a Diretoria, o Conselho Fiscal e o Conselho Deliberativo. Entre 249 votantes, Gabriel Paes de Carvalho – que já vinha ocupando a Presidência da Diretoria provisoriamente – obteve 244 votos e tornou-se o primeiro presidente eleito da AF.

No mês seguinte, a pedido de Sophia Portela, membro do Conselho Deliberativo, o Banco cedeu a sala 301 do Edifício Emda para abrigar a sede administrativa da Associação. Constituída e instalada, a Diretoria reuniu-se pela primeira vez em 23 de julho de 1954, mas só a 13 de outubro desse ano baixou a Resolução nº 1. Com base nela, a Associação passaria a admitir em seus quadros, na categoria de sócios-cooperadores, funcionários que estavam prestando serviços ao Banco e os servidores da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos. A resolução garantia aos sócios-cooperadores, mediante contribuição mensal de 0,5% de seus salários, o acesso a todas as vantagens atribuídas aos sócios-contribuintes, sem, contudo, terem direito



Suzete Clara Dias Gomes ingressou no Banco em 1952, quando este ainda funcionava no 10º andar do prédio do Ministério da Fazenda. Participou da fundação da AF e, embora admita não se lembrar dos detalhes, define aquele período como um momento especial na sua vida.

Com o seu jeito alegre de viver a vida, logo cativou a todos no Banco. Como associada, sempre participou das atividades promovidas pela Associação. Hoje, mesmo aposentada desde 1982, ainda mantém os laços de amizade feitos na época em que trabalhava no Banco. Todos os meses Suzete costuma se reunir com outras ex-funcionárias para trocar idéias e colocar as notícias em dia.

Em 1966, incentivada pela Diretoria Social da AF, participou de um concurso que a elegeu princesa do BNDES. “Foi uma época muito divertida. Eu, a Madeline Perez e a Elza – as três princesas eleitas – participávamos de desfiles, chás beneficentes e palestras”, recorda. Ao longo de sua carreira no Banco, Suzete ganhou três placas de honra ao mérito, duas concedidas pelo Banco – quando completou 25 e 30 anos como funcionária – e outra pela AF, em 1982, durante sua festa de despedida do BNDES.

“A AFBNDES é a nossa casa. Nesses 50 anos ela sempre foi uma referência para o funcionário do Banco. Todas as diretorias, utilizando os recursos de que dispunham, sempre procuraram trabalhar pelo engrandecimento da Associação e pela preservação da boa imagem da instituição BNDES”, completa.



Julho de 1973: na gestão de Octávio Madruga, a AFBNDES adquire a sua sede própria, localizada no 5º andar do prédio 52 da Rua Teófilo Otoni.

a voto nas assembléias nem à participação na administração da entidade.

O associado Cândido Rodrigues lembra bem dessa época. Ele ingressou no Banco por meio da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, em 1952, e quando a AF nasceu ele foi um dos primeiros a ingressar na entidade. Por isso, é considerado um associado-símbolo. Em 2003, durante as comemorações dos 49 anos da AF, ele recebeu uma homenagem da entidade. “A Associação é a nossa casa. Em todos os momentos da minha vida profissional, ela esteve comigo. E nas minhas conquistas pessoais ela também esteve presente”, relembra.

Primeira festa

Em 29 de outubro de 1954, foi realizada a primeira festa promovida oficialmente pela Associação. Ao som da Orquestra Chuca-Chuca, que recebeu sete mil cruzeiros por quatro horas de show, a AF conseguiu atrair mais de cem pessoas ao salão do Clube Piraquê, com muito frevo e o mergulho inusitado de um

associado nas águas ainda não poluídas da Lagoa Rodrigo de Freitas. Os primeiros serviços que a entidade ofereceu aos associados foram a carteira de empréstimo, o serviço médico e o financiamento de automóveis, origem da atual carteira de consórcios.

O patrimônio imobiliário da AF começou a ser formado em 1964, na gestão de Américo José Ferreira, com a aquisição da Pousada, na época conhecida como Colônia de Férias, em Itaipava, distrito de Petrópolis. Ainda em 1964, já na gestão João Cruz do Couto, o BNDE – por inspiração da AF – estruturou o primeiro plano de financiamento para a compra da casa própria. “Pelo projeto que apresentamos à administração, o benedense poderia adquirir um imóvel sem correção monetária. Para que a proposta fosse aprovada, contamos com as colaborações do conselheiro do Banco Álvaro Magalhães e dos funcionários Jessé Montello e Maria Magdalena Macdowell Reinhoefer”, lembra Couto. Ele também teve um papel importante na criação do SAP – Serviço de Assistência e Previdência –, quando o Banco ainda era uma autarquia. “O SAP pode ser considerado o precursor da Fapes. Era um serviço diretamente subordinado ao diretor-superintendente do Banco. A AF teve uma participação importante junto ao Conselho do Banco para que o SAP fosse implantado”, recorda.

José Alves Barboza, presidente da entidade no período 1970/71, se lembra bem desse período e afirma com convicção que Couto foi o grande responsável, juntamente com sua equipe, pela elaboração da estrutura do sistema. Em seguida, foi criado o FAP – Fundo de Aposentadorias e Pensões. Em 1972, quando o Banco passou de autarquia para empresa pública, foi criado o Sistema de Complementação de Aposentadoria e Pensões – PAP. O custeio desse plano realizava-se por meio da contribuição do BNDE e dos seus empregados. O Banco passava, então, a administrar dois fundos de aposentadoria: o FAP, que abrangia os aposentados autárquicos e os funcionários que não optaram pela CLT, e o PAP, que abrangia os celetistas. Em 1975, foi criada a Fapes – Fundação de Assistência e Previdência Social do BNDES.

Mudando de endereço

Em 1966, o Banco se transferiu para a Avenida Rio Branco 53. E, no ano seguinte, a Associação passou a ocupar algumas salas no 23º andar do mesmo prédio. Antigos funcionários lembram que o espaço destinado à AF variava de acordo com as simpatias ou antipatias que seus dirigentes despertavam na Administração do Banco. No período em que esteve sob a presidência de Luiz Oswaldo Norris Aranha (1966/68), a Associação se viu reduzida a apenas duas saletas, porque ele não aceitou transformá-la em instrumento de punição para funcionários. À época, o Banco pretendia que a Associação só concedesse seus benefícios a associados cujas fichas funcionais fossem consideradas “limpas”, isto é, livres de faltas, licenças para tratamento de saúde ou punições disciplinares.

Isso, segundo alguns associados, motivou a entidade a buscar um espaço maior – e, de preferência, só seu. A solução para o problema veio em julho de 1973, na gestão de Octávio Madruga, que providenciou a compra de um conjunto de 12 salas no prédio 52 da Rua Teófilo Otoni. Com uma área total de 304 m², a AF passou a ocupar um andar inteiro no edifício e assim pôde oferecer mais conforto aos associados.

Na época, a AFBNDES já administrava quatro consórcios, a Carteira de Garantia Imobiliária e o financiamento para aquisição de carros. Também já havia instituído a carta-fiança e concedia múltiplos empréstimos, tais como vales rápidos, empréstimos em consignação a médio e longo prazos, seguros, além de administrar a Pousada e o restaurante, que funcionava na Avenida Rio Branco 53, então sede do Banco.

Em 1974, sob a direção de Jairo Goulart (1974/78), a AF, valendo-se outra vez do financiamento do BNDES, comprou uma ampla área na Barra da Tijuca para nela erguer sua sede social: o Clube da Barra. Coube ao próprio Jairo, em 1977, a honra de inaugurar a bela sede, projetada pelo arquiteto Manuel Siqueira Marques. Sua gestão foi marcada também pela insti-

A partir da década de 70, a AFBNDES reafirma o seu papel de representante dos funcionários do Banco.

tucionalização do “Jairão”, um programa de empréstimo concedido anualmente, em abril, para pagamento em quatro parcelas, sem juros ou correção monetária, a partir de setembro. Uma façanha considerada impossível nos dias de hoje.

Anos difíceis

De simples órgão recreativo em suas origens, a AF já assumia, na década de 70, o papel de instrumento de apoio e proteção de seus associados, cujos reflexos se faziam sentir na vida do quadro social. O período de fechamento das instituições políticas no Brasil teve conseqüências na vida da AF, tornado-a ainda mais sensível às pressões no sentido de permanecer como uma entidade meramente recreativa, sem nenhuma característica de órgão de representação dos fun-

cionários. Era total a intransigência da Administração do Banco frente a qualquer movimento reivindicatório dos funcionários: tudo era encarado com desconfiança e, às vezes, com agressividade, situação que perdurou até meados dos anos 70. Influenciados pelo clima de mudança no país, funcionários que acabavam de ingressar no Banco começaram a propor a realização de debates, palestras, painéis e outras atividades relacionadas com questões nacionais e com a instituição e seu corpo funcional.

Comissão Cultural

Em setembro de 1978, foi formada uma comissão cultural composta por representantes de cada um dos subgrupos formados pelo antigo Grupo de Apoio à Diretoria Cultural da AF: Cineclube, Biblioteca e



**Setembro de 1979:
os contínuos do BNDES
promovem
assembléia para
reivindicar progressão
funcional.**

Os associados e a AFBNDES

“Cinquenta anos é uma data para ser comemorada, pois mostra a importância da Associação no dia-a-dia do funcionário do BNDES.

Todos nós,
benedenses, estamos
de parabéns.”

Kátia Bonard



“Desejo que a AFBNDES prossiga a sua trajetória de sucesso, oferecendo mais serviços e buscando estar sempre ao lado do funcionário do Banco.”

José Calazans

Discoteca, Teatro e VÍNCULO. A finalidade básica da Comissão foi a de prestar assessoramento à Diretoria Cultural, buscando a integração dos associados e o enriquecimento das atividades culturais. Os integrantes do grupo que trabalhava com o VÍNCULO, por exemplo, discutiam pautas, encaminhavam artigos, palavras cruzadas, “dicas” para colunas e ainda incentivavam o envio de material para concursos de humor e poesia.

Nesse período, durante a gestão Costa e Silva (1978/80), como lembrou Joel de Farias Neto em texto publicado no VÍNCULO, na época do 35º aniversário da Associação, os novos tempos invadiram a entidade: “Os contínuos lutavam por progresso funcional e por igualdade de tratamento nos programas da Fapes; os auxiliares administrativos lutavam por concurso de acesso; grupos organizavam debates, projeções de filmes e discussão de temas variados para publicação no VÍNCULO (que ganhou nova dinâmica); outro grupo iniciou uma série de trabalhos que resultou na adoção do programa de reembolso com despesas de creche e por aí a fora!”

A partir dessa época, a AF nunca mais negou seu papel de representante dos funcionários no debate de questões que lhes dizem respeito – sem deixar de lado atividades a que já se dedicava anteriormente, como lazer, esporte, cultura e serviços. Nesse caldo de cultura,

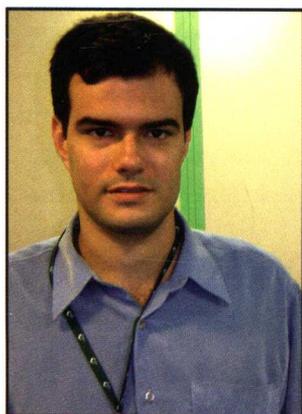
nasceu o movimento Participação, que elegeu Ivo Galvão por dois mandatos (1980/84) e aprofundou a presença dos funcionários na condução dos destinos da entidade.

De lá para cá, foram muitas as lutas e os movimentos liderados ou apoiados pela AF: a mobilização pela extensão do programa de creche aos funcionários-pais, em 1980; a batalha em favor do pessoal admitido no BNDES após o Decreto-Lei 2.100; a participação no congresso de fundação da CUT, em 1983; a integração

no movimento das estatais e na campanha “Diretas Já”; a assinatura do primeiro acordo coletivo da história do Banco, no início de 1986, durante o primeiro mandato de Sandra Maria de Souza (1984/1988); a

paralisação contra as demissões no Banco, em 1990, quando Antônio Saraiva acabara de ser reeleito para a Presidência da AF; a defesa do concurso público para ingresso no Banco; e as ações judiciais impetradas na Justiça em temas diversos: resolução da questão da hora extra; passivos trabalhistas decorrentes de planos econômicos; defesa do patrimônio da Fapes etc.

Início dos anos 80: o clima de mudança no país chega ao Banco e a AFBNDES passa a refletir os anseios dos funcionários por novos tempos.



“Como recém-chegado ao Banco, fiquei surpreso ao ver uma entidade dinâmica, cheia de atividades. Espero que esses eventos continuem nos outros anos.”

Daniel da Hora Lima



**Janeiro de 1980:
Ivo Galvão é eleito presidente da AFBNDES. Era o início do movimento Participação à frente da entidade.**



A participação efetiva dos associados nas assembleias promovidas pela AFBNDES demonstra o grau de representatividade da entidade.

Dissídio coletivo

O movimento dos trabalhadores do BNDES, liderado pela AFBNDES e pelo Sindicato dos Bancários, teve no dia 29 de novembro de 1989 um marco histórico. Na manhã desse dia, em Brasília, os ministros do Tribunal Superior do Trabalho (TST) decidiram que o funcionalismo da instituição também tinha direito a um reajuste salarial de 152,35%, relativos à diferença do IPC acumulado de setembro de 1988 a agosto de 1989, e 4% a título de produtividade. Pela primeira vez na história do Banco, questões de natureza salarial eram decididas no âmbito da Justiça do Trabalho. A experiência do dissídio coletivo, possibilitada pelo advento da Constituição de 1988, que permitiu a sindicalização dos funcionários do BNDES e, conseqüentemente, a condição jurídica de virem a ingressar numa categoria profissional para efeito de representação sindical – no caso, a categoria bancária –, aproximou os funcionários do BNDES dos colegas do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, com tradição em lutas reivindicatórias e em batalhas jurídicas desse tipo.

Esse novo patamar alcançado com a filiação ao Sindicato dos Bancários significou, também, que a estipulação de novas condições de trabalho não mais dependeria da boa vontade dos dirigentes da empresa. Essas condições poderiam ser estabelecidas, com a participação do Sindicato, mediante acordo coletivo de trabalho ou por meio de dissídio coletivo.

Marcos na história



Nesses 50 anos, a AFBNDES e o BNDES testemunharam coisas demais. Getúlio Vargas deixou a vida para entrar na história; JK implantou a política desenvolvimentista e construiu Brasília; Jânio renunciou e mergulhou o país em crise sem precedentes; Jango assumiu, mas acabou deposto, em 1964, pelos militares; e o AI5, em 1968, escancarou a ditadura no Brasil.

Pouco depois, o “milagre econômico” fantasiou as perspectivas do país, até que

Crise financeira e a busca da autonomia

Em setembro de 1990, um decreto editado pelo governo federal golpeava violentamente as finanças das Associações de Funcionários do Sistema BNDES. O Decreto 99.509 proibiu as empresas públicas de efetuarem qualquer tipo de contribuição às associações ou clubes formados por seus empregados. Sem recursos do Banco, a AF precisou traçar novos caminhos para superar a perda de aproximadamente 58% de sua receita ordinária: da suspensão de benefícios aos associados (auxílios, reembolsos e empréstimos) à convocação de uma Assembléia Geral Extraordinária para decidir, em

caráter emergencial, o aumento das mensalidades dos sócios efetivos.

Contudo, o fim da contribuição do BNDES obrigou a Associação a buscar a tão sonhada independência, assumindo total autonomia financeira em relação ao Banco. Os desafios que surgiram pela frente a partir dessa data foram encarados com coragem e, principalmente, com a participação ativa do quadro social, até porque, como escreveu Joel de Farias Neto, em texto publicado no VÍNCULO número 188, de agosto de 1989, “não há Associação sem associados”.

do Brasil ao longo dos últimos 50 anos

a crise do petróleo conduziu o Brasil à realidade recessiva. A abertura fez o povo respirar; a anistia trouxe de volta o irmão do Henfil; o movimento sindical, a partir do ABC paulista, ressuscitou; a campanha “Diretas Já” resgatou a cidadania popular; a eleição de Tancredo criou esperanças; o governo Sarney decepcionou; a nova Constituição foi promulgada; e a eleição presidencial, depois de quase 30 anos de hiato, trouxe-nos a normalidade democrática.



Combatendo a corrupção deslavada, os “cara-pintadas” foram às ruas e Collor sofreu *impeachment* histórico. Itamar assumiu; veio o Plano Real, os oito anos de FHC e a diminuição do papel do Estado na economia. Em 2002, a eleição de Lula encheu o povo de esperanças, mas seu governo ainda não disse a que veio.



Em todo esse tempo, o BNDES se configurou como uma das mais respeitadas agências de fomento do mundo – notadamente pela qualidade de seu corpo funcional. A AFBNDES, por sua vez, continua ao lado da instituição e de seus associados, fazendo sua parte na História.

As sedes

A primeira sede administrativa da AFBNDES, em julho de 1954, era localizada no Edifício Emda, na Rua Sete de Setembro 48. Em 1975, a Associação ocupou um conjunto de salas no prédio 52 da Rua Teófilo Otoni. A terceira sede viria em novembro de 1983, no 12º andar do Edifício da Associação dos Empregados do Comércio, na Avenida Rio Branco 120. Lá ficaria para a história o famoso Botequim da AF, que durante alguns anos viria a ser o grande ponto de encontro dos benedenses. A sede contava com 442 m² – sendo a área coberta de 330m² e 112 m² ao ar livre.

No final de 1989, a AF se mudaria para o 4º andar da Rua Buenos Aires 100. Com uma melhor divisão das salas, que facilitaria o atendimento aos associados e o próprio dia-a-dia dos empregados, a nova sede só não dispunha de uma área que viesse a substituir o Botequim. Embora alguns associados considerassem o novo endereço distante do Edserj, eles também admitiam ter maior conforto. A racionalização do espaço, feita com a ajuda do arquiteto Flávio Caxiano, permitiu maior tranquilidade e um bom ambiente para o trabalho.

Em 1991, houve a mudança para a Avenida Almirante Barroso 91, 7º andar. Em 1992, a AF se mudaria mais uma vez em busca da proximidade com o Banco. O novo endereço era a Senador Dantas 117, 2º andar. Lá, funcionaria, estrategicamente, a Diretoria, a Secretaria e a redação do VÍNCULO. Os demais departamentos, como o Atendimento, foram transferidos para o mezanino do Edserj. Só em 1995, com a obtenção de um espaço maior, toda a AF passaria a funcionar no prédio-sede do Banco no Rio de Janeiro.

Bené



Em 1985 é criado o “Bené”, o personagem símbolo do início da negociação coletiva no Banco. Ele nasceu do esforço de um grupo de funcionários – Ângela Bacelar, Armando José Leal, João Ferrão, Sérgio de Paula, Jacques Gruman, Rafael da Rocha Teixeira, entre outros – empenhados em popularizar o movimento dentro da empresa. Buscou-se uma figura que representasse o pensamento do corpo funcional e que se identificasse com seus integrantes. Enfim, um empregado como outro qualquer. Definida a idéia central, foi entregue o trabalho de ilustração a Márcio Verde – que já havia colaborado no VÍNCULO com a coluna “Modos de Vida”, juntamente com José Luiz Corrêa Cardozo.



No período de 1983 a 1989, quando a AFBNDES funcionava no 12º andar da Avenida Rio Branco 120, o Botequim da AF se tornou o ponto de encontro dos benedenses.

1954



Ed. Emda, Rua Sete de Setembro 48 (3º andar).

1967



Avenida Rio Branco 53 (23º andar).

1973



Rua Teófilo Otoni 52 Sede própria (5º andar).

1983



Avenida Rio Branco 120 (12º andar).

O restaurante do Banco e a administração da AFBNDES



tro”. Até que houve a incompatibilidade entre a capacidade instalada e o nível de demanda.

No início, a gestão foi entregue a terceiros, na forma de administração direta. Várias tentativas resultaram na desistência do grupo que explorava o negócio, sob a alegação de prejuízos sistemáticos. Depois, adotou-se o regime de administração indireta, introduzindo-se a AFBNDES como elemento de ligação e fiscalização das suas atividades. Em outubro de 1974, a AF assumiu a administração do restaurante.

A instalação do restaurante “Bandeirão” no então BNDE ocorreu em 1966, quando o Banco já contava com 600 funcionários. Sua estrutura técnico-operacional foi concebida e implantada para atender a uma demanda de 250 pessoas. Enquanto o Banco crescia “por fora”, a unidade do restaurante se redimensionava, crescendo “por den-

miu a administração do restaurante. No início, foi explorado um serviço único de bandeja e posteriormente foi introduzido o serviço *à la carte*. Numa terceira fase, foi criado o serviço VIP, por recomendação da Administração do Banco. No final dos anos 80, já no Edserj, o restaurante foi extinto e o Banco passou a oferecer tíquetes-refeição.

1989



Rua Buenos Aires 100
(4º andar).

1991



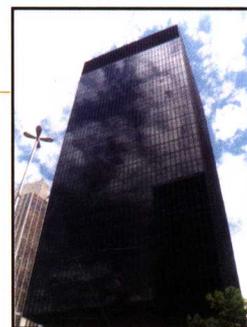
Av. Almirante Barroso 91
(7º andar).

1992



Rua Senador Dantas 117
(2º andar).

1995



Av. Chile 100 (Edserj),
sobreloja-mezanino.

Identidade visual



Este é o primeiro símbolo da AFBNDES de que se tem notícia. As primeiras carteiras de associados já apresentavam o logotipo ao lado. Em meados dos anos 60, a Associação mudou a sua identidade visual, passando a utilizar as letras “A” e “F” vazadas,

destacando, embaixo, o nome do Banco. João Cruz do Couto, presidente da Associação no período 1964/66, recorda que o símbolo foi feito pelo arquiteto e funcionário do Banco Hélio Brasil.



Mais de três décadas depois, em abril de 1996, a AF redesenhou a sua logomarca, com o objetivo de modernizá-la e atualizar a sigla, passando a adotar o “S”, acrescentado ao nome do Banco em 1982. “Foi realizado um reestudo da antiga marca, deixando o “F” mais verticalizado. Com essa pequena alteração, a marca rejuvenesceu sem perder

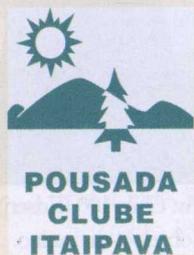
a identidade visual que os associados já tinham com a entidade”, explica o gerente de marketing da AF, Ricardo Torregrosa.

As mudanças ocorreram também na sede campestre – que passou a se chamar Pousada Clube Itaipava – e na sede social, que ganhou oficialmente o nome de Clube da Barra. Os novos nomes foram registrados no INPI – Instituto Nacional de Propriedade Industrial.

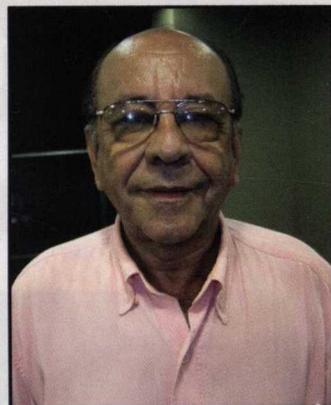
Este ano, para comemorar o seu cinquentenário, a AFBNDES lançou um selo comemorativo, que está sendo usado em todas as atividades promovidas pela entidade.



1954 • 2004



Sinais de um novo tempo: em 1996, a Pousada Clube Itaipava e o Clube da Barra ganharam logomarcas próprias.



“Por ter participado do nascimento da AFBNDES, me enche de orgulho ver como a entidade cresceu. Desejo que os novos funcionários do Banco saibam reconhecer o valor da AF e venham a caminhar juntos, para torná-la ainda mais forte.”

Elpidio Coimbra

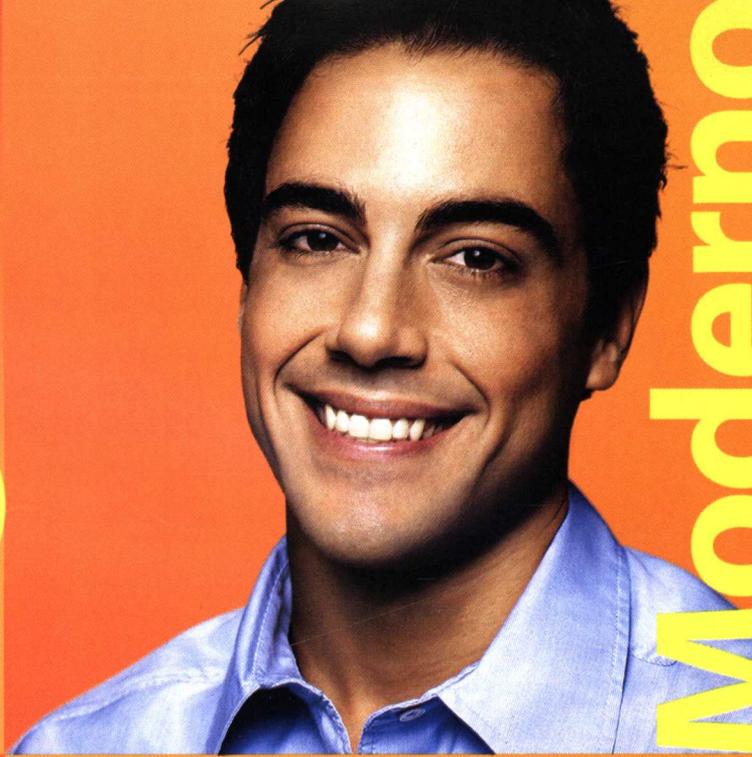


“A AFBNDES desempenha um papel importante na nossa vida, se mantendo à frente das questões ligadas aos funcionários do Banco. E, no que diz respeito ao lado social, eu e minha família temos muitos bons momentos para recordar. Meus filhos cresceram na Pousada Clube Itaipava e eu faço parte do Coral da AF. Enfim, é uma entidade sempre presente.”

Maria Eunice Coelho

DFZ

Com pleto



Moderno



Conveniente

*Proposta sujeita a aprovação.

Seja Cliente Itaú.

O Itaú tem mais de 2.200 agências, mais de 19 mil Caixas Eletrônicas, todas as opções de investimentos, crédito sem burocracia e uma completa linha de produtos. Está no Brasil todo e também está na internet e no telefone. É um banco completo, transparente e que, ainda por cima, foi feito para você. Abra já sua conta*. Ligue 0800 17 4828, acesse www.itaubr.com.br ou fale com o Gerente Itaú.



feito
para
você

O que era notícia em

Horóscopo, guerra, greves,

“**P**ense antes de tomar qualquer atitude importante.” Esse era o conselho contido no horóscopo do dia 14 de julho de 1954 – uma quarta-feira –, na coluna de variedades do jornal *Última Hora*, aos nascidos em Câncer (21/6 a 21/7). Já viu a responsabilidade do primeiro presidente da AFBNDE?

Para os gulosos, o mesmo jornal oferecia receitas de dar água na boca: lombo de porco; assado com creme; pudim de pão com recheio de maçãs. Delícia, não? Deliciosa também era a programação cultural do *Correio da Manhã*: Nelson Gonçalves ("o cantor da atualidade") era apresentado por Linda Baptista no Plaza Copacabana Hotel. Consuelo Leandro e Angelita Martinez faziam sucesso em *Sua Majestade o Amor* (revista moderna de J. Maia e Max Nunes), na boate Night and Day. O saudoso Grande Otelo fazia das suas no Teatro Jardel, com *Esta Vida é um Carnaval*, e Dercy Gonçalves arrancava gargalhadas no Teatro Dulcina, com a peça *Uma Certa Viúva*.

Outra viúva, a "Alegre", era anunciada com destaque no Metro, trazendo à frente Lana Turner e Fernando Lamas. No Palácio, Richard Burton e Victor Mature, em cinemascopo, arrastavam multidões para ver *O Manto Sagrado*. E no Cine Odeon, o futuro (quem diria?) presidente dos EUA Ronald Reagan – numa dobradinha com Doroty Malone – arrepiava com *Duelo de Morte*.

Ladrões florais

Enquanto no Rio de hoje o total de mortes por assassinato é maior que o de vítimas fatais no trânsito, em 14 de julho de 1954 o *Jornal do Brasil* noticiava que o bairro de Santa Teresa estava sendo "visitado" por um bando de apreciadores de plantas e flores – recebendo o apelido de “ladrões flo-

rais”. No mesmo dia, o *Correio da Manhã* noticiava a prisão de um punquista numa churrascaria, quando portava uma carteira funcional da guarda civil. Segundo o diário, o malandro começara essa atividade quando tinha 15 anos “e tomou gosto pelo ofício”.

Em dias como os nossos, em que a PM monta operação de guerra nos túneis da cidade para impedir desavergonhados assaltos à mão armada, soa inocente o pedido que o chefe de polícia do Rio fazia à população, por intermédio da *Última Hora*. “Tragam-nos para que eles sejam adestrados convenientemente para a segurança de todos” – referindo-se a cães amestrados que seriam utilizados no policiamento da cidade.

Indochina

Era uma época difícil na Europa e na Ásia. Período em que se discutia o acordo anglo-americano para conceder soberania à Alemanha Ocidental (a Segunda Guerra havia terminado há menos de dez anos); em que se debatia a “guerra biológica”; em que a França comemorava a queda da Bastilha e via morrer mais de 90 mil homens na Guerra da Indochina, que libertaria o Vietnã e faria desmoronar um dos pilares do colonialismo francês. Essas eram notícias do dia 14, assim como o baile no Clube dos Embaixadores homenageando a colônia francesa residente no Rio de Janeiro pela data festiva (?).

Já o Brasil – vivendo a véspera da grande crise nacional que levaria ao suicídio o presidente Getúlio Vargas – embarcava na Guerra Fria. No Senado Federal, localizado no Palácio Monroe (demolido mais tarde), denunciava-se o *namoro* de Vargas com o comunismo. A *Última Hora* noticiava a libertação da “jovem comunista” Raquel Lobo, presa havia cerca de uma semana depois de estar com prisão preventiva decretada no processo cujo principal acusado era Luís Carlos Prestes. Enquanto isso, o Ibope denunciava fraudes eleitorais nas eleições de 1950.

14 de julho de 1954

classificados, futebol...



Não podiam faltar, é claro, notícias de interesse dos trabalhadores, num momento de grandes protestos populares: “Empregados e patrões traçam os rumos da previdência”; “Pleiteará maiores salários o Sindicato dos Chapeleiros”; “Greve do pessoal do Lloyd Brasileiro. Vários navios paralisados no porto”; “Exclusão do Brasil do Conselho Permanente da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para possibilitar ingresso da Rússia” etc.

Classificados

Em 14 de julho de 1954, podia-se comprar um terreno “à margem da mais linda praia, em frente a Copacabana. Muita gente construindo e morando no local. Preço a partir de Cr\$ 18.000,00, entrada de Cr\$ 300,00, sem juros”. Ou um Chevrolet 1949: “Vendo por ter recebido um carro novo, 4 portas, preto.” Podia-se percor-

rer outros anúncios nas páginas dos jornais: “Refrigerador Frigidaire – na Residência Moderna ou tradicional”; “Colchões de Mola Drago – feito na medida certa para a sua cama”; “Magnésia S Pelegrino – purgante, refrescante, antiácida”; “Casa José Silva – o cartão de visita do homem elegante” etc. etc. etc.

Futebol

Após ter sido eliminado pela Hungria de Puskas na Copa de 54, disputada na Suíça, o futebol brasileiro – o carioca em particular – tentava reagir: o Vasco da Gama e o Botafogo se preparavam para um torneio na Colômbia. O Flamengo (campeão em 1953) e o

Fluminense treinavam para o triangular que seria disputado com o La Coruña, no Maracanã. Era época de Evaristo, Esquerdinha, Zagalo, Vavá, Sabará, Barbosa, Belini, Castilho, Pinheiro, Didi, Nilton Santos e tantos outros craques da nossa história.

14 de julho de 1954 era dia de saber o resultado da primeira apuração do concurso “A artista mais elegante do Brasil”, idealizado pela revista *Fon-Fon*. Em 1º lugar estava Agnes Fontoura (cinema); em 2º, Marlene (rádio e teatro); e em 3º, Emilinha Borba (rádio). Era dia de noticiar o “Drama conjugal do Trio de Ouro”, que aconteceria na 3ª Vara de Família, com a separação de Herivelto Martins e Dalva de Oliveira. Era Dia de São Camilo de Lélis – que até hoje nos guarda.

* Texto publicado no VÍNCULO 213, de 14 de julho de 1994, quando a AFBNDES completava seu 40º aniversário.



Pousada Clube Itaipava

A primeira conquista da AFBNDES

“Um vale emoldurado por elevações elegantemente sinuosas, às margens de um riacho cristalino...” Assim o associado Israel Blajberg – em sua crônica publicada na edição 613 do VÍNCULO, de 18 de dezembro de 2002 – traçava um quadro de como era, algumas décadas atrás, a área onde foi construída a Pousada Clube da AFBNDES, localizada em Itaipava, distrito de Petrópolis.

Adquirida em 1964, na gestão de Américo José Ferreira, um mês antes de ele concluir o seu mandato, a Colônia de Férias – como era chamada – já vinha sendo arrendada pela Associação havia cerca de oito anos. Ela foi a primeira aquisição patrimonial da AF, adquirida por meio de financiamento do BNDES. Logo em seguida, ao assumir a Presidência da Associação, João Cruz do Couto consolidou a compra do imóvel, negociada diretamente pelo então diretor econômico Hélio Gusmão. Mas a escritura

definitiva só sairia em 1969, quando o presidente da entidade era Aníbal José Fernandes Guimarães.

Couto lembra que, durante a sua administração, enfrentou cinco questões judiciais relativas ao terreno e ainda teve de encontrar uma solução para o problema da passagem de moradores vizinhos, que se dava por dentro da propriedade. Para tanto, cercou a área e contratou um advogado que trataria especificamente dessas questões.

Por causa de ações semelhantes, Couto chegou a ser ameaçado de morte, à faca, quando cortou a luz que ilegalmente “puxavam” da unidade, onerando-a. “No período em que fui presidente, tomamos uma providência que não poderia ser adiada. Acabamos de vez com o trânsito indevido de estranhos por dentro da colônia e desafiamos o furto de energia elétrica. Demos um prazo para acabarem com o *gato*. Eu e o Hélio tentamos resolver o caso da forma mais prática, cortando a luz, e por pouco não fomos mortos”, recorda com bom humor.

O aposentado Cândido Rodrigues, um dos associados fundadores da AF, viveu bem aquela época e recorda que, no período da aquisição do imóvel, o proprietário – um médico português conhecido como doutor Machado – chegou a negociar com um outro interessado. “Havia duas promessas de compra e venda. Quando a AF foi concretizar a negociação, apareceu outra pessoa que alegava ter prioridade na compra do terreno. O impasse foi parar no Fórum de Petrópolis, onde o juiz tomou uma decisão: aquele que apresentasse primeiro a comprovação de que já havia efetuado o pagamento ficaria com o imóvel. A AF foi mais rápida e ficou com a Colônia”, lembra. Madame Machado, esposa do médico e proprietária de muitas terras no local, teve mais tarde o seu nome dado ao bairro onde está localizado o terreno de 16 mil metros quadrados.

Mudanças

A Pousada traz consigo muitas histórias. Uma delas conta que os quartos localizados na ala mais antiga da unidade eram um estábulo, daí o motivo de as janelas serem mais altas. Anos depois, o local seria transformado em um internato. A construção, em estilo colonial, remonta ao tempo dos escravos e durante todos esses anos passou por várias reformas, sempre visando oferecer mais conforto aos associados, mas sem perder suas características originais.

O passar do tempo impôs algumas mudanças ao distrito de Itaipava. A densidade demográfica, aos poucos, mudou o cenário de colinas verdejantes. O lago que ficava no fundo do terreno, repleto de carpas, já não existe mais, nem o viveiro de aves e coelhos, que encantou, durante algumas décadas, os filhos dos associados. Contudo, uma

figueira centenária, de aproximadamente 40 metros de altura, permanece no local, testemunhando todas as mudanças impostas pelo tempo.

Desafios

Em 1990, a implantação do Plano Collor – e com ele o bloqueio de parte significativa dos recursos da Associação – dificultou o planejamento das atividades sociais, culturais e esportivas da AF, assim como as obras de manutenção e ampliação patrimonial no Clube da Barra e na Colônia de Férias de Itaipava. Mas o grande golpe nas finanças da entidade ainda estava por vir.

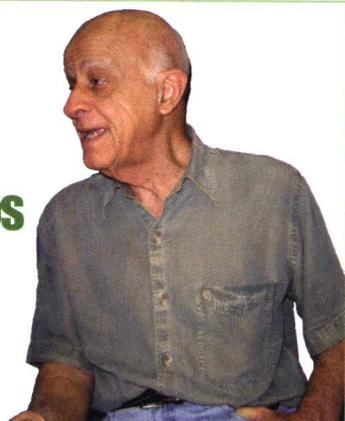
Em setembro de 1990, o Decreto 99.509, editado pelo governo federal, proibiu as empresas públicas de efetuarem qualquer tipo de contribuição a associações ou clubes formados por seus empregados. A AF estava vivendo a maior crise financeira de sua história, pois via desaparecer, num passe de mágica, o equivalente a 58% de toda a sua receita ordinária. Emergencialmente,

Em maio de 1996, a decisão de substituir oficialmente o nome da Colônia de Férias para Pousada Clube Itaipava marcaria de vez essa nova fase da unidade.



O canto dos pássaros, o colorido das hortênsias, o ar puro e o silêncio são motivos de sobra para passar umas férias na Pousada Clube Itaipava.

A Pousada e seus desafios iniciais



“ Quando assumi a Presidência da Associação, em 1964, a entidade tinha acabado de concretizar a compra da Pousada pelo Américo Ferreira, meu antecessor. Eu e meu diretor econômico, Hélio Gusmão, tivemos de superar alguns obstáculos para fazer do local uma verdadeira sede campestre.

Proibir a passagem de pessoas estranhas por dentro do terreno e pôr fim ao roubo de energia elétrica por parte de alguns moradores vizinhos nos causaram muita dor de cabeça. Mas hoje, quando vemos a Pousada com sua excelente infra-estrutura, nos dá orgulho e satisfação saber que também demos a nossa parcela de contribuição.”

João Cruz do Couto



“A Pousada Clube Itaipava tem um enorme potencial a ser explorado”.

Rui Celani, diretor patrimonial (2002/04)

foi aprovado, em Assembléia Geral, um aumento da contribuição social por um período de seis meses. Com isso, a Associação conseguiu respirar, mas o desafio de adequar sua estrutura à nova realidade permanecia de pé. A Colônia passou a não ter a manutenção necessária e durante um bom período registraria uma queda acentuada no número de visitantes. Tempos difíceis que exigiram dos dirigentes muita criatividade e jogo de cintura. Eficiência e economia de recursos eram as palavras de ordem. A unidade necessitava de uma administração dinâmica, para que todo o seu potencial fosse explorado durante os vários meses do ano.

Em 1994, a Colônia rumava para a profissionalização, na busca de atrair novos negócios que a tornassem auto-sustentável. "Partimos para ações mais ousadas. Nesse período, foi criado o cargo de diretor de Itaipava, que permitiu um acompanhamento mais próximo do dia-a-dia da unidade. O apoio dos setores de comunicação e de marketing da entidade propiciou novas oportunidades de negócios: seminários, excursões, festas e parcerias que possibilitariam a geração de receitas e a diminuição de custos", relembra o então diretor Nilson Batista dos Santos.



Acima, a chamada ala nova, construída na gestão de José Alves Barboza (1970/71). O responsável pelo projeto foi o associado Hélio Brasil.

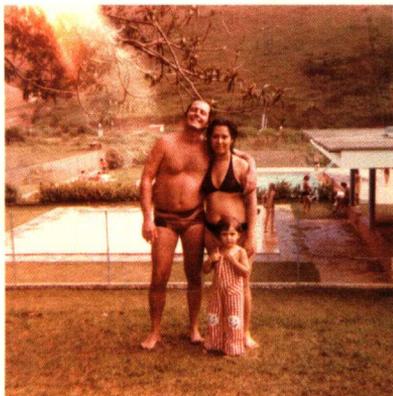
Rumo à profissionalização

Em maio de 1996, a decisão de substituir oficialmente o nome da Colônia de Férias para Pousada Clube Itaipava marcaria de vez essa nova fase da unidade. "O desafio da retomada do equilíbrio se deu na busca de mais eventos. Para isso, foram feitas parcerias com entidades congêneres, para assegurar maior frequência à Pousada", afirma Luiz Antônio Rodrigues, na época diretor financeiro da entidade.

Cada vez mais, os associados encontravam bons motivos para subir a serra e participar dos eventos. Paralelamente, empresas da área de treinamento e de recursos humanos descobririam na Pousada uma vocação em potencial para seminários e atividades que necessitam de isolamento ou pernoite. No ano seguinte, foram construídas duas quadras ao lado do campo de futebol soçaite – uma de futevôlei e outra poliesportiva. Ainda em 1997, a Pousada ganharia um novo bar na piscina, com churrasqueira, e a reforma de alguns quartos da ala do jardim.

A partir de 1999, a AF incrementou a agenda de eventos, ao mesmo tempo que novas reformas eram concluídas. As melhorias nos quartos e o investimento em infra-estrutura e saneamento fizeram crescer novamente a procura. A partir de 2000, a taxa de ocupação voltaria a ser expressiva, com um aumento significativo de atividades. Os Festivais de Queijos & Vinhos passaram a movimentar a Pousada durante o período de clima mais frio. As comemorações de datas especiais, como o Dia das Mães, o Dia dos Pais e a Páscoa, além do tradicional *réveillon* e das festas caipiras, foram intensificadas.

O desejo de torná-la um lugar cada vez mais agradável faz com que novos projetos surjam a cada dia. A construção de uma quadra de tênis e de uma quadra poliesportiva coberta são algumas das aspirações, entre tantas outras pleiteadas pelos associados. Mas a Pousada também tem uma ligação emocional com a nossa comunidade. Alguns funcionários do Banco chegaram a passar a lua-de-mel na unidade, como é o caso do colega Célio Ferreira, que nutre por ela um sentimento especial. Muitos associados manifestam o



Na foto ao lado, o associado Getúlio Vargas de Avellar, na Pousada Clube Itaipava, em 1970, ao lado da mulher e da filha, que cresceu brincando no lugar.

“A Pousada e minha família”

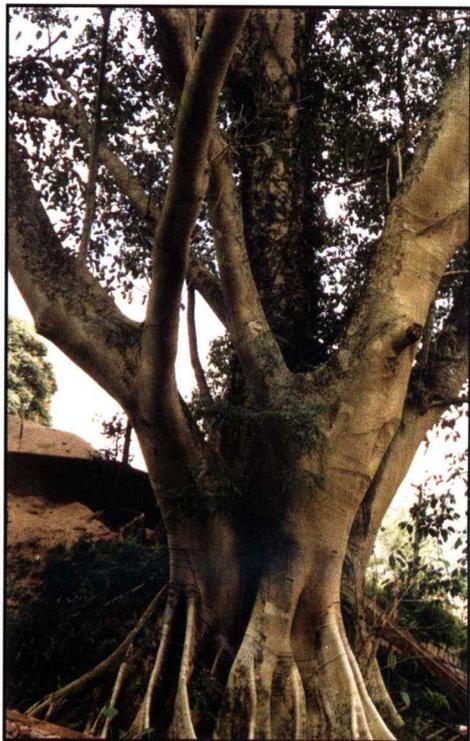
“A Pousada Clube Itaipava faz parte da minha vida e da de minha família. Há 38 anos frequentamos a sede campestre e lá vivemos bons momentos. A minha filha, que hoje já está casada, cresceu ali, curtindo a natureza, a piscina e o *play*. Houve vezes em que subíamos a serra somente para almoçar.

Outro momento que retrata bem essa relação de amor com a Pousada se deu em 2000, quando meu pai estava para comemorar 100 anos de vida. Para hospedar os parentes que vieram de várias partes do Brasil, não pensamos duas vezes: alugamos todos os quartos da Pousada, que presenciou um dos momentos mais felizes de nossas vidas.

Como o meu pai era um decano da Ordem dos Advogados do Brasil, a confraternização, para a nossa surpresa, atraiu a atenção da mídia. O *Jornal do Brasil* e *O Globo*, além da revista *Manchete*, publicaram amplas matérias sobre o aniversário.

Desejo, neste cinquentenário da AF, que a entidade continue trilhando por esse caminho vitorioso.”

Getúlio Vargas de Avellar



O lago artificial, que durante alguns anos fez parte do cenário da Pousada Clube Itaipava, já não existe. Mas a figueira centenária, que inspirou o associado Israel Blajberg a escrever um de seus artigos para o VÍNCULO, permanece de pé.

seu amor pela Pousada das mais diferentes formas, como Israel Blajberg, em sua crônica citada no início desta matéria. Sempre que se fala na Pousada, Israel lembra da sombra generosa da figueira e da alegria das crianças à sua volta. Para ele, a história da Pousada se confunde com a própria história do Banco e os funcionários mais novos, com o passar do tempo, aprenderão a apreciar o seu valor.

Assim como a frondosa figueira centenária permanece arraigada no vale onde um dia suas sementes foram germinadas, a Pousada Clube Itaipava está enraizada no coração benedense. Testemunha de incontáveis momentos de lazer, ela guarda as lembranças do passado sem esquecer o presente, sempre de braços abertos para recepcionar todos aqueles que a visitam.

Barboza e a piscina da Pousada



“ A Pousada, durante a minha gestão (1970/71), passou por uma ampla reforma, com o aval do Banco. Reativamos a piscina e construímos uma nova ala de apartamentos, realizando melhorias na ala antiga, de estilo colonial. O arquiteto Hélio Brasil projetou toda a obra. Também implementamos a parte social, promovendo churrascos, retiros no período de carnaval e outras festividades que atraíssem o associado.

Durante o tempo em que fiquei à frente da Associação, ocorreu um fato inusitado do qual muitos associados provavelmente se recordarão. Certa vez fui à Pousada inaugurar o escorregador, recém-instalado na piscina. Muita gente foi prestigiar e a garotada estava ansiosa para experimentar o brinquedo. Em determinado momento, para surpresa geral, decidi conferir de perto a nova atração. Lembro-me de ter avisado para as pessoas mais próximas que eu não sabia nadar, mas ninguém pareceu me levar muito a sério.

Desci no escorrega, caí na água e fiquei submerso, sentado e imóvel, durante alguns segundos, que pareceram uma eternidade. Foi quando um associado percebeu que eu não estava brincando e mergulhou para me tirar da água. Em seguida, quando indaguei o porquê da demora em prestar socorro, as pessoas que estavam à minha volta, curiosas com o fato, me explicaram que bastaria eu ter ficado de pé na piscina e estaria a salvo. Após essa explicação, não me restou outra coisa senão cair na gargalhada também. ”

José Alves Barboza

Lembranças

Na Gestão Francisco Augusto Costa e Silva (1978/80), foi construído, nos fundos do terreno da Pousada, um belo lago artificial, onde foi colocada uma grande quantidade de carpas. O lago acolhia a água de uma pequena cachoeira, que descia pela encosta. Anos depois, uma enchente, que atingiu toda a região serrana, soterrou o lago. Nesse mesmo período, o então gerente da Pousada, um português conhecido como "seu Ferreira", iniciou a criação de aves, como faisões e pavões, além de pequenos animais, como coelhos. Anos mais tarde, com a saída do "seu Ferreira", o viveiro acabou desativado.

Sorteio

A implantação do critério de sorteio, na gestão Sandra de Souza (1986/88), democratizou e possibilitou a todos a mesma chance. Sempre que há um feriado prolongado ou uma data em que a procura pela Pousada excede o número de apartamentos, o sorteio é realizado. Para tanto, o VÍNCULO divulga o período de inscrição para os interessados, além do dia e hora do sorteio. Dessa forma, as chances são iguais para todos.

Homenagem

A Pousada presta, em dois de seus espaços, justas homenagens a dois associados que durante suas vidas tiveram seus nomes fortemente ligados à Pousada. O falecimento do associado e ex-diretor Pedro Paulo Affonso de Menezes, ocorrido em 1998, consternou a todos. Para homenageá-lo pela dedicação que sempre teve pela sede campestre, desde março desse ano as quadras poliesportivas, construídas no ano anterior, receberam o seu nome. Em 2003, a morte de outro frequentador assíduo da Pousada – o associado Expedito Cursino – motivou a Diretoria da AF a homenageá-lo de uma forma que ele seja sempre lembrado. Expedito Cursino teve o seu nome imortalizado no Salão de Sinuca da Pousada Clube, um de seus lugares favoritos.

Atrações na Pousada



As festas caipiras fazem parte das atividades sociais da Pousada Clube Itaipava.

Festas Juninas

Assim como no Clube da Barra, o colorido das quadrilhas, as brincadeiras e comidas típicas também fazem parte da história da Pousada. No decorrer desses anos, associados e familiares marcaram presença nos eventos caipiras realizados pela Diretoria Social da AFBNDES.

Festival de Queijos & Vinhos

A partir de 1999, os Festivais de Queijos & Vinhos passaram a movimentar a Pousada durante o período de clima mais frio. Segundo o diretor social, Geraldo Magela Rismo, o sucesso da iniciativa é tão grande que nos últimos anos a Associação tem realizado dois ou três festivais nesse período.

Réveillon

Com o passar dos anos, o *réveillon* na Pousada entrou na lista dos eventos mais tradicionais da entidade. Todos os anos, a festa é uma opção para quem quer passar a virada de ano fora do Rio com a família, curtindo a tranquilidade, o conforto e a segurança do local.

Ampliações e reformas na Pousada

Durante todos esses anos, a Pousada Clube Itaipava passou por reformas e ampliações, sempre buscando oferecer maior conforto aos visitantes. Na gestão de José Alves Barboza (1970/71) foi construída uma nova ala, com oito quartos no pavimento superior e salão de jogos e sala de TV no térreo. O projeto da obra foi executado pelo arquiteto Hélio Brasil, que também foi responsável pela construção das duas piscinas que existem na Pousada até hoje. O associado Getúlio Vargas de Avellar recorda bem desse período, em que teve uma participação importante na obra. “Naquele tempo, não havia em Itaipava lojas de material de construção. Por isso, o Barboza me contratou para, nas minhas horas de folga, transportar o material num pequeno caminhão que eu tinha”, lembra.



A primeira grande reforma ocorreu 17 anos mais tarde, quando o diretor patrimonial era Paulo Sérgio Altomar. A obra foi realizada em seis meses e restaurou toda a ala antiga da Pousada, construída quando o local ainda era uma fazenda. A unidade recebeu telhas em substituição às placas de amianto e ganhou lajes pré-moldadas. “Reformamos o salão onde hoje é o restaurante e, em cima, construímos um novo salão, que atualmente é o espaço voltado para a realização de seminários. Os apartamentos foram reformados totalmente, recebendo novos forros, janelas, portas e pintura, além de azulejos, pias e sanitários nos banheiros. Todos os apartamentos ganharam uma fachada moderna. As varandas foram ampliadas, ficando com o dobro de espaço. Foi colocado um piso de caco de mármore em substituição ao de cimento liso e, para completar, foi nesse período que construímos o jardim que fica à frente dessa ala”, recorda Altomar, que foi também o responsável pela drenagem do campo de futebol.

A construção do bar da piscina, em janeiro de 1988, veio atender a antiga reivindicação dos asso-

Aos poucos, a Pousada Clube Itaipava foi modernizando as suas dependências. Atualmente, todos os quartos dispõem de televisores.

Desfrutando da Pousada



“ Freqüentamos com certa assiduidade a Pousada Clube Itaipava, pois tanto as instalações como o atendimento são muito bons. Sempre que há uma atividade social, como Queijos & Vinhos e Festa Caipira, por exemplo, lá estamos nós.

Neste cinquentenário da AFBNDES, desejamos que a entidade continue desempenhando o seu papel.”

Maria Luiza Gilbert e Jorge Alves

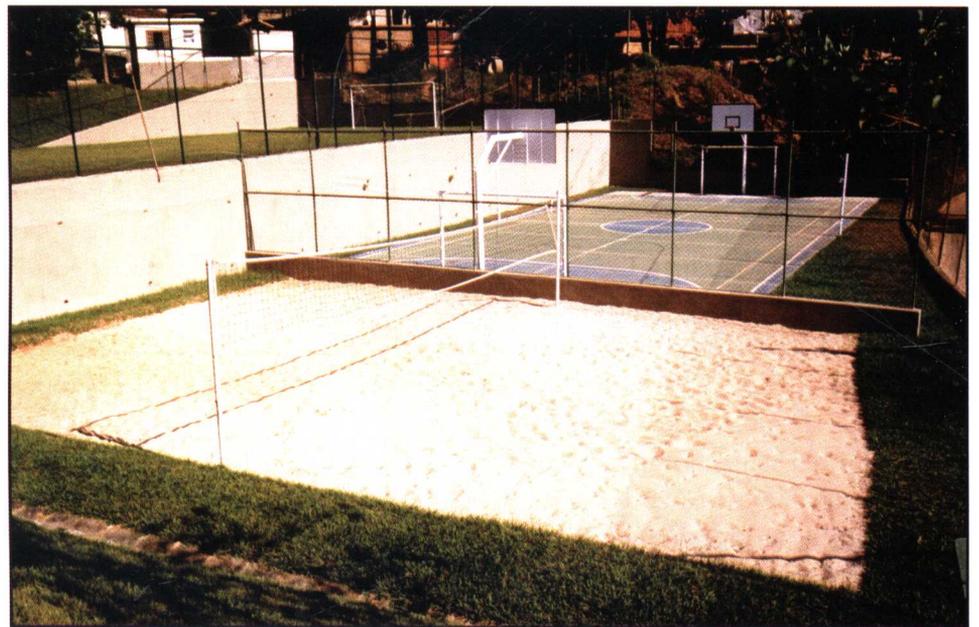


A partir de 1999, a AFBNDES incrementou a agenda de eventos na Pousada, ao mesmo tempo que novas reformas eram concluídas. As melhorias nos quartos e o investimento em infra-estrutura e saneamento fizeram crescer novamente a frequência dos associados.

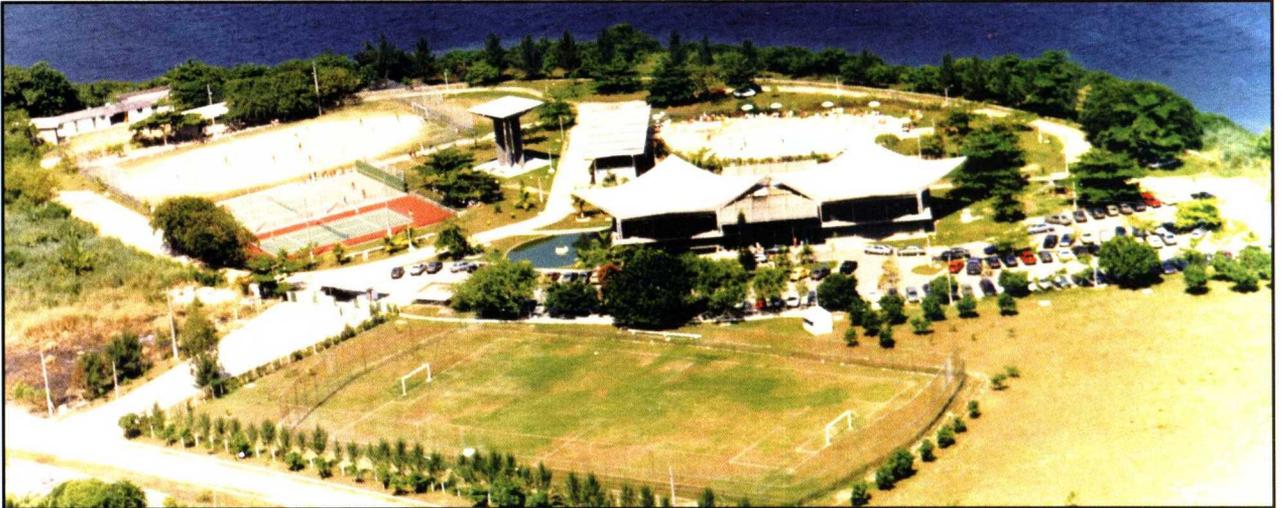
ciados. A sua localização também permite atender aos frequentadores do campo de futebol e da quadra de vôlei. Em 1989, durante o primeiro mandato de Antonio Saraiva à frente da AF e tendo como diretor patrimonial Rildo Raposo, foi construído um novo bloco, projetado pelo arquiteto Flávio Caxiano. Para lá foi transferido o salão de jogos, agora mais amplo e com três ambientes: um para carteados, outro para sinuca, e um terceiro para tênis de mesa, totó e futebol de botão. Localizado na parte mais elevada do terreno, o novo bloco ganhou ainda um bar e um varandão, que se tornou um dos grandes *points* da Pousada. Com isso, o antigo salão de jogos foi transformado em novos apartamentos. A sua localização também permite atender aos frequentadores do campo de futebol e da quadra de vôlei.

Em 1997, na gestão de Hélio Gusmão, foi construída uma moderna quadra poliesportiva para a prática de futebol de salão, vôlei e basquete. À frente das obras, o então diretor da Pousada Nilson Batista dos Santos. Em junho de 1999, quando o diretor patrimonial era Paulo Antônio de Castro, foi inaugurado o novo parque infantil, instalado no antigo estacionamento da

Pousada. No início de 2004, todos os quartos passaram a ter televisores. Rui Celani também é o responsável por importantes obras de infra-estrutura, canalizando o córrego que passava pela Pousada. “O nosso objetivo é oferecer o máximo de conforto para o associado que vem à Pousada em busca de lazer e sossego”, completa Celani.



A construção da quadra poliesportiva, em 1997, veio atender a uma das antigas reivindicações dos associados.



Clube da Barra

A sede social que enche de orgulho os benedenses

Na manhã ensolarada, tipicamente carioca, do dia 19 de junho de 1977, a AFBNDES escreveria mais uma bela página na sua história. Mais de 400 convidados testemunharam a cerimônia oficial de inauguração da sede social da entidade: o Clube da Barra, como ficou conhecido, localizado numa área nobre da Barra da Tijuca vizinha à Lagoa de Marapendi. A cerimônia contou com a bênção das instalações, o hasteamento de bandeira e o descerramento de placa comemorativa, além de um torneio de futebol disputado entre veteranos e novatos. Embora estivesse praticamente pronta, faltando apenas os retoques finais e a contratação de pessoal especializado para a manutenção, a sede estava sendo inaugurada em caráter provisório. Um coquetel e um show com a cantora Beth Carvalho, no dia 10 de setembro desse ano, marcaria o início de seu funcionamento efetivo, com a presença de aproximadamente 1.300 associados e convidados.

Ao longo dos anos, incontáveis festas, shows, eventos culturais e torneios esportivos passaram a agitar o calendário do Clube. Mas, antes de falar sobre isso, vamos retroceder um pouco mais para lembrar o período em que o sonho da sede social começava a virar

realidade. Estamos agora em 1974, quando presidia o BNDES o engenheiro Marcos Pereira Vianna e, à frente da Associação, Jairo Goulart Paiva, ainda no seu primeiro ano de mandato. Durante uma reunião entre eles e seus assessores, Jairo pleiteava algumas melhorias para a Colônia de Férias de Itaipava, quando ouviu de Vianna uma indagação: “Por que a AF não constrói uma sede social aqui no Rio?” A pergunta soou como um desafio, mas diante das palavras de Vianna, se prontificando a colocar o Banco como um grande parceiro nessa empreitada, Jairo topou sem pensar duas vezes.

Logo em seguida, foi formada uma comissão que ficaria encarregada de tratar do assunto, composta pelos engenheiros Amaury Leal de Abreu e Reynaldo Machado Vieira, o jornalista Álvaro Costa e pelo arquiteto Manoel Siqueira Marques, que mais tarde ficaria encarregado de criar o projeto arquitetônico do Clube. A esse grupo se juntaria Emílio Ibrahim, que foi o coordenador durante a execução das obras. “Quando fui convidado para participar da comissão, encontrei as idéias ainda em fase embrionária, pois a proposta inicial seria encontrar, próximo à sede do Banco, uma ampla casa, com um terreno ao lado onde pudesse ser construída uma quadra esportiva. Mas, naquela época,

Comissão de compra do terreno da Barra, reunida em 1975: à direita, em primeiro plano, o engenheiro Reynaldo Machado Vieira, seguido do então presidente da AF, Jairo Goulart. Ao fundo, o jornalista Álvaro Costa. À esquerda, o empresário chinês proprietário do terreno.



já era muito difícil encontrar um imóvel próximo ao Centro da cidade com as condições estabelecidas”, relembra Manoel Marques.

Terreno na Barra

Em meio à procura, surgiu uma casa em Laranjeiras, mas o terreno, em virtude de sua declividade, não era ideal para os planos da comissão. “Procurei descartar de imediato aquela opção, porque o seu aproveitamento era muito restrito. Então, passei a idealizar um programa mínimo para uma boa sede, com piscina, salão de jogos, quadras de tênis e poliesportiva, entre outros atrativos”, conta o arquiteto.

Ele lembra de ter iniciado uma pesquisa para saber dos funcionários do Banco em que local gostariam que a futura sede social fosse erguida. A essa altura, Lúcio Costa havia criado um plano diretor para a Barra, a exemplo do

que tinha feito em Brasília, priorizando as áreas próximas a lagoas para a construção de clubes sociais. Foi quando entrou em cena a participação decisiva de Reynaldo Machado Vieira, presidente da AF no período 1971/72. Homem inteligente e de grande influência junto à presidência do Banco, ele também circulava entre os mais importantes meios sociais do Rio. “Durante um almoço na hípica, onde era diretor, tive um encontro com o chinês detentor de grande parte dos terrenos na Barra. Reynaldo ficou sa-

bendo que aquele empresário imobiliário estava negociando a venda de dois lotes de terras, próximos à Lagoa de Marapendí, onde seria erguido o condomínio Nova Ipanema. De-

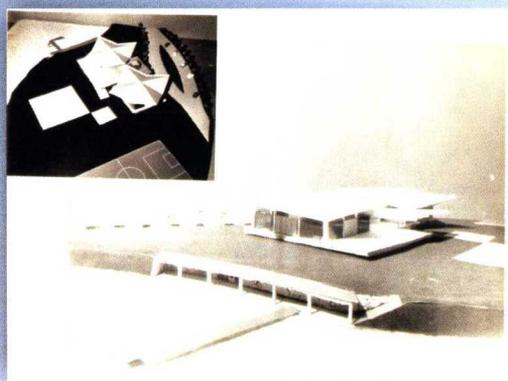
pois de muita conversa, o chinês acabou vendendo um dos lotes para a AF”, recorda Manoel. Com mais de 16 mil m² – na escritura –, o terreno permitiu

A negociação para a compra do terreno na Barra teve início durante um almoço na hípica



“Quando os meus filhos eram pequenos, eu costumava freqüentar o Clube da Barra com mais assiduidade. Lembro-em dos primeiros campeonatos de futebol, dos bailes e até do show da Beth Carvalho, em 1977, inaugurando a sede social da AFBNDES. Atualmente, tenho ido ao Clube da Barra para os tradicionais churrascos entre colegas. Do local só tenho boas lembranças. Este ano, em outubro, o Clube da Barra será palco de mais um importante momento da minha vida: o casamento da minha filha, cuja cerimônia religiosa e a festa serão realizadas lá.”

Murilo Cabral de Brito



Maquete do projeto arquitetônico da sede social da Associação, elaborado pelo arquiteto e funcionário do BNDES Manoel Siqueira Marques.



Fevereiro de 1977: operários trabalham em ritmo acelerado para concluir a obra no prazo previsto. Abaixo, dois destaques do projeto: as construções do castelo d'água e do teto, em copas, dos salões. A integração da estética arquitetônica com o concreto armado.



que ele concretizasse o projeto do Clube com mais amplitude.

Mas ainda havia outro desafio: o plano diretor da Barra permitia o aproveitamento de apenas 10% da área total do terreno e ainda assim em um único pavimento, tendo como base o nível da rua. “1.600 m² era pouco para os planos que tínhamos. Decidimos, então, usar o artifício de fazer um pavimento semi-terrado e outro pavimento em cima. Com isso, dobramos a área para 3.200 m² sem ferir o regulamento”, conta Manoel. Solucionado o problema, ele pôde desenvolver o seu projeto, com dois salões – um para atividades festivas e outro para a instalação de um restaurante. Entre os dois, o bar. “A idéia inicial era explorar o restaurante comercialmente durante a semana, aproveitando a proximidade com a Avenida Alvorada, o que ajudaria a auto-sustentar o Clube. Mas houve problemas de ordem legal, no que diz respeito à colocação de placas publicitárias para divulgar o serviço, sem as quais fica difícil atrair a atenção das pessoas”, lembra. Anos depois, a Associação partiu para uma experiência de arrendamento do restaurante, buscando reduzir suas despesas. Contudo, a iniciativa não foi bem-sucedida, e a AF acabou por retomar a administração dos serviços dos bares, quiosque e restaurante.



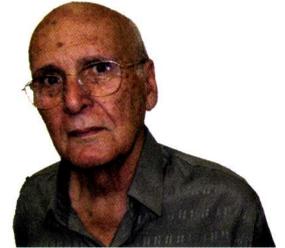
Vista aérea da Avenida das Américas em 1975. Às margens da Lagoa de Marapendi, em destaque verde, o terreno adquirido nesse ano pela AFBNDES. Dois anos depois, o Clube da Barra era inaugurado.

Durante a fase de construção e nos anos seguintes, Emílio Ibrahim foi outro nome, entre tantos, que se destacou. Sempre que surgia algum empecilho para o bom andamento dos trabalhos, ele surgia com a solução. O primeiro campo de futebol soçaite do Clube, onde foram disputados os primeiros torneios, ganhou grama idêntica aos campos profissionais graças à sua intervenção. “Na minha gestão patrimonial, a grama estava em péssimo estado. Ele nos orientou a como fazer um novo plantio e ainda indicou um tipo de grama especial – inglesa – usada em campos de futebol”, relembra Milton Galvão II, que atuou como diretor da AF no início dos anos 80. Anos mais tarde, a grama voltaria a morrer e o campo ganhou o sugestivo nome de “Sangue & Areia”. Em 1999, o campo foi arrendado e passou a ter grama sintética. Nele, atualmente, são disputados os jogos do torneio infanto-juvenil.

A arquitetura do Clube

Manoel Siqueira Marques afirma que a sua intenção foi desenvolver um conceito moderno, sem abrir mão das boas coisas herdadas do colonial. Por isso, acabou criando uma espécie de colonial do futuro. “O colonial tem desvantagens, no que diz respeito às suas técnicas

O criador e sua obra



“Diante da situação privilegiada do terreno, logo pensei em tirar partido da ampla paisagem que o envolve, o que resultou na idéia de varandões para o pavimento superior, onde dois salões, de 225 m² cada um, tivessem as paredes envidraçadas, permitindo aos usuários, tanto no salão destinado ao restaurante quanto no de festas, desfrutar de ambientes onde a liberdade visual prevalecesse. Isso foi possibilitado pela utilização do concreto armado, que permitiu fazer as coberturas dos salões em formas plissadas e apoiadas cada uma em apenas quatro pilares. Também adotei concepções herdadas da arquitetura colonial, com as varandas contornando os salões, o pé-direito alto e as portas em madeira trabalhada e com as folhas pivotantes, permitindo a função moderna do *brise-soleil*. Quanto à forma original do castelo d’água, que fugiu dos tradicionais volumes cilíndrico ou cúbico, houve também a preocupação de fazê-lo acompanhando o estilo prismático da cobertura dos salões. Só lamento o ginásio, destinado a jogos e grandes eventos, até hoje não ter sido construído.”

Manoel Siqueira Marques

O Clube da Barra é motivo de orgulho para os associados. Poucas entidades do gênero dispõem de um patrimônio desse porte, localizado numa das áreas mais nobres do Rio de Janeiro.



construtivas. Hoje em dia, temos recursos muito maiores. Idealizei um clube que mais parecesse um varandão, com dois salões envidraçados, para que o usuário descortinasse a bela paisagem que envolve o Clube. Procurei estudar uma cobertura em águas (plissada) que não apresentasse os problemas do telhado colonial, como as infiltrações. Isso, aliado a uma estética agradável”, diz.

O engenheiro calculista da obra foi Renato Bruzzi, o mesmo que ficou responsável pelos cálculos do prédio-sede do Banco. Manoel Marques contou com a assessoria dos arquitetos Luis Carlos Batista e Ângela Martins, que cuidaram do acompanhamento da obra. “Ter tido a responsabilidade de criar o projeto da tão sonhada sede social foi uma grande honra para mim. Só tenho a agradecer por participar de uma Associa-

ção na qual grandes realizações que eu tive na vida foram através dela. Esse espírito de comunidade e a luta pelas nossas reivindicações são belos exemplos de como uma entidade deve atuar. Eu desejo que a AF continue cada vez mais forte e se prolongue pelo tempo afora”, conclui Manoel, emocionado.

Durante a inauguração solene, o então presidente do BNDE, Marcos Vianna, recebeu o título de sócio benemérito da Associação, como forma de reconhecimento pelo que ele representou nessa conquista dos funcionários. Jairo Goulart, em seu discurso, afirmou que aquela data registrava um novo marco na vida da AF. E ele estava certo. Afinal, há 27 anos o Clube da Barra faz parte dos momentos de lazer dos associados, contribuindo para uma maior interação entre os funcionários do Banco.



“O Clube da Barra, assim como a Pousada Clube Itaipava, vem recebendo atenção especial nas últimas administrações. Não apenas a parte estrutural como também o atendimento recebem elogios constantes dos associados. Como diretor patrimonial da AF, sei da responsabilidade de fazer com que esses dois centros de lazer estejam sempre à altura dos nossos colegas associados.”

Rui Celani



Um espaço para os talentos da casa

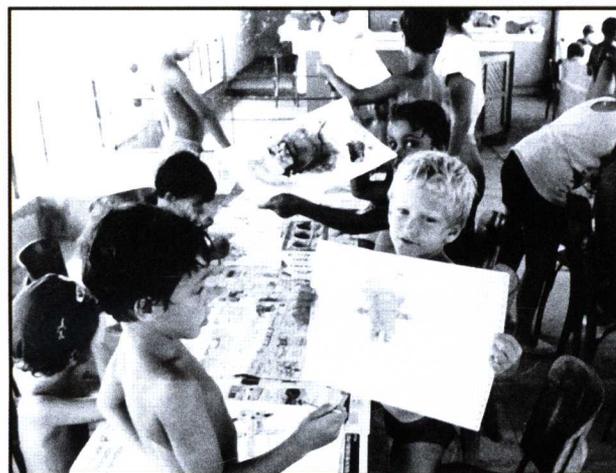


No setor cultural, o Clube da Barra debutou em grande estilo. No dia 1º de julho de 1977, foi realizada a grande final do I Festival da Canção Popular da AF. Muitos associados compareceram, lotando o salão de festas do Clube e incentivando com palmas e gritos os intérpretes e autores concorrentes. A canção vencedora foi "Subúrbio", de autoria de Hélio Gusmão de Oliveira (foto acima), que na década de 90 viria a ser presidente da AFBNDES. Para compor a música, ele se inspirou no Campo dos Afonsos, localizado no bairro de Marechal Hermes, onde nasceu. O prêmio de melhor intérprete foi dado a Ubirajara Nascimento, que cantou a música "Lembranças".

Na área social, a primeira grande festa foi realizada no dia 10 de setembro desse mesmo ano, com Beth Carvalho cantando músicas de Cartola, Néelson Cavaquinho, Chico Buarque e outros compositores da MPB, para um público superior a 1.300 pessoas.

“ A AFBNDES já proporcionou a mim e a minha família momentos muito agradáveis. As atividades sociais e esportivas permitem o conagraçamento entre os colegas do Banco e os nossos filhos. O Clube da Barra e a Pousada Clube Itaipava formam um belo patrimônio do qual todos nós devemos usufruir. Desejo que a entidade continue crescendo cada vez mais. ”

Sandra Demberg



Colônia de Férias

A Colônia de Férias das Crianças foi uma atividade voltada para os filhos dos funcionários que ficou na memória dos associados. Em janeiro de 1985, o Clube da Barra promoveu sua primeira Colônia de Férias, com o objetivo de proporcionar opções de lazer e divertimento às crianças durante o período de férias escolares.

O diretor Paulo Altomar recorda que a iniciativa partiu de algumas mães funcionárias do Banco. “Elas vieram à Associação com a idéia. Em seguida nós a encaminhamos para a direção do Banco, que topou a parceria com a AF”, conta.

As atividades envolviam a participação de crianças de 3 a 12 anos – sempre orientadas por profissionais especializados – com uma programação recheada de atividades recreativas (passeios, gincanas e jogos de salão), esportivas (futebol, vôlei e natação) e artísticas (artes cênicas e artes plásticas).

Durante a realização das colônias, a AF colocava à disposição das crianças ônibus escolares, que saíam do Edserj todas as manhãs. Ao final do dia, os ônibus as traziam de volta à sede do Banco. O encerramento era uma atração à parte. Todos os anos era preparado um número especial, que as crianças apresentavam para os pais.

O custo era dividido entre o Banco, que entrava com 80% do valor das despesas, a AF e os pais, que contribuíam com uma taxa. Em janeiro de 1990, foi realizada a última Colônia de Férias dessa fase, devido ao corte da ajuda do Banco. Cinco anos depois, a AF ensaiou uma retomada do projeto, mas o número de crianças inscritas desestimulou a sua continuidade.



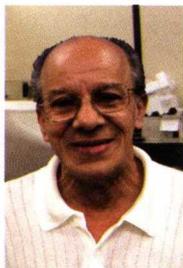
Jogo histórico

Uma goleada marcou o início das atividades esportivas no Clube da Barra. Funcionários novos e veteranos disputaram uma bela partida. Apesar do placar final de 6 a 1 para os novatos, boa parte do jogo esteve empatada em 1 a 1. O time dos novos só disparou no placar quando o cansaço tomou conta dos veteranos. Para complicar a situação, a contusão do goleiro Nilson Batista – que até então vinha "fechando o gol" – facilitou as coisas para os novatos, que mostraram muita disposição.

Times:

Veteranos – Nilson, Arraes, Barcelos, Pacheco, Cardim, Douglas, Jair e Moacyr. Posteriormente entraram Carneiro, Nagem e Joel.

Novatos – Luiz Otávio, Miguel, Cacá Gastaldoni, Getúlio, Pedro Paulo, Ademir e Marco Antônio. Entraram depois, Rui, Luiz Lauro, Ivan, Calazans, Simões e Durval.



O Clube da Barra, assim como a Pousada Clube Itaipava, são patrimônios nossos. Espero que a entidade continue dispensando atenção especial a esses dois espaços e promovendo eventos que motivem os funcionários do Banco a frequentá-los com maior assiduidade. À AF, os meus sinceros votos de parabéns.

José Cassiano

Os campeonatos de futebol soçaite, promovidos anualmente pela Associação, foram se consolidando como um dos principais atrativos do Clube no segmento esportivo. Todos os finais de semana, o campo principal é palco de jogos emocionantes.

Novos sócios

Aumento sensível de frequência, campo repleto de jogadores e torcedores. O Clube da Barra começou a dar a volta por cima a partir do último semestre de 1991, escapando das previsões mais pessimistas, das propostas de arrendamento total ou troca, e ganhou novo fôlego com a viabilização econômica apresentada pela então Diretoria da AFBNDES ao Conselho Deliberativo. Depois de longas discussões, foi aprovado o incremento de novos sócios especiais, como forma de aumentar a arrecadação. Paulo Altomar, diretor-secretário naquele período, recorda que a frequência no Clube aumentou sensivelmente e a situação financeira começou a ser equilibrada.

Homenagem

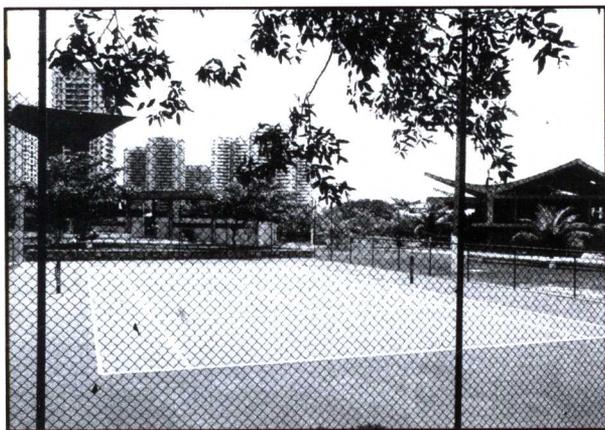


Desde outubro de 1999, o campo de grama sintética da sede social tem o nome do associado Almir Cardim, falecido em agosto desse ano. Essa foi a forma que a AF encontrou para homenagear um associado que sempre esteve ligado às atividades esportivas do Clube, além de ter ocupado vários cargos na Associação.

Ampliações e reformas no Clube da Barra

Em 1988, o Clube ficava mais verde, ao passar por um processo de arborização que o tornou ainda mais agradável. Durante as festividades do Dia Mundial do Meio Ambiente desse ano, o então diretor patrimonial Rildo Raposo e a diretora social Ângela Moura comandaram o plantio de mudas e sementes. Cerca de 200 mudas foram cedidas pela Fundação Parques e Jardins. Enquanto as crianças colocavam sementes de *flamboyant*, alamanda e espatódea, entre outras espécies, os adultos plantavam mudas de jamelão, algodoeiro e casuarina – gênero de árvore que se caracteriza pelos ramos numerosos e pelo crescimento rápido. Estrategicamente, as casuarinas foram plantadas às margens da Lagoa, com o objetivo de quebrar o vento sudoeste, que vem do litoral.

Em janeiro de 1990, Rildo Raposo comandou a ampliação e reformulação do Clube, que ganhou dois novos campos de futebol soçaite. O maior deles, localizado próximo ao antigo estacionamento, passou a ser destinado para jogos oficiais válidos pelos campeonatos promovidos pela AF. O segundo, passou recentemente por uma ampla reforma, sob a supervisão de Rui Celani, atual diretor patrimonial. O campo recebeu nova grama e alambrado, a exemplo do principal.



A então diretora social Ângela Gomes Moura foi uma das responsáveis pela arborização do Clube da Barra, em 1988, contando com a ajuda de associados e seus filhos.

Outra melhoria realizada em 1990 foi a construção de uma nova edificação – localizada próximo ao então campo Sangue & Areia, atualmente de grama sintética –, com bar, banheiros e quatro baterias de chuveiros externos. Nesse período, a sede social ganhou um novo estacionamento – do lado esquerdo da entrada principal – e uma quadra de areia para a prática de futevôlei. Vale ressaltar que a iniciativa de transferir o estacionamento do pátio interno para a área externa teve como objetivo dar mais segurança às crianças, que passaram a brincar livremente na sede social.

A quadra de tênis, que havia sido construída um ano antes, também recebeu melhorias, como um novo piso e pintura de demarcação. No final de 1991, o Clube da Barra ganhou sua segunda quadra de tênis profissional, construída pela Lisonda – especialista na área. Para inaugurar a quadra, foi realizado, nos dias 21 e 28 de dezembro desse ano, um torneio de tênis com 14 participantes. Roberto Zurlí e Dalmo Marchetti fizeram a grande final, vencida por Marchetti.

O Clube passou ainda por outras reformas, que deram novas opções de lazer à unidade. Em 1995, foram construídas três novas churrasqueiras completas – uma localizada próxima ao campo de futevôlei, outra ao lado do quiosque e a terceira junto ao bar da piscina.

Um ano antes, a AF havia construído a primeira churrasqueira próxima ao *playground*, fazendo do Clube um local ideal para comemorações de datas especiais ou simples confraternizações entre amigos.

Uma Associação de muita luta

Acompanhe os fatos que transformaram a AFBNDES na grande defensora dos direitos dos funcionários do BNDES



Com o passar dos anos, a AFBNDES se consolidou no papel de representante dos funcionários do Banco em suas reivindicações internas e na construção de um país mais justo.

Em seus primeiros anos de existência, a AFBNDES atuou como braço assistencial do BNDES, na concessão de programas e benefícios, na administração do restaurante e em outras formas de apoio cuja gestão direta não era conveniente ao Banco. Para a Associação, era uma oportunidade de reforçar o caixa com fontes extras de receita. Esse caráter assistencialista da AF predominou até meados da década de 70, fase em que o Banco alterou sua natureza jurídica, passando de autarquia federal para empresa pública. Vivia-se a plenitude do milagre econômico brasileiro, com o país crescendo a taxas médias de 8% ao ano e sob forte ditadura militar.

Com o Brasil, também crescia o BNDES, que

naquele período contava com cerca de 700 empregados espalhados em meia dúzia de prédios pelo Centro do Rio. Nos anos de 1974 e 1975 foram realizados concursos públicos para as carreiras administrativas e técnicas, além de seleção para estagiários, levando o Banco a uma grande renovação no seu quadro de empregados.

No final dos anos 70, o tal *milagre* da ditadura militar dava sinal de esgotamento, com a queda do crescimento econômico, a inflação atingindo níveis que provocavam forte corrosão dos salários, o início de políticas de arrocho salarial e uma brutal elevação da dívida externa, por conta de grandes empréstimos internacionais em dólar. Eclodiam, no ABC paulista, os primeiros movimentos grevistas sob a liderança do metalúrgico

Luiz Inácio Lula da Silva, hoje presidente da República. O período nebuloso da ditadura, aos poucos, dava lugar aos primeiros raios de luz que jogaram por terra o aparato repressivo, na forma da luta popular pela anistia e pela redemocratização do país. E, como não poderia deixar de ser, aqui no BNDES os ventos da contestação ao regime e ao modelo econômico fizeram-se presentes.

Sangue novo

Aqueles funcionários oriundos dos concursos realizados em 1974 e 1975 trouxeram sangue novo à instituição e, apesar das boas condições de remuneração e trabalho que o então BNDE proporcionava, havia o entendimento de que não interessava um país desenvolvido apenas para uns poucos brasileiros. Era preciso distribuir a riqueza, reduzir as desigualdades regionais e lutar contra as políticas de arrocho salarial e a gula fiscal que se desenhava. A AFBNDES tornou-se o espaço onde esses jovens se encontravam, trocavam experiências e sonhavam com os olhos voltados para a construção de um Brasil com mais justiça social.

No final da década de 70, especificamente no ano de 1978, ainda estava presente no país o aparelho repressivo do Estado, com censura à imprensa e às atividades culturais. Mesmo no então BNDE, onde se respirava uma certa liberalidade no debate das grandes questões nacionais, criticar a política econômica era criticar o regime militar, podendo implicar sansões ou mesmo demissões por “justa causa”. A Biblioteca da AFBNDES, situada no 5º andar da Rua Teófilo Otoni 52 – então sede da entidade –, era o espaço em que esses associados costumavam se reunir, debater suas idéias e buscar influir nos destinos da Associação, com

o intuito de que ela passasse a atuar mais na defesa dos interesses trabalhistas dos associados e participar de ações articuladas com as demais entidades do movimento social organizado, como sindicatos, associações de classe e entidades congêneres.

A AFBNDES demonstrou que, mesmo mantendo seu papel de proporcionar serviços, cultura, esporte e lazer aos associados, também podia ser uma entidade de luta – de muita luta. A seguir, apresentamos alguns fatos relevantes que transformaram a Associação na principal defensora dos interesses dos empregados do Banco.

“Vivi uma fase perigosa, mas muito bonita”



“Ingressei no Banco em 1976 e logo no ano seguinte me engajei num grupo de jovens funcionários interessados em que a Associação passasse a ter um caráter mais participativo. A partir de uma pesquisa realizada entre os funcionários, novos colegas vieram juntar-se ao nosso grupo, e, aos poucos, o movimento foi ganhando força. Como ainda vivíamos um período de ditadura, qualquer reunião poderia ser mal interpretada. Eu mesmo fui colocado à disposição, sem qualquer justificativa. Mesmo enfrentado os problemas e suas conseqüências, estou certo de que valeu a pena, e de que nosso movimento contribuiu para transformar a AFBNDES numa casa mais aberta e dinâmica, abrindo caminho para os colegas que depois chegaram. Agora que Associação está completando 50 anos, vale lembrar sempre que a AF é uma entidade dos funcionários, o que às vezes esquecemos. Hoje penso que, se quisermos uma AF melhor, um país mais justo, temos que pensar, antes de tudo, em nossa melhora enquanto pessoas; sem isso, estaremos fadados a repetir velhos erros, velhas formações mentais. Da mesma forma, seria bom repensarmos o que entendemos por “participação” e “democracia” e buscarmos novas formas de expressar na prática esses ideais. Na pior das hipóteses, nesse momento podemos não saber exatamente por onde temos que ir, mas seguramente saberemos por onde não temos que ir, e isso pode ser um bom começo. Sinto-me feliz por ter participado da AF numa época tão perigosa e tão bonita.”

José Luiz Correa Cardozo

A AFBNDES e a união do corpo funcional



“A atuação da AFBNDES nas negociações coletivas merece destaque. Esse papel desempenhado pela Associação é muito importante, tendo em vista que o Sindicato representa toda a categoria bancária e nós somos uma exceção dentro dela. Os eventos sociais e culturais da AF também são importantes para fortalecer a unidade do corpo funcional.”

Paulo Roberto Teixeira Guerra

Comissão Cultural, Cineclube e o início da transformação do VÍNCULO

Em 1977, o país vivia a reta final do governo do general Geisel. A abertura política era um desejo que crescia no seio popular, mas as reuniões de caráter político ou reivindicatório ainda eram motivo de preocupação e, portanto, na sua grande maioria, só aconteciam a portas fechadas. Sob esse clima, inicia-se um movimento formado por um pequeno grupo de funcionários do BNDES na então sede do Banco localizada na Av. Rio Branco. O grupo, formado por funcionários recém-chegados à instituição, queria que a Associação tivesse um caráter mais democrático, dando aos associados a oportunidade de participar ativamente das decisões da entidade. Foi quando o diretor cultural da AF, à época, Órizon Carneiro convidou os funcionários Paulo César Barbosa e Maria Célia Timótheo para apoiá-lo em algumas atividades de sua pasta.



Na década de 80, a Comissão Cultural deu um caráter mais democrático às decisões tomadas pela Diretoria da AF.

Em seguida, esses dois colegas convidaram o associado José Luiz Cardozo para fazer parte da equipe. Mais à frente, três contínuos foram integrados ao grupo: Arnaldo Caixinhas, Wilson Dufles e Fernando Cláudio Dias. “Passamos a nos reunir após o expediente em salas do prédio-sede do Banco, estudando maneiras de fazer com que mais funcionários viessem a participar da Associação. Se outros grupos já existiam não sabemos, porque algumas reuniões eram feitas à surdina, devido ao medo que alguns colegas tinham de ser mal-interpretados”, recorda José Luiz.

Em maio de 1978, uma pesquisa de opinião realizada pela AF propiciou o ingresso de novos colegas ao grupo: Anilse Correa dos Santos, Nelson Duplat, Marina de Castro, Maria Inês de Castro, José Carlos Alencar, João Renildo, Kallás Roberto Kallás, Lílian Martins Ferreira e Paulo Roberto de Sousa Melo. Juntos, deram origem ao Grupo de Apoio à Diretoria Cultural, que passaria a se reunir todas as terças-feiras,

no final do expediente, na sala da Diretoria da Associação. Nascia ali o embrião da Comissão Cultural, cuja finalidade era prestar assessoramento à Diretoria Cultural da AF. “As pessoas estavam caladas havia muito tempo e ansiosas para falar e expressar os seus sentimentos”, lembra José Luiz.

Cineclube

No dia 17 de julho desse ano, o Grupo de Apoio à Diretoria Cultural reativava o Cineclube, com a exibição do filme *Xica da Silva*, de Cacá Diegues, com a presença de 80 associados, lotando o Auditório Arino Ramos Ferreira. Em outubro, era constituído o Conselho Editor do VÍNCULO, integrado provisoriamente por 22 associados, todos membros da Comissão Cultural – composta por representantes de cada um dos subgrupos existentes: cineclube e fotografia; biblioteca e discoteca; teatro e jornal. “O

objetivo do Conselho era cooperar na feitura das pautas, na seleção de textos e colaborar para a qualidade do jornal”, lembra Armando Leal. Na edição desse mês, o VÍNCULO publicou uma pesquisa de opinião sobre o jornal e sobre que matérias os associados

gostariam de encontrar no veículo. O Grupo de Apoio à Diretoria Cultural veio dar origem, tempos depois, ao Conselho Editorial, que tantos benefícios trouxe ao VÍNCULO como órgão de comunicação dos associados e da AFBNDES.

Ciclo de painéis, debates, prato vegetariano: associados conquistam espaço

Os complexos problemas vividos pelo país também foram foco da Comissão Cultural, que incentivou a realização de ciclos de palestras. O primeiro deles, realizado em outubro de 1980, debateu a economia brasileira sob diversos aspectos e contou com conferencistas do porte de Juvenal Osório Gomes, José Pelúcio Ferreira e Ignácio Rangel. Em junho do ano seguinte, o II Ciclo de Painéis da AFBNDES se propôs discutir cinco temas: “A Mulher no Trabalho”, “Salários e Custo de Vida”, “A Política de Pessoal no BNDES”, “Futebol”, “Inflação e Recessão”. Entretanto,

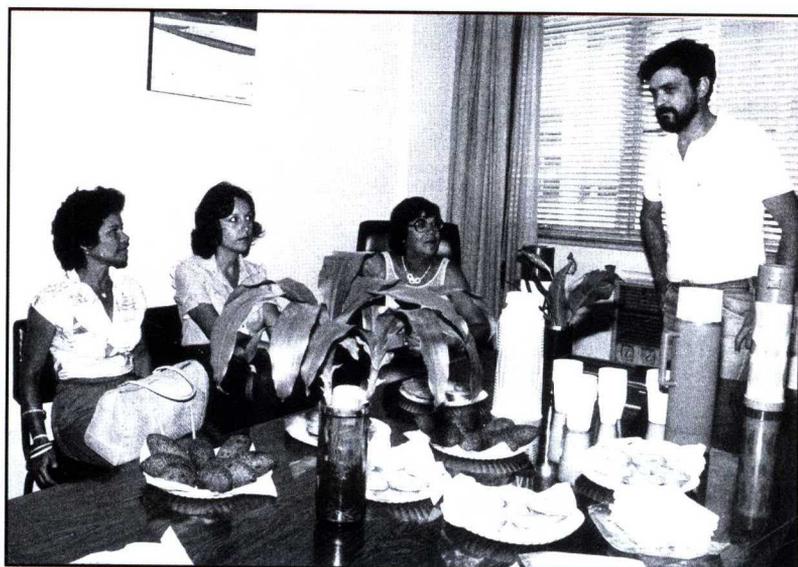
somente o primeiro tema foi realizado, pois a Assessoria de Segurança e Informações, implantada em 1980 no Banco, vetou a realização das demais palestras. Não era um período fácil.

Em agosto de 1982, um grupo de empregados oriundo da Comissão Cultural cria o projeto “Nossas Cabeças”, com o objetivo de incentivar o debate entre os colegas do Banco de temas comportamentais, como sexualidade, saúde mental e educação, entre outros. Os debates eram realizados na Biblioteca da AFBNDES – que na época funcionava na Rua Teófilo Otoni – e repercutidos no VÍNCULO do mês seguinte. “O mais difícil foi superar as barreiras do preconceito. Alguns assuntos, que hoje são abordados com naturalidade, na época eram vistos como tabus”, relembra José Luiz. Ele também participou de outro grupo de funcionários, também oriundo da Comissão, que em julho de 1982 se uniu para que no restaurante do Banco fosse



Em 1982, Armando Leal e José Luiz Cardozo, integrantes da Comissão Cultural, criam o projeto “Nossas Cabeças”. A idéia era promover debates de temas considerados tabus, naquela época.

adotada uma opção de prato vegetariano, como uma alternativa de alimento mais saudável. Em novembro desse ano, o grupo encaminhou à AFBNDES um abaixo-assinado com 907 signatários favoráveis à proposta. Em abril de 1983, para satisfação de muitos, o chamado “prato verde” passou a fazer parte do cardápio do restaurante, que funcionava no 22º andar do Edserj.



Movimento pela creche no BNDES: “Pai também é mãe”

Em janeiro de 1977, uma comissão de funcionários composta por associados da AF – constituída para a criação de um programa de creche – realiza uma pesquisa e, após seis meses de estudos, recomenda a criação de um programa de reembolso de despesas com creche no BNDES, para os até então 361 filhos de empregadas na faixa de zero a seis anos de idade. O movimento foi vitorioso.

Anos depois, em setembro de 1980, o artigo “Pai também É Mãe”, do associado Joel de Farias Neto, publicado na edição 107 do VÍNCULO, leva a uma mobilização dos empregados do sexo masculino, que reivindicam o direito ao programa de creche, tal como as funcionárias-mães, que já contavam com o benefício há três anos. A partir daí, alguns funcionários-pais começam a discutir a questão com o intuito de encaminhar o assunto à Diretoria do Banco. Em janeiro de 1981, é criado um grupo de trabalho, aberto a todos os interessados, para tocar o pleito. Além de vários funcionários-pais, participam dessas reuniões algumas mães, já usuárias do programa de creche, reforçando a causa dos colegas-pais. Foram mais seis meses de trabalho, examinando programas semelhantes em outras empresas, estudando a legislação relativa ao assunto e analisando pesquisas de opinião junto às mães-usuárias e aos funcionários-pais com filhos em idade adequada para a assistência.

Prato vegetariano: o direito a uma alimentação mais saudável foi a bandeira levantada por um grupo de funcionários provenientes da Comissão Cultural.

Em novo artigo no VÍNCULO de março de 1981, Joel voltou a conclamar os demais colegas a lutarem pela extensão do benefício. Todo esse trabalho culminou com uma reunião ampliada em que foi aprovado um documento posteriormente encaminhado à Administração do Banco. Durante anos o pleito foi encaminhado a diversas Administrações. Em 1987, finalmente, a Diretoria do BNDES decidiu pela extensão do direito de reembolso de despesas com creche para todos os empregados. “O artigo que escrevi teve grande repercussão, com argumentos em favor do programa de creche para todos os empregados, independente do sexo”, ressalta Joel.

A luta dos contínuos e o surgimento do movimento Participação

Janeiro de 1977 marcou o início da mobilização dos contínuos do Banco em busca de ascensão funcional. Eles se reuniram para reivindicar o enquadramento no quadro de carreira da empresa. Até então, os contínuos faziam parte de um quadro transitório, sem direito, por exemplo, ao financiamento imobiliário da Fapes, existente à época. Não podiam sequer participar dos consórcios de automóveis da AFBNDES. A essa altura, os contínuos já organizavam um forte movimento, tendo entre seus líderes Raimundo Antônio da Silva, Wilson Dufles, Fernando Valle, Célio Leite e Júlio César. “A nossa maior reivindicação era o direito a ter a oportunidade de realizar concurso para ingressar no quadro do Banco, como auxiliar administrativo. Um dos diretores do BNDES que se tornou um grande aliado nessa luta foi José Clemente”, relembra Raimundo. Mais



Movimento dos contínuos: uma das primeiras manifestações de classe dentro do Banco.

tarde, já aposentado, Clemente foi titular da Diretoria de Assuntos Institucionais da AFBNDES.

No dia 31 de julho de 1979, a partir de uma intensa mobilização dos contínuos, foi realizada uma Assembléia Geral na qual seria aprovado o encaminhamento de uma carta à Administração do BNDES explicando o pleito da categoria. A reivindicação abrangia o enquadramento no QFP – Quadro Fixo de Pessoal –, direito a promoções, enquadramento em faixas salariais, considerando o tempo de serviço e o desempenho profissional, habilitação para aquisição de imóveis e possibilidade de reserva de 50% das vagas no concurso para auxiliar de administração.

Participação

Somente em novembro de 1982 esses pleitos foram parcialmente atendidos. “Todos esses movimentos, com uma certa dose de motivação política e ideológica, geraram a combustão para a formação do movimento Participação, que iria alterar para sempre o perfil da AFBNDES. Logo depois daquela Assembléia de 1979, a gente começou a se articular para disputar a eleição na Associação. Buscávamos para a AF um caráter mais reivindicatório e participativo. Queríamos que a entidade se ampliasse e se inserisse nos gran-



Fortalecendo a categoria

“ A origem do movimento Participação remete aos pleitos que começaram a despontar por categorias, tendo início por volta de 1978 com a luta dos contínuos, da qual fiz parte. Nesse período, lutamos pelo fortalecimento da categoria e uma das medidas tomadas foi a realização, com o apoio da AFBNDES, de uma célebre Assembléia na sede da Avenida Rio Branco.

Talvez aquela tenha sido a primeira grande Assembléia de uma categoria de funcionários do Banco. A partir daí o movimento ganhou força e rendeu frutos. A nossa maior reivindicação era o direito a ter a oportunidade de realizar concurso para ingressar no quadro do BNDES, como auxiliar administrativo. Imediatamente, começamos a articulação com funcionários da área técnica, resultando na formação de uma chapa que concorreu, em 1980, à direção da AF. Esse movimento fez com que a AFBNDES participasse dos grandes momentos contemporâneos históricos desse país, das negociações coletivas no Banco, das muitas conquistas obtidas e da defesa da instituição BNDES. ”

Raimundo Antonio da Silva

des movimentos, inclusive fora da instituição BNDES. Foi quando nos organizamos numa chapa liderada por Ivo Galvão”, conta Sandra Maria de Souza Carvalho, que mais tarde seria presidente da AF por duas gestões (1984/86 e 1986/88). “A mudança foi um processo complicado. Tentamos fazer da Associação não apenas um órgão de lazer, de aglutinação social, mas também um órgão de representação das demandas, das reivindicações dos funcionários, trazendo a perspectiva de discussão do próprio Banco enquanto uma instituição que trabalha pelo desenvolvimento do país”, complementa Sandra.

Pleitos funcionais e a defesa do concurso público no BNDES

Em maio de 1979, a AFBNDES liderou o pedido de equiparação do QFP – Quadro Fixo de Pessoal – ao QPP – Quadro Permanente de Pessoal. Na época, um integrante do QPP com dez anos de casa recebia o dobro da remuneração de um integrante do QFP com cinco anos. Em julho de 1984, após cinco anos de reivindicações, a Administração do Banco aprovaria um novo Plano de Cargos e Salários, possibilitando aos integrantes do QFP obter as vantagens dos empregados mais antigos. Até as recepcionistas, que não tinham sido consideradas na proposta, após intensa mobilização e intermediação da AF, obtiveram o direito de efetuar a opção pelo quadro.

Concurso público

A preservação da boa imagem da instituição BNDES perante a sociedade sempre foi uma das bandeiras empunhadas pela Associação. Nas vezes em que alguma medida ameaçava manchar essa reputação, a entidade – apoiada pelo corpo funcional – de imediato tomava providências nesse sentido. Em novembro de 1984, numa assembléia geral bastante concorrida, que contou com a presença de mais de 600 associados, foi aprovado, por maioria absoluta dos votos, o encaminhamento de notificação à direção do Banco com a posição da AF contrária à efetivação, na empresa, de funcionários contratados, ou requisitados, sem concurso público. No documento, a entidade também se posicionava contra a admissão, em qualquer tempo, de outros empregados que não fosse pela via do concurso. A Assembléia foi bastante tumultuada, uma vez que ali se tornava evidente que a Administração do Banco desenvolvia estudos para a efetivação desses funcionários sem seleção pública.

Em junho de 1989, os empregados do BNDES voltaram a fazer grande mobilização em defesa do con-

Por meio de Assembléias, a AFBNDES sempre buscou o respaldo dos funcionários do Banco nas reivindicações salariais.



curso público, em resposta a uma iniciativa da Administração do Banco – com a criação do QPP-U (Quadro Permanente de Pessoal Unificado) – de propiciar a efetivação de pessoal contratado ou requisitado e dos empregados das subsidiárias no quadro de carreira da instituição. A AFBNDES chegou a ingressar com uma ação judicial para impedir a implementação do plano.

Decreto 2.100

A década de 80 também foi marcada pela luta dos empregados atingidos pelo Decreto 2.100, que dava tratamento diferenciado e prejudicial a parcela do corpo funcional do BNDES. Em junho de 1984, um grupo de 20 empregados atingidos pelo decreto-lei, que impedia a concessão de gratificações e biênios pagos ao restante dos funcionários, realizava uma reunião na AFBNDES com vistas à isonomia salarial. Nessa situação encontravam-se cerca de 200 empregados, admitidos antes de 28 de dezembro de 1983. A isonomia pleiteada só viria a ser conquistada anos depois.

Em setembro de 1985, foi realizada a manifestação mais importante desse movimento. Mais de 200 funcionários, entre atingidos e não-atingidos pelo decreto, participaram da manifestação histórica. O ato teve re-

percussão positiva em todo o Banco. As perdas que esses empregados tinham correspondiam, em um ano, a 25% do total de suas remunerações. Ao longo de 20 anos, essa perda corresponderia a 70% em relação aos colegas mais antigos.

Acordo da Hora Extra

Outra vitória interna importante, ocorrida no segundo semestre de 2002, foi o Acordo para o pagamento do passivo trabalhista das horas extras pré-contratadas e a regularização da jornada de trabalho no BNDES, após mais de uma década de negociação, muita luta (inclusive na Justiça) e grandes frustrações. A extensão desse Acordo aos aposentados e desligados do Banco foi o passo seguinte, em um trabalho conjunto com o Sindicato dos Bancários do Rio.

Um momento marcante dessa luta foi a paralisação dos empregados em junho de 1996, quando foi cancelado o Acordo Coletivo de 1995, que já estava assinado e aguardava apenas a homologação no Tribunal Superior do Trabalho (TST). O Acordo, que tirava o Banco da ilegalidade em relação à jornada de trabalho, havia sido frustrado por pressão do CCEE – Comitê de Controle das Empresas Estatais.

Durante sua trajetória, a AFBNDES também esteve atenta para a preservação do patrimônio da Fapes e dos direitos dos participantes. Em 2001, por exemplo, mobilizou-se contra o Decreto 3.721, de autoria do governo federal, que alterava a idade mínima para a aposentadoria complementar nos fundos de pensão, chegando a obter liminar na Justiça impedindo que a Fundação modificasse seus estatutos para se adaptar ao que determinava o decreto.

Benedenses inseridos no movimento das estatais e nas lutas dos trabalhadores

Em 1983, a AFBNDES e os benedenses se integraram ao movimento dos funcionários das empresas estatais, que lutavam por direitos e vantagens ameaçados pelo governo federal em nome do combate ao déficit público. “Em virtude da intensa mobilização dos trabalhadores dessas empresas, que de norte a sul do país demonstraram grande disposição de luta, a proposta inicial de cortar um número enorme de direitos nossos de uma só vez foi substituída por outra: cortar no momento só uma parte, manter as gratificações para os funcionários já contratados e deixar nebulosos vários outros pontos”, informava o editorial do VÍNCULO 138, de junho/julho desse ano. “Uma vez postas em prática as medidas do ‘pacote’ recém-assinado, dentro de algum tempo estaremos trabalhando lado a lado com novos colegas que, realizando as mesmas tarefas, estarão recebendo consideravelmente menos do que nós”, denunciava o mesmo texto.

Em 21 de junho de 1983, mais de 400 associados compareceram a uma grande reunião no Sindicato dos Bancários do Rio para incorporar-se a outras estatais na luta contra o pacote econômico do go-



Na década de 80, a AFBNDES vai às ruas em defesa das estatais.

verno federal que cortava direitos e benefícios dos empregados das empresas estatais. Dois dias depois, era realizada uma grande passeata em defesa das estatais e da soberania nacional na Av. Rio Branco, com mais de 50 mil pessoas, sendo considerada a maior manifestação pública desde 1968. Estima-se que cerca de 800 benedenses compareceram à manifestação. A mobilização levou o então presidente da República João Figueiredo a anunciar, em cadeia de rá-

dio e televisão, que as medidas de contenção dos gastos públicos iriam preservar os direitos adquiridos previstos em lei.

Câmara das Estatais

Também em 1983, uma grande articulação de entidades representativas dos empregados do BNDES, do Banco do Brasil, da Petrobrás, do Banco Nacional de Habitação – BNH, de Furnas, da Eletrobrás, de bancários, engenheiros, economistas e químicos, dentre outras, criou a Câmara das Estatais, com o objetivo de articular a luta em defesa dessas empresas, dos direitos de seus empregados e da soberania nacional.

No ano seguinte, em abril de 1984, era realizada uma reunião no Botequim da AF para discutir um projeto do então senador Saturnino Braga, cuja iniciativa ficou conhecida como “Estatuto das Estatais”. O projeto previa a criação de uma comissão no Congresso Nacional encarregada da fiscalização e controle dessas empresas. Em agosto desse ano, a Câmara das Estatais debateu a proposta de Saturnino no Clube de Engenharia, com a participação de mais de 150 pessoas e com a presença do professor Carlos Lessa, como representante do IERJ – Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro. “O movimento das estatais teve uma ascensão muito grande em função do processo político do país. As estatais estavam sendo desgastadas e acusadas de responsáveis pela dívida externa brasileira. Tudo isso fez crescer o movimento e a AF teve uma participação muito intensa”, recorda Sandra de Souza.

Nesse mesmo agosto de 1984, ampliando ainda mais seus horizontes, uma Assembléia da AFBNDES aprovou a participação da entidade no 1º Congresso da Central Única dos Trabalhadores – CUT. O evento histórico, realizado em São Bernardo do Campo, reuniu mais de cinco mil delegados de todo o país, entre eles cinco funcionários do BNDES: Sandra de Souza, Fernando Chagas, Joel de Farias, Raimundo Antônio e José Célio Leite.



Em 1996, a AFBNDES participou ativamente das manifestações contra a extinção do BNH.

Cruzado II

Em novembro de 1986, um pacote econômico baixado pelo governo federal, conhecido como Plano Cruzado II, atingiu pesadamente a classe média, com a manipulação de índices de inflação, descongelamento de preços e a extinção do BNH. Em resposta, o Comando Nacional das Entidades Representativas dos Empregados das Empresas Estatais promoveu uma grande passeata no Centro do Rio, reunindo cerca de 15 mil pessoas. No Edserj, funcionários do Banco colavam cartazes na parede externa da Avenida Paraguai, com frases de apoio aos companheiros do prédio vizinho. A luta não foi em vão. O governo voltou atrás na demissão dos trabalhadores: extinguiu o BNH, mas aproveitou seus empregados na Caixa Econômica Federal.

Em dezembro de 1986, a CUT e a CGT, as duas maiores centrais sindicais do país, decretaram greve geral em protesto contra as medidas econômicas contidas no Plano Cruzado II. O governo mobilizou grande contingente policial para reprimir o movimento, com

tropas do Exército nas vias públicas e nas estações rodoviárias e ferroviárias, além de ocupar a Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda. No BNDES, uma assembléia geral deliberou pela participação no movimento. A Administração do Banco fez pressão direta sobre as chefias para o comparecimento ao trabalho, ameaçando recolher o ponto às 11h e não permitir a utilização de DFs. Mesmo com toda a pressão, muitos empregados não foram trabalhar. A paralisação foi parcial em todo o país, mas ficou marcada como aquela que obteve a maior adesão dos trabalhadores.

URP

Em setembro de 1987, os empregados voltaram a se unir no Dia Nacional de Luta dos Trabalhadores das Empresas Estatais, para novamente defender a soberania nacional e protestar contra as propostas de privatização e desnacionalização das estatais e contra o arrocho salarial imposto por um novo pacote: o Plano Bresser. No ano seguinte, os funcionários do BNDES foram à Justiça contra outra arbitrariedade do governo federal contra os trabalhadores das estatais: o congelamento da URP – Unidade de Referência de Preços, utilizada na correção dos salários. No mês de maio, liderados pela AFBNDES, os benedenses promoveram um enterro simbólico da política econômica do governo Sarney em frente ao Edserj e, juntamente com os trabalhadores da Petrobrás, queimaram o caixão que simbolizava essa política. Em março de 1989, diante da grave crise econômica e do fracasso do Plano Verão, ainda no governo Sarney, a CUT e a CGT decretam nova greve geral. Cerca de 35 milhões de trabalhadores em todo o país cruzam os braços. A AFBNDES, seguindo a posição do Sindicato dos Bancários, apoiou o movimento. Em 1999, finalmente, a Justiça do Trabalho deu ganho de causa aos funcionários sindicalizados do BNDES na ação da URP, cuja indenização está em vias de ser totalmente paga.

Plano Bresser

Outra vitória foi alcançada em 1992. Foi fechado o Acordo do Plano Bresser, que representou um marco histórico na luta dos funcionários do BNDES na defesa de seus direitos e do trabalho de representação das Associações de Funcionários e do Sindicato dos Bancários do Município do Rio de Janeiro. O Acordo, acertado

Independência com diálogo



“O período de transformação da AFBNDES, no final dos anos 70, está associado àquela realidade política brasileira. Essa transformação não foi isolada, fez parte da transformação da própria sociedade. A mudança foi um processo complicado. Não foi simples mostrar a AF não apenas como um órgão de aglutinação social, mas também como um órgão de representação das demandas e das reivindicações dos funcionários, trazendo a perspectiva de discussão do próprio Banco enquanto uma instituição de desenvolvimento. Era a Associação representando os funcionários nas questões reivindicatórias e nas discussões da própria perspectiva do BNDES. As diretorias passaram a trabalhar coletivamente – com a colaboração de comissões que davam respaldo às atividades planejadas, diversificando as ações.

Queríamos trabalhar junto à Administração do Banco, sem que isso gerasse favorecimentos. Ou seja, fomos deixando claro que não éramos oposição ao Banco, que o diálogo com a Administração da instituição seria constante, construtivo e produtivo, mas com independência. Ao longo das gestões que se sucederam, o movimento conseguiu mostrar, na prática, essa busca de independência, sempre preservando o diálogo permanente com as diversas administrações.

É importante fazer esse registro, porque a geração que viveu o processo de transformação da AFBNDES já está se aposentando e os novos funcionários, que estão ingressando no Banco, não viveram essa época. É preciso discutir o papel da entidade e valorizá-la, percebendo a conjuntura política atual.”

Sandra Maria Carvalho de Souza

com o Banco na primeira semana de setembro, foi o ponto culminante de uma vitória que começou a ser construída no Acordo Coletivo de 1991, com a incorporação parcelada do índice de 26,06% usurpado dos trabalhadores em junho de 1987. Essa

conquista teve entre seus momentos decisivos a Assembléia realizada no dia 1º de setembro de 1992, na sobreloja do Edserj, quando os funcionários deram uma demonstração de seu amadurecimento e extrema capacidade de luta.

A AFBNDES na luta das Diretas e na Constituinte

A partir da década de 80, a AFBNDES engajou-se nas grandes manifestações nacionais. No dia 10 de abril de 1984, centenas de associados participaram do comício-monstro das “Diretas Já”, um dos maiores movimentos cívicos do país na luta pela democracia e pelo direito de eleger o presidente da República, após 20 anos de ditadura militar.

O comício, que reuniu mais de um milhão de pessoas na Candelária e parou o Centro do Rio de Janeiro, teve a participação de diversos artistas, juristas e políticos, como Milton Nascimento, Chico Buarque, Sobral Pinto, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães, Leonel Brizola, Luiz Inácio Lula da Silva e Dante de Oliveira, na época deputado federal e autor da emenda constitucional que, se aprovada no Congresso Nacional, devolveria ao povo o direito de eleger o seu presidente. Dias antes, em 10 de março, uma passeata com mais de 100 mil pessoas serviu de preparação para o grande comício da Candelária. Nos dois eventos foi registrada a presença dos funcionários do BNDES ao lado de sua Associação.

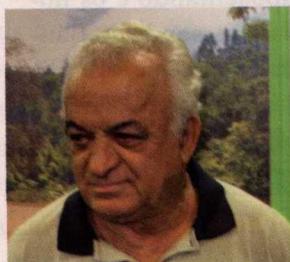
Constituinte

Em julho de 1987, foi realizada no Rio uma caminhada pró-participação popular na Constituinte organizada por várias entidades da sociedade civil. A mani-



Mais de um milhão de pessoas na passeata das “Diretas Já”. A AFBNDES se fez presente.

festação, que defendeu temas como reforma agrária e o fim da discriminação racial e da censura, atraiu a atenção de milhares de pessoas. Dezenas de associados compareceram à caminhada e participaram da campanha de assinaturas em apoio a essas propostas. Os trabalhos finais da Constituinte viriam a se encerrar na madrugada do dia 2 de setembro de 1988, 19 meses após o seu início. O texto final foi homologado em outubro. A Carta, que ficou conhecida como “Constituição Cidadã”, consagrou direitos sociais importantes, como a definição da jornada de trabalho semanal máxima de 44 horas, multa de 40% sobre o FGTS por demissão imotivada, férias remuneradas em pelo me-



“Pertencer a uma entidade como a AFBNDES e ainda ter tido a oportunidade de fazer parte de um movimento que a transformou no que ela é hoje é motivo de muita satisfação. Dirigi a AF no período em que ela passava por uma grande transformação, quando todos nós buscávamos os ares da democracia, assim como o país. Não foi fácil, mas cumprimos o nosso papel. Que os novos funcionários continuem esse legado.”

Ivo Galvão

nos 1/3 a mais que a remuneração, proibição de diferenciação salarial por critério de sexo, idade, cor ou estado civil, direito irrestrito de greve, inclusive nos setores essenciais e no serviço público, e o direito dos servidores públicos à sindicalização. Com esse direito assegurado, a AFBNDES realizou, em 11 de janeiro de 1989, no Auditório do BNDES, uma Assembléia que marcou a opção dos benedenses pela filiação ao Sindicato dos Bancários, a exemplo dos colegas do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal.

Demissões no BNDES: o terror da era Collor

No final de 1989, enfim, era realizado o sonho das “Diretas Já!”. Milhões de brasileiros foram às urnas e o ex-governador do estado de Alagoas Fernando Collor de Mello foi eleito presidente da República. Político novo e figura polêmica, Collor inicia seu governo em meio a um processo de explosão inflacionária e, sob essa justificativa, tem como um de seus primeiros atos a edição de um grande confisco da poupança popular. Em seguida, elege como mal maior do país o funcionalismo público e, sob a justificativa de reduzir despesas do governo, demite milhares de servidores em todo o país, inclusive no BNDES.

O primeiro semestre de 1990 foi um dos períodos mais difíceis já vividos no Banco. A reforma administrativa do então governo Collor chegou ao BNDES, espalhando um clima de terror entre os funcionários. Mesmo sendo considerada “uma instituição fundamental, ao lado do Banco Central, para o sucesso do novo governo e como único órgão financiador de recursos de médio e longo prazos para a retomada do desenvolvimento econômico e social do país” – nas palavras do próprio presidente do BNDES, na época, Eduardo Modiano –, o Banco não foi poupado. Em abril desse ano, saía a primeira lista de funcionários demitidos. Na tarde do dia 7 de maio, sem que qualquer justificativa fosse apresentada, outras 50 exonerações foram anunciadas. O clima de apreensão imperou durante o processo de demissões no Sistema BNDES. Muitos funcionários chegaram a ter crises nervosas e problemas de saúde.

O mês de junho foi marcado por um ato que difícil-



1990: a ameaça de demissões chega ao BNDES e os funcionários do Banco vivem momentos de tensão.

mente será esquecido pelos funcionários do BNDES, da BNDESPAR e da Finame. Com a ameaça de mais um pacote de demitidos, as Associações de Funcionários do Sistema mobilizaram todos os setores do Banco, protagonizando uma manifestação histórica que reuniu, na tarde do dia 30, mais de mil pessoas em repúdio às arbitrariedades e à falta de diálogo da Administração do Sistema com o corpo funcional. Por uma hora, o Banco ficou praticamente paralisado, enquanto um cordão de funcionários isolava a portaria do Edserj, sob a liderança dos diretores das AFs e a solidariedade de companheiros de outras categorias profissionais e parlamentares de partidos progressistas.

Logo após a concentração, chegava da 12ª Vara Federal do Rio de Janeiro a grande notícia do dia, corando o trabalho da AFBNDES no âmbito da Justiça. A liminar concedida pelo juiz Reis Friede – suspendendo temporariamente novas demissões no BNDES – deu novo vigor à luta dos funcionários e colocou a AF na ponta-de-lança do movimento das estatais, naquele momento.

O Banco parou

No entanto, a pressão da assessoria jurídica do Banco fez com que seis dias depois a ação fosse retirada da Justiça Federal e transferida para a Justiça do Trabalho, ficando sem efeito a liminar em favor dos funcionários,

face à sua cassação no Tribunal Regional Federal (TRF). Mas, na manhã do dia 6 de julho de 1990, o Banco parou para valer. Pela primeira vez na existência da instituição, os funcionários aderiram em peso a um movimento grevista. Antes mesmo de as portas do Edserj serem abertas, grupos de empregados já carregavam faixas e adesivos com uma palavra de ordem estampada: “Estamos em greve!” Em nota conjunta distribuída aos funcionários do Sistema, a AFBNDES, a AFBNDESPAR e a AFFiname explicavam a razão do movimento: “a inflexibilidade da direção do Banco em abrir um canal de negociação para a discussão do processo de demissões no Sistema BNDES”.

Enquanto os funcionários ocupavam o térreo do Edserj e o salão de espera do Centro de Treinamento, os representantes das três Associações e do Sindicato dos Bancários negociavam a interrupção das demissões. A partir daí, buscou-se uma saída negociada que garantisse o máximo de direitos para os funcionários, inclusive em processos de desligamento voluntário.

Outra decisão dos empregados foi cerrar fileiras junto aos trabalhadores de outras empresas estatais e da categoria bancária numa luta sem tréguas contra as demissões, o arrocho salarial e a política recessiva e

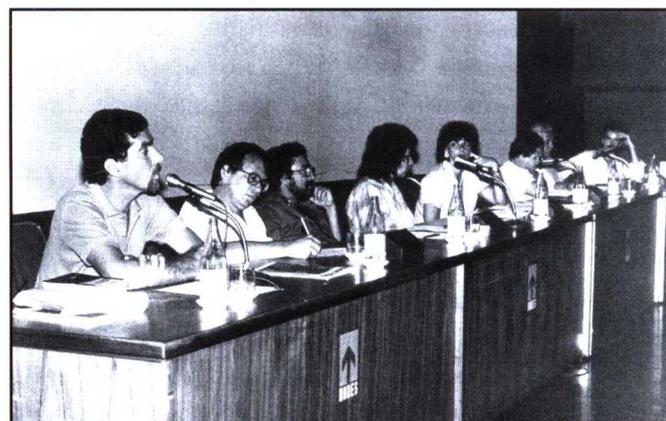


Em 1990, Carlos Lessa, na época ativista político, esteve presente à manifestação contra as demissões no BNDES.

entreguista do presidente Collor. Na Missa em Ação de Graças pela passagem do 38º aniversário do BNDES, os empregados e dirigentes da Associação trajaram luto como protesto pelas demissões. Longe de ser um dia de festa, aquele foi um dia de resistência. Resistência essa que foi mantida até a realização das manifestações que ficaram conhecidas como “Fora Collor”, que culminaram com o *impeachment* do presidente da República.

Quase duas décadas de Acordos Coletivos no BNDES

Em fevereiro de 1985, a Associação promoveu um encontro no auditório do Conselho Regional de Química para debater a negociação salarial desse ano. Além da então presidente da AF Sandra de Souza, estiveram presentes Jorge Bittar, na época presidente do Sindicato dos Engenheiros, e Jacques Gruman, pelo Sindicato dos Químicos, entre outros. No encontro, discutiu-se a importância de inaugurar, no BNDES, um processo de negociação trabalhista que já ocorria em outras empresas estatais, assim como a



Em fevereiro de 1985, a negociação trabalhista no BNDES entra em pauta.

celebração de um Acordo Coletivo de Trabalho na instituição.

No mês seguinte, para iniciar a primeira negociação salarial no BNDES, foi criada a campanha do “Bené”, um simpático personagem que simbolizava a união e a participação dos empregados na defesa de seus interesses. O associado Márcio Verde foi o desenhista que desenvolveu o trabalho, constituído de panfletos que foram distribuídos no Edserj, culminando com uma cartilha dirigida aos associados.

No dia 18 de julho de 1985, foi realizada, no Auditório do BNDES, uma Assembléia Geral da AFBNDES

que contou com a participação de mais de 500 associados. Nela foi aprovada a Pauta de Reivindicações dos empregados e eleita a primeira Comissão de Negociação, formada por Sandra Maria de Souza, Joel de Farias, Paulo Roberto Melo, João Ferrão e Maria do Carmo Freitas Ribeiro. Entre as reivindicações, constavam a solução administrativa para os efeitos gerados pelos Decretos-Lei 1.971 e 2.100; a realização de concurso público como única forma de ingresso no quadro efetivo do Banco; o fim da Assessoria de Segurança e Informação – ASI; a revisão da jornada de trabalho, com a participação dos associados; a extensão do programa de reembolso com despesas de creche aos funcionários-pais; a paridade na representação dos funcionários no Conselho da Fapes; e a concessão do subsídio-alimentação aos funcionários das representações, equiparando-o ao existente no restaurante do Edserj.



Momento histórico: em agosto de 1985 tem início a primeira negociação coletiva entre funcionários e a Administração do Banco.

Primeiro Acordo

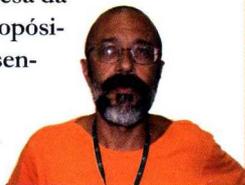
Quatro dias depois, a pauta era entregue ao então presidente do BNDES Dílson Funaro. Após as negociações, foi aprovado, em 15 de outubro de 1989, o primeiro Acordo Coletivo de Trabalho do BNDES. O documento só seria assinado em 31 de janeiro de 1986. E foi necessária muita luta para que começasse a ser cumprido. Em junho de 1986, uma grande manifestação pelo cumprimento do Acordo foi realizada em frente ao Banco, reunindo cerca de 600 empregados.

Em agosto de 1986, cerca de 200 associados participaram, no Auditório do BNDES, da AGE que definiu a Pauta de Reivindicações e a Comissão de Negociação do Acordo Coletivo de 1986. No dia 27 do mesmo mês, foi realizada a primeira audiência com a Administração do Banco, que se negava a atender as reivindicações dos empregados. Essa atitude fez com que, no dia 2 de outubro, mais de 800 colegas participassem de uma manifestação na porta do Edserj contra a intransigência da Administração. Várias entidades sindicais, como as de bancários, químicos e economistas, estiveram presentes ao ato em apoio aos empregados do Banco. O movimento levou a Administração do BNDES a uma mudança de atitude. No mesmo mês foi realizada, no Auditório do BNDES, a Assembléia Geral que definiu a aprovação do Acordo Coletivo.

O ano de 1986 marcou também a filiação da AF ao Dieese, que passou a prestar assessoramento à Comissão de Negociação dos Empregados, com o repasse das experiências de luta de outras empresas estatais. Essa filiação reforçou a idéia de que o movimento do Banco deveria estar associado à luta de toda a classe trabalhadora na defesa dos seus direitos e em busca da justiça social.

“ A Associação é uma entidade que soube se colocar em defesa dos interesses dos funcionários do Banco e, ao mesmo tempo, em defesa da instituição BNDES e dos seus propósitos como órgão fomentador do desenvolvimento nacional. ”

Sergio de Paula



Negociação interrompida

Em agosto de 1987, os benedenses foram novamente mobilizados a participar de uma Assembléia para definir sua Comissão e a Pauta de Reivindicações. Mas, no dia 4 de novembro, a Diretoria do BNDES suspendeu unilateralmente as negociações, levando a um retrocesso no processo iniciado em 1985. Avaliando a postura do Banco, o diretor da AF Sergio de Paula dizia no VÍNCULO: “A Administração procurou contestar a representatividade da Comissão de Negociação; não respeitou a decisão de uma Assembléia democrática dos funcionários; tentou acabar com a autonomia da Associação; além de ter proposto a renegociação de pontos já conquistados pelos empregados nos Acordos de 1985 e 1986.”

Em 8 de dezembro de 1988, retomando a normalidade do processo de negociação, os empregados aprovaram a minuta do Acordo Coletivo. A partir de 1989, o Sindicato dos Bancários começou a participar do processo de negociação coletiva no BNDES. E, no início da década de 90, os Acordos passaram a ser negociados conjuntamente pelas Associações de Funcionários do Sistema BNDES.

PR e PECS

De lá para cá, cada negociação tem sido um momento privilegiado para avançarmos em nossas conquistas e na defesa do corpo funcional – e os Acordos de Participação nos Resultados, firmados nos últimos quatro anos, e a unificação das carreiras de “Ata B” e “Ata A”, em 2001, comprovam essa trajetória vitoriosa. Algumas vezes, como em 1999, os empregados foram obrigados a agir de forma mais veemente, paralisando suas atividades para obter contrapropostas satisfatórias às suas reivindicações. Mas sempre há pelo

que lutar. Este ano, por exemplo, a AFBNDES permanece mobilizada na defesa dos interesses dos empregados do Grupamento “C”, em sua luta por ascensão funcional, e do pessoal que integra o PECS – Plano Estratégico de Cargos e Salários, não aceitando tratamentos diferenciados e discriminatórios na instituição.

Na negociação de 2003, todas as atenções estavam voltadas para a unificação dos Planos de Cargos e Salários do BNDES: o PUCS e o PECS. Especialmente porque, no mês de junho, a Diretoria do Banco havia aprovado a proposta – principal reivindicação dos empregados que ingressaram no Banco a partir de 1998. “No momento, temos acompanhado o processo de discussão da Diretoria do BNDES com órgãos federais, no sentido de dar fim a essa indesejável situação de termos duas condições distintas de normas regendo a gestão de pessoal no Banco”, afirma o diretor da AF, Mário Assis Causanilhas. Vale ressaltar, nesse ponto, que o trabalho das Associações de Funcionários junto à Administração do BNDES já tem trazido bons frutos para os novos empregados – em 2001, por exemplo, houve a extensão, ao pessoal do PECS, do plano de saúde integral e dos cinco dias frutivos. Outras vitórias virão.



Entidade consolidada

“ Eu tive o prazer de participar da AFBNDES, como presidente, em cinco gestões. Percorrendo outras entidades, testemunhamos o reconhecimento pelo trabalho e a seriedade da Associação, o que é também captado pelo associado, que vê a entidade como um órgão que lhe representa não apenas nas questões de relacionamento empresa-empregado, como também no seu papel de inserção na sociedade civil. Ao completar 50 anos, a entidade está consolidada, tanto no seu papel institucional como no papel patrimonial, econômico e financeiro, condição indispensável para que o trabalho político seja desenvolvido satisfatoriamente. ”

Antônio Saraiva

Compromisso com a alegria

Os eventos que ajudaram a congregar os benedenses

Desde a sua fundação, em 1954, a AFBNDES sempre reservou atenção especial aos eventos sociais. O fato de a entidade, nas últimas duas décadas, ter assumido a linha de frente nas reivindicações político-salariais dos funcionários do Banco não impediu que as atividades sociais e recreativas continuassem a ser realizadas. Elas fazem parte de um capítulo da história da AF que começou a ser escrito três meses após a sua fundação, no salão do Clube Piraquê, na Lagoa, quando foi realizada oficialmente a primeira festa promovida pela entidade.



A Festa de 49 anos da AFBNDES levou centenas de associados ao Asa Branca.

Os anos 60 e 70 são considerados pelos associados mais antigos como as décadas glamourosas da Associação. Nessa época, eram comuns a realização de passeios e excursões nos finais de semana e feriados prolongados. Madeilene Pérez de Carvalho participou ativamente dessa fase da AF como diretora social. Até hoje ela é lembrada pelas festas e passeios nacionais e internacionais que chegou a realizar. Em 1974, por exemplo, a diretora promoveu cruzeiros marítimos pelo litoral brasileiro, estendendo-se até a Amazônia. Os passeios internacionais incluíram idas a Buenos Aires, Montevidéu, Santiago, Bariloche, Disneylândia e Miami. Por duas vezes, foi necessária a realização de vôo *charter* para atender à demanda de associados. “No período em que fui diretora, realizei eventos em grande estilo. Contudo, não podemos esquecer que os tempos eram outros e a Associação tinha o respaldo financeiro do Banco. Nos dias de hoje, talvez eu não aceitasse o cargo, pois as coisas ficaram mais difíceis. Mesmo assim, os colegas que assumiram essa missão souberam supe-

rar os obstáculos e levar adiante as programações sociais”, destaca Madeilene.

Ainda nos anos 70, a AF chegou a realizar excursões para a Europa, como a do Carnaval de 1974 em Londres. Nesse mesmo ano, a Associação organizou um passeio à Alemanha, durante a realização dos jogos da Copa do Mundo de Futebol. Os megaeventos também faziam parte da agenda social da entidade. Certa vez, para comemorar o aniversário do Banco, a AF organizou a festa “Uma Noite em Buenos Aires.” O Canecão – tradicional casa de shows do Rio – foi alugado para a realização da festa, que teve como atração principal um grupo de tango argentino.

Por várias vezes, os salões da AEC foram palco de grandes festas da AFBNDES. Na foto ao lado, um flagrante da confraternização de final de ano, em 1980.



Ao longo dos anos, a AF sempre se fez presente nas comemorações de aniversário do Banco, participando da organização de festas e coquetéis e da celebração de missas em Ação de Graças – que durante muito tempo esteve sob a responsabilidade de Tia Nely, na época chefe da Biblioteca da Associação. Numa dessas festas comemorativas – ocorrida em 1982, quando o BNDES completava 30 anos –, as principais atrações foram a cantora Alcione e o Orquestra Tabajara. Quase três mil pessoas espalharam-se à beira da grande piscina do Iate Clube para cantar e dançar. Na ocasião, os funcionários Juzoé Bastos, Gilda Borges e Suzette Dias Gomes foram homenageados com placas comemorativas, por pertencerem ao grupo dos primeiros funcionários da instituição. Em 1984, a AF aproveitou as festividades em homenagem ao Banco para lançar a Primeira Mostra de Arte do Sistema BNDES, que, com o passar dos anos, se transformou em um dos mais importantes eventos culturais da entidade.

As atividades sociais ganhariam um novo impulso com a construção da sede social – o Clube da Barra – no dia 19 de junho de 1977. Coube à então diretora social Zeila dos Santos Fogaça a honra de organizar a primeira festa no Clube. E não poderia ser mais contagiante: no dia 10 de setembro desse ano, Beth Carvalho subiu ao palco para levar o público presente ao delírio. Público, aliás, que superou as expectativas mais otimistas. Os dois salões e a varanda foram insuficientes para comportar os cerca de 1.300 associados que prestigiaram o evento. O conjunto Octeto Rio se encarregou da música do baile, que só foi interrompido durante os 45 minutos do show de Beth e na hora de cantar o “Parabéns Pra Você”, uma homenagem ao

Banco, que comemorava seu 25º aniversário. A partir dali, uma série de atividades recreativas começaram a agitar os finais de semana no Clube da Barra. Surgiram os almoços dançantes, um evento que passaria a acontecer tradicionalmente nas datas festivas.

O primeiro baile de carnaval na sede social só ocorreu em janeiro de 1979, quando um grande número de associados e familiares se fizeram presentes. Nesse mesmo ano, pegando carona no modismo da gafieira, a AFBNDES levou ao salão do Clube da Barra o Jim Bossa, um conjunto que, na época, tocava na gafieira do Grêmio Recreativo da Praça Tiradentes. Cerca de 300 pessoas estiveram presentes à festa, que varou a madrugada. Ainda em 1979, Raul de Barros foi outra atração a se apresentar na sede social da AF. O ano ficou marcado também pela realização do I Festival do Chope. Foram consumidos 1.700 litros da bebida, num

Promovendo

As atividades sociais envolvendo os colegas aposentados são sempre marcadas pela alegria do reencontro. Em novembro de 1998, ocorreu um desses eventos, contagiando as cerca de 80 pessoas que compareceram ao almoço musical promovido pela AF e APA no Clube da Barra, no dia 19. Associados aposentados e ativos aproveitaram a música ao vivo para curtir ao máximo a magia do momento. “O



Associados e familiares participam de gincanas e brincadeiras promovidas nas tradicionais festas caipiras.

ambiente de alegria e harmonia entre os associados. Os destaques ficaram com a apresentação da bateria nota 10 da Mocidade Independente de Padre Miguel e com quatro mulatas da escola de samba, que não deixaram o clima esfriar.

No início da década de 80, os eventos culturais ganharam peso e o social viria a reboque. O surgimento do Botequim da AF, em 1983, motivou o aparecimento de grupos de novos artistas do Banco. Durante seis anos, o espaço – localizado no terraço da então sede da AF – passou a ser ponto de encontro. Entre uma cerveja e outra, os bate-papos fluíam, fortalecendo os laços de afinidades entre os benedenses. Não apenas o segmento social, mas também o cultural e o político da Associação foram revitalizados nesse período, passando a contar com a participação ativa de um bom número de associados.

Nesse período, as programações de karaokê e voz e violão agitavam o espaço. “O Botequim começou com o impulso de um grupo de funcionários do Banco que eram muito musicais. Adilson, Marilsa, Lúcio Campos e Haroldo Cella são alguns entre tantos colegas que participaram desse movimento. As pessoas se reuniam lá, começavam a cantar e as coisas iam acontecendo. Era o ponto de encontro dos funcionários no final do expediente”, recorda Ilma Leda, diretora social no período 1986/88. Em 1989, com a transferência da sede administrativa da Associação para a Rua Buenos Aires, o Botequim fechou suas portas, deixando saudosos os funcionários do Banco que freqüentavam o espaço com assiduidade. “O Botequim era um espaço ímpar, pois unia o fato de estar próximo ao Banco com o nosso desejo de partilhar com os colegas as experiências ar-

encontros

restaurante da sede social era o palco. Os personagens sentiam-se no Banco. De repente, os anos de aposentadoria não contavam, estávamos de novo nos corredores do BNDES. Formávamos um grande elenco, graças à idéia da AF e da APA e ao esforço pessoal do companheiro Ivo Galvão II”, afirmou a aposentada Suely Canero na época, em depoimento enviado ao VÍNCULO e publicado na edição 423.





Almoço dançante no Clube da Barra, em 1996.

tísticas que cada um procurava desenvolver”, relembra Anilse Santos. Nos anos seguintes, foram feitas algumas tentativas de arranjar um novo espaço que viesse suprir a lacuna do Botequim, mas elas não foram bem-sucedidas (veja as páginas 65 e 66).

Shows

Seguindo a linha dos grandes espetáculos iniciados com o show de Beth Carvalho em 1977, Leci Brandão se apresentou no Clube da Barra em outubro de 1981. O espetáculo foi um sucesso absoluto. A cantora e compositora conseguiu empolgar o público com um variado repertório musical. Nesse mesmo ano, Jorginho do Império, acompanhado de mulatas e sambistas, fez a alegria dos associados. O seu show, na sede social, foi uma das atrações no III Festival do Chope, organizado pelo então diretor social Ubirajara Belesa do Nascimento. Ubirajara, juntamente com Irani Rodrigues de Almeida, já havia organizado, no ano anterior, o espetáculo “Rio Carnival Show” na sede social, com a presença de mulatas e sambistas da Mocidade Independente de Padre Miguel.

Em maio de 1982, quase 400 pessoas compareceram ao Clube da Barra para ver o show “Uma Noite na Senzala”, com a apresentação de grupos folclóricos. Na abertura, funcionários do Banco reproduziram o ritual do afoxé, seguido de uma roda-de-samba que precedeu a entrada em cena dos alunos de uma academia de danças afro. A festa culminou com a exibição da ala das baianas do Império Serrano e de mulatas, que apre-

sentaram um show “tipo exportação”. A cenografia foi do funcionário do Banco Lúcio Campos e a roda-de-samba foi organizada por Antônio Prisco Pereira.

Dois anos depois, os associados puderam conferir, também no Clube da Barra, um show de sensualidade e ritmo no espetáculo “Essa Mulher”, estrelado por Zezé Motta. Foi mais uma noite daquelas que quem esteve presente lembra até hoje. A cantora e atriz brindou os associados interpretando grandes nomes da MPB. No final, fez questão de elogiar o espaço e parabenizar os funcionários do Banco por “disponerem de uma sede social tão completa”, disse.

Em outubro de 1992, foi a vez de Fátima Guedes e Guinga brindarem os associados com o show “Delírio Tropical”. O estilo intimista do espetáculo agradou em cheio aos que estiveram presentes na Barra. Destaque para as belas composições de Guinga, o texto inventivo

Beth Carvalho, Leci Brandão, Zezé Motta, Fátima Guedes, Luiz Melodia e Guilherme Arantes são alguns dos artistas que já se apresentaram no Clube da Barra.



Guilherme Arantes no Clube da Barra: um dos momentos sociais mais marcantes de 2003.

do parceiro Aldir Blanc e a interpretação impecável de Fátima Guedes. A programação de grandes espetáculos voltaria a agitar os benedenses em julho de 1996, com os Golden Boys. O público, que lotou o salão da sede social, foi ao delírio. Até os mais tímidos não resistiram ao som do iê-iê-iê. No final da apresentação, que durou quase duas horas, muitos aplausos, pedidos de bis e a certeza de que o Clube havia vivido um de seus melhores momentos. Ainda em 1996, Ed Lincoln e sua banda se apresentaram na Barra. Quem esteve presente garante que foi uma festa inesquecível, à altura da entidade.

Em 2003, depois de um longo período de jejum, duas apresentações de peso agitaram a sede social, que foi preparada com esmero para esses espetáculos: em abril, Luiz Melodia cantou velhos e novos sucessos para o público, que compareceu em grande número. Em setembro, foi a vez de Guilherme Arantes se apresentar no Clube da Barra com o espetáculo “Aprendiz”, no qual o cantor reviveu seus 27 anos de carreira. O público, que lotou as dependências da sede social, cantou junto e se emocionou com as canções do artista. No final, ele declarou estar honrado de poder se apresentar para os funcionários do BNDES. Para o diretor social, Geraldo Magela, a participação efetiva dos associados nos eventos promovidos pela Associação é um incentivo para que a entidade continue apostando em grandes atrações. “A intenção é dar continuidade à política de revitalização da nossa sede social, não apenas levando grandes artistas como também realizando bailes dançantes e, é claro, mantendo a agenda das atividades, que já são tradicionais, tanto no Clube da Barra quanto na Pousada Itaipava”, afirma.

Eventos

Com o passar dos anos, as festas alusivas a datas especiais passaram a integrar o calendário oficial da entidade, fazendo a alegria dos funcionários do Banco e de seus familiares. Em 1977, já no Clube da Barra, cerca de mil pessoas prestigiaram a primeira visita de Papai Noel à sede social. A chegada triunfal do “bom velhinho” no salão superlotado contagiou as crianças, que ganharam brindes e participaram de brincadeiras organizadas por recreadores. Nos anos seguintes, a presença de Papai Noel no Clube da Barra, nas vésperas do Natal, passou a ser uma tradição entre os associados.

De mãos dadas



“ Eu vivi um período muito rico da história da Associação. Época em que os funcionários arregaçaram as mangas e participaram ativamente de um processo de mudança. Dentro desse contexto, cada segmento teve o seu destaque. A atuação da AF em todas essas áreas a tornou forte e com grande credibilidade entre os benedenses.

A AFBNDES tem agora a responsabilidade de mostrar para os funcionários que estão ingressando no Banco que ela é uma entidade sólida e importante na vida do corpo funcional. A AF foi, é e continuará sendo uma entidade que caminha de mãos dadas com os funcionários do BNDES. Que os novos funcionários não deixem esse valor se perder. ”

Ilma Leda



Muita diversão nas comemorações do Dia da Criança.

Aos poucos, outros atrativos foram se agregando à festa, como a chegada do “bom velhinho” de helicóptero ao campo de futebol, gincanas e apresentações circenses. Também houve anos em que Papai Noel fazia uma “visita extra” ao Edserj, sempre distribuindo brindes e compartilhando com todos o espírito natalino.

Outro evento que passou a acontecer todos os anos é a festa de virada do ano. O primeiro *réveillon* no Clube da Barra, em dezembro de 1977, levou 400 associados à sede social para comemorar a chegada do novo ano em grande estilo. Atualmente, a festa vem acontecendo na Pousada Clube Itaipava e atraindo cada vez mais o interesse de associados e familiares.

As festas caipiras também figuram na lista dos eventos tradicionais. Seja no Clube da Barra ou na Pousada, as apresentações de quadrilhas, as fogueiras, os fogos



Nos meses de dezembro, a festa da chegada de Papai Noel é outro evento tradicional da AFBNDES. Na foto acima, uma das visitas do “bom velhinho” ao Clube da Barra.

de artifício, as brincadeiras e as barracas com bebidas e comidas típicas passaram a fazer parte da programação social da AF, sempre contando com a participação maciça de associados. Prova disso é que em 2003, só na Pousada, foram realizadas três festas caipiras para atender à demanda de público. A presença de grupos de forró e equipes de recreadores para a organização

Colhendo os frutos



“ Como associada, participei ativamente de grande parte dos eventos realizados nos diversos setores da AFBNDES. Como diretora social, pude dar minha parcela de contribuição trabalhando na realização das atividades sociais e recreativas com que os benedenses mais se identificam. Mas o que mais marcou a minha gestão foi o plantio de árvores no Clube da Barra. O resultado pode ser visto hoje, com a sede social totalmente arborizada. Eu tenho uma enorme alegria quando encontro colegas do Banco e eles relatam que seus filhos, hoje adultos, ainda recordam daquele ano (1988) em que plantamos as mudas no Clube. ”

Ângela Gomes Moura

de jogos de salão, além de sorteios de brindes, é outro atrativo que foi sendo agregado ao evento.

Nas datas especiais, como o Dia da Mãe, o Dia dos Pais e a comemoração da Páscoa, a AF passou a realizar tradicionalmente almoços dançantes, complementados por gincanas, competições esportivas e sorteios de brindes e viagens. Em agosto de 1996, por exemplo, a atração principal na comemoração do Dia dos Pais foi o sorteio de uma cabine dupla no então luxuoso Trem de Prata, para uma romântica e confortável viagem Rio–São Paulo–Rio, com jantar e café da manhã. “Com o passar dos anos, fomos oferecendo novos atrativos para que o associado tenha sempre um bom motivo para se fazer presente”, ressalta Magela.

A festa em comemoração ao Dia da Criança é outro evento que enche o Clube da Barra de alegria. Anualmente, para comemorar a data, a AFBNDES organiza atividades recreativas, instala brinquedos e apresenta atrações especiais como palhaços, mágicos, dançarinos, enfim, tudo que venha a entreter a criançada por



**No ano do
cinquentenário,
o Baile do
Trabalhador agitou
o Clube da Barra
e deu início
à série de
atividades
sociais em 2004.**

horas seguidas. E a distribuição de brindes, claro, é uma parte da festa que não pode faltar. “Buscávamos realizar atividades que envolvessem pais e filhos. Esses eventos permitiam que nós conhecêssemos os filhos dos nossos colegas do Banco, que passavam a nos chamar de tios. Parecíamos uma só família”, relembra Ângela Moura Marques, diretora social no período de 1988/90.

Em 1994, outro evento entrou oficialmente no calendário social da AF: o Queijos & Vinhos. O clima da serra inspirou a Diretoria Social a promover uma excursão à Pousada, onde os associados puderam degustar bons vinhos e deliciosos queijos. “Realizamos o primeiro Queijos & Vinhos na Pousada sem imaginar que essa atividade passaria a integrar a agenda de eventos da entidade. De lá pra cá, a participação dos associados tem sido tão boa que já chegamos a realizar cinco ‘Queijos e Vinhos’ seguidos. O mesmo vem ocorrendo com as festas Juninas e julinas”, conta Magela. Ele recorda de uma época em que o bar e o restaurante do Clube da Barra foram arrendados e, como o serviço não atendia à expectativa, os sócios reduziram a frequência à sede social. “Nesse período, passamos a realizar as atividades sociais em outros locais, como no Clube Sírio Libanês, no São Cristóvão Imperial, Helênico, Bola Preta, AABB-Tijuca e Portela, inclusive com sorteio de fantasias entre os associados”, relembra. A parceria com esses clubes rendeu para a AFBNDES, em 2002, o troféu por ter a melhor Diretoria Social do Rio de Janeiro. A AF também foi agraciada com o título de melhor entidade classista do ano, por conta dessa integração dos associados.

Os bailes

Bandas como Cry Babies, A Marca do Tempo, Aeroporto, Água Viva, Cuba Libre, Brasil Som Maior, entre outras, fazem parte dos incontáveis bailes promovidos pela AF. Os salões da AEC – Associação dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro –, do Bola Preta, do Ginástico Português e do Clube da Barra são testemunhas de memoráveis festas que ajudaram a congregar os funcionários do BNDES. O Sexta Dançante, evento criado pela Diretoria Social nos anos 90, levou para a Barra a Orquestra Cuba Libre, do maestro Fran-



**Ao longo dos 50 anos da AF,
muitas bandas ditaram o ritmo das
festas promovidas pela entidade.**

Fortalecendo vínculos



“A proposta da Diretoria Social é a de integrar as pessoas dos diversos setores do Banco, criando possibilidades para que todos os colegas passem a conhecer melhor uns aos outros. As atividades sociais, além de propiciar a formação de sólidas amizades, também ajudam a humanizar o relacionamento profissional.

Alguns dos bailes promovidos pela AFBNDES funcionaram até como cupido. Lembro de um funcionário do Banco que conheceu uma colega de trabalho no baile-show dos Golden Boys, no Clube da Barra. A partir dali, começaram a namorar, se casaram e, hoje, têm filhos e vivem muito bem.

O respaldo que os associados dão à AF, prestigiando os eventos por ela organizados, nos impulsionam a novos desafios. No ano do cinquentenário, além das atividades sociais já inseridas no calendário oficial da entidade, realizaremos bailes e um grande show. Afinal, fazer 50 anos não é para qualquer entidade.

A história da AFBNDES se confunde com a história do próprio Banco. Isso fica claro quando as pessoas denominam a confraternização de final do ano como “a Festa do Banco”. No início dos anos 60, o BNDES bancava a festa e deixava a organização por conta da AF. Depois, o Banco parou de financiar esse evento, mas a Associação deu continuidade por entender que se trata de um momento de conagração dos funcionários da instituição. Até hoje, a festa é promovida pela AF, mas todos continuam a chamá-la de “Festa do Banco”. Essa fusão demonstra que a instituição e a entidade caminham juntas. ”

Geraldo Magela

cisco Araújo – filho do lendário Severino Araújo. Mais de 400 pessoas estiveram presentes.

O Baile da Primavera foi outra iniciativa que merece destaque. Realizado pela primeira vez em setembro de 1994, ele nasceu com a ideia de trazer para o Clube da Barra toda a família do associado. O evento foi dividido em três ambientes: enquanto o baile principal acontecia no salão de festas, a sala de TV foi transformada em uma discoteca para os adolescentes e, na sala de sinuca, foi organizada uma recreação infantil. A festa teve até escolha de rainha, cujo título ficou com a então adolescente Andréia Cristina, filha da funcionária do BNDES Clara Eliane Costa Paula Lima. Um grupo de associados presentes à festa aproveitou para fazer uma bem-humorada eleição da “Rainha da Primavera”.

Na lista de bailes, podem ser mencionados ainda o “Sonho Meu” – que incentivou o participante a vestir-se de forma diferente e criativa; o “Anos 60”, revivendo o ritmo da Jovem Guarda; o “Baile dos Namorados”, que deu à sede social um clima de romantismo; o “Flashdance”, possibilitando uma viagem aos anos 70, entre tantos outros. Na década de 90 teve até luau à beira da piscina do Clube da Barra, com direito a música ao vivo e karaokê. A participação do quadro associativo nesses bailes também merece destaque, comprovando que o retorno da iniciativa é positivo. O baile pelos 49 anos da AF, por exemplo, realizado em julho de 2003 no Asa Branca, reuniu mais de mil pessoas nessa casa de espetáculos. Este ano, as atividades sociais tiveram início no dia 1º de Maio, com o Baile do Trabalhador. A banda A Marca do Tempo, mais uma vez, foi escolhida para animar os associados que compareceram ao Clube da Barra.

A Diretoria Social adianta que a entidade estuda o retorno do Festival de Chope e a volta da Colônia de Férias para os filhos dos associados. A AFBNDES pretende ainda revitalizar as atividades para aposentados – como chás dançantes – e as programações turísticas, mantendo as iniciativas que já fazem parte da agenda social. Certamente, cada associado tem um evento organizado pela AF que lhe traz boas recordações. São fragmentos de uma história que não pára aqui. Ao brindar os 50 anos de atividades, fica a certeza de que muitos outros bailes e eventos virão, ajudando a escrever novos capítulos dessa história.

Saudades do Botequim

O espaço que entrou para a história da AFBNDES

Quem frequentou o Botequim da AF, localizado na Av. Rio Branco 120, antigo endereço da AFBNDES, deve sentir saudade do lugar. Era um boteco especial, perfeito para a confraternização dos associados e seus convidados. Pendurado no 12º andar do edifício da Associação dos Empregados do Comércio (AEC), o Botequim tinha uma bela vista do Centro do Rio, com várias outras vantagens: a cerveja, quase sempre gelada, era mais barata e sempre podíamos escutar boa música – voz e violão, pagode, forró, “anos dourados”, Beatles, os “Santos de Casa” (Cleide, Santos, Nélia, Marilsa etc.) e até mesmo Villa-Lobos, como aconteceu em recital em homenagem ao 33º aniversário da Associação.

O espaço também foi utilizado para exposições de artes plásticas (Nelson CD, Ana Paiva e José Gomes Amorim passaram por lá, entre outros), mostras de fotografia, aulas de violão, exibição de filmes e infindáveis comemorações. Jaime Arôxa, um dos mais famosos dançarinos do Rio, ensinou os primeiros passos da dança de salão ali mesmo, bem junto ao bar. Mas, o que mais dá saudade desse tempo é o clima de descontração que reinava no lugar, como se naquela época a vida fosse mais leve e sedutora.



Luiz Henrique, Ilma Leda e Marilsa Menezes na noite de 18 de agosto de 1989, durante o show de despedida do Botequim.

Inauguração

A primeira festa no Botequim aconteceu em 1983, no mesmo dia em que a Associação inaugurava oficialmente sua nova sede administrativa, no edifício da AEC. A ampla varanda do 12º andar já se destacava como ótimo espaço para confraternizações. Em fevereiro, ao completar um mês de funcionamento, o sucesso do Botequim já era uma realidade. Nesse dia, o violão, o

Com o surgimento do Botequim, os funcionários do Banco puderam revelar seus dons artísticos, como é o caso de Cleide Rodrigues, um dos grandes talentos da Casa.



cavaquinho e os instrumentos de percussão – que a própria AF emprestava – faziam suas estréias. A instalação de um microfone foi o impulso que faltava para que os funcionários do Banco começassem a soltar a voz e a revelar talentos até então desconhecidos. Ambiente eclético, o Botequim abrigava ainda reuniões políticas e posses dos dirigentes da AF. Toda segunda-feira virava uma extensão da reunião de Diretoria da AF, em período de bons debates e belas lutas.

Durante cinco anos o Botequim da AF encheu nossas vidas de alegria, mas um dia a festa acabou. Com a transferência da sede administrativa da Associação para a Rua Buenos Aires, o

Botequim teve de fechar suas portas. A despedida aconteceu no dia 18 de agosto de 1989, com o show “MPB de Todos os Tempos”, estrelado por nossos melhores cantores e cantoras.

“Os funcionários estavam acostumados com o espaço. A área permitia o encontro dos associados após o expediente e possibilitava o desenvolvimento de vá-

rias atividades sociais e culturais. O Clube da Barra nunca pôde ser considerado uma alternativa para substituí-lo devido à distância. A sede social é ideal para shows e bailes, mas para o encontro diário após o trabalho não é adequada”, afirma Ângela Moura, diretora social na gestão 1990/92. “Com o fechamento do Botequim, o pessoal que freqüentava o espaço ficou disperso, sem local certo para se encontrar, dificultando ensaios e até

mesmo a confraternização após o dia de trabalho”, ressalta Marilsa Menezes, também ex-diretora social da AF.

Em setembro de 1997, o diretor social Geraldo Magela tentou trazer o Botequim de volta, no terraço do Rio’s

Presidente Hotel, localizado a 100 metros do BNDES, com vista para a Catedral Metropolitana e o Corcovado. A experiência durou pouco tempo e os associados que tiveram o privilégio de freqüentar o varandão do 12º andar da Av. Rio Branco 120 permaneceram na saudade.

Com a mudança da sede administrativa para a Rua Buenos Aires, o Botequim da AF completava o seu ciclo.



“O Botequim da AF representa um capítulo muito especial nas nossas vidas. A partir desse espaço, muitos colegas passaram a cantar. Nesses 50 anos da AFBNDES, é muito bom poder lembrar um pouco daqueles bons momentos. Desejo à entidade muito sucesso e que continue brindando os associados com atividades que congreguem os benedenses.”

Marilsa Menezes

Caldeirão cultural

As diversas manifestações artísticas promovidas pela AFBNDES

Em meio século de atividades, a AFBNDES vem contribuindo ativamente para que os funcionários do Banco revelem seus talentos também no mundo das artes. Os eventos culturais promovidos pela AF fazem a diferença, abrindo espaço para os benedenses exporem suas idéias e sentimentos. Os shows e exposições já realizados pelos artistas da casa despertaram a atenção do público externo e elevaram ainda mais o nome da instituição BNDES. Veja, a seguir, como os eventos culturais da Associação passaram a fazer parte da vida do Banco.



Expoarte

A Exposição de Artes Plásticas da AFBNDES reúne, desde 1984, trabalhos de funcionários do Sistema BNDES divididos nas categorias pintura, escultura, desenho, gravura, objeto e instalação e é considerada o evento cultural mais expressivo da Associação. Segundo Márcio Verde, funcionário do Banco, professor e artista plástico, a mostra foi idealizada por quatro benedenses – o próprio Márcio, José Gomes Amorim, Ivânio Cunha e Margareth Hissaco Watanabe. Logo em seguida, outros colegas vieram juntar-se aos quatro e participar da primeira edição do evento. A Expoarte estabeleceu definitivamente a integração entre a sensibilidade e o trabalho técnico. Ao longo do tempo, ela foi ganhando projeção e a cada ano revela novos artistas, alguns formados através dos cursos de aquarela, fotografia e desenho oferecidos no próprio Edserj.

O evento abriu as portas para que muitos funcionários pudessem expor seus trabalhos, como explica o

Realizada há 21 anos seguidos, a Expoarte é o evento cultural mais tradicional da AFBNDES.

funcionário aposentado Frederico Kautz: “A Expoarte me ofereceu a primeira oportunidade de submeter ao julgamento público um trabalho artístico que eu já realizava como *bobby*. Até então, jamais havia participado de uma exposição. Era um exercício quase que clandestino, na medida em que não era visto por ninguém, a não ser por minha família e alguns amigos”, revela. O cuidado de separar o profissional do artista plástico fez com que Kautz criasse um pseudônimo: Zutka, um anagrama de seu sobrenome. “Na época, antes de participar da primeira Expoarte, tinha uma dúvida: será que, perante os colegas do BNDES, o fato de expor meus quadros, e de divulgar um outro lado da minha personalidade, não iria tornar-me passível de crítica, por me interessar por um assunto tão diferente das preocupações de um economista?”, indagava-se Kautz. Mas a reação dos colegas do Banco não poderia ter



Bia Garcez, uma das veteranas da Expoarte.

sido melhor, alguns deles até se tornaram seus primeiros colecionadores, incentivando Kautz a ir em frente. “O fato de usar minha criatividade nas artes plásticas não me diminuiu como profissional. Pelo contrário. E o mais importante foi a reação entusiasmada de alguns críticos de arte e donos de galeria que visitaram as sucessivas mostras. Participar na Expoarte deu-me mais segurança para enfrentar o público em geral e submeter meus trabalhos ao julgamento do mercado”, completa.

Assim como Kautz, outros benedenses se tornaram artistas conhecidos e premiados no meio, como são os casos de José Gomes Amorim, Nelson CD, Márcio Verde, Bia Garcez e Carlos Alberto Barroso, diretor cultural da AF, entre outros. Funcionária aposentada do Banco, Bia teve suas obras expostas em galerias no Brasil e no exterior. “Eu participei de todas as Expoartes e venho acompanhando a evolução da mostra. Lembro como tudo começou. Era um pequeno grupo de colegas imbuídos de um propósito que foi ganhando força. Hoje, quando vemos quase 50 colegas expondo seus trabalhos e a presença cada vez maior do público, ficamos todos emocionados”, conta. Márcio Verde se diz feliz por ver novos artistas brotando no Banco. “É emocionante ver que a idéia criou raízes e que ela se renova a cada edição, com a participação de



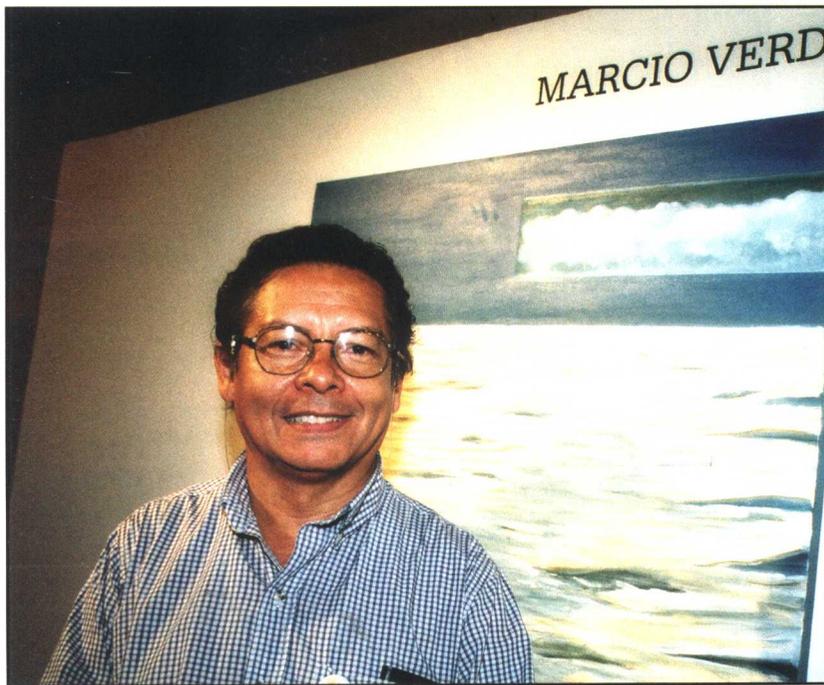
Leque cultural

“ As atividades culturais da AFBNDES oferecem um leque de opções para que o associado possa exprimir o seu senso artístico. Todas essas atividades só são possíveis pela alta qualidade do corpo funcional. O objetivo da Diretoria Cultural é desvendar e incentivar os talentos existentes na Casa. Os eventos refletem o nível cultural dos funcionários. A nossa função é a de incentivar e estimular essas vocações adormecidas.

Mas é bom ressaltar que, além dos eventos de maior porte, como a Expoarte, a Expofoto, o Coral e o grupo de Teatro por exemplo, a AFBNDES promoveu diversas atividades que, pelo sucesso obtido, acabaram sendo incorporadas pela Cipa – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Os grupos de ikebana – arranjos florais orientais – , ioga e aquarela são bons exemplos de atividades iniciadas pela AF e que depois, numa evolução natural, passaram a ser atividades regulares da Cipa.

Ao comemorarmos o cinquentenário da AF, fica a certeza de que a entidade tem sido da maior importância para os funcionários, tanto pelo patrimônio e serviços à disposição dos associados quanto pelo papel desempenhado como entidade representativa. ”

Carlos Barroso



**Marcio Verde e a Expoarte:
“A mostra se renova a cada ano
e é o ponto alto da cultura
no Banco.”**

novos funcionários. Isso faz da Associação um grande celeiro cultural”, garante. Ana Amaral é exemplo disso. Debutante na mostra deste ano, Ana passou a demonstrar interesse pela pintura após ter visitado a edição do ano anterior. “Estou empolgada com a repercussão da mostra e, além de continuar expondo, pretendo também cursar a Escola Nacional de Belas Artes”, declarou. Marize Bacellar (Taiza) completou este ano sua nona participação e reconhece os resultados positivos da mostra. “A Expoarte tem a finalidade de aflorar o lado artístico que cada um de nós tem. Essa iniciativa da AF é fundamental porque nos dá essa chance de expor os nossos sentimentos”, avalia.

Amorim é outro artista da casa que viu a Expoarte nascer. “O fato de já estarmos na 21ª edição demonstra que a iniciativa é um sucesso. Vi colegas começando a pintar motivados por essa exposição. Pessoas que começaram a se dedicar à arte porque tiveram essa oportunidade e se sentiram capazes de produzir. Arte é sensibilidade, equilíbrio e criatividade. Mas é preciso lembrarmos de alguns nomes que trabalharam para a obtenção do espaço cultural dentro do Banco, como Armando José Leal, na época diretor cultural da AF”, enfatiza. Para Armando, a obtenção do espaço foi uma conjugação de interesses. “Quando viemos para o Edserj, em 1983, havia um espaço ocioso no andar térreo. A Petrobrás já tinha o seu espaço para mostras culturais e, como alguns colegas do Banco já estavam envolvidos com artes plásticas e fotografia, passamos

a trabalhar a idéia de termos o nosso espaço. Sugerimos que a Associação apresentasse uma proposta junto ao Banco para que fosse criado um espaço cultural e nele, eventualmente, pudesse haver uma mostra de trabalhos realizados pelos funcionários do Banco. Felizmente, essa sugestão foi aceita pela Administração e o resultado está aí, dando vazão a que vários colegas tenham um espaço para expressar as suas aptidões. Vários deles, a partir dessas mostras e do intercâmbio de informações, puderam aprimorar a qualidade de seus trabalhos e passaram a expor em outras galerias da cidade. A utilização daquele espaço ocioso foi uma experiência bastante feliz, tanto do ponto de vista da Associação quanto da Administração do Banco”, afirma.

O funcionário e artista plástico Nelson Cruz Dias é testemunha de como a Expoarte abre portas. Ele começou rabiscando desenhos numa folha de papel em sua mesa de trabalho. Dali, partiu para as telas nas horas vagas. Nelson CD, como é conhecido, é adepto da arte *naij*, um estilo que se caracteriza pelas cores



**Ângela Lussac ficou com o
prêmio de Melhor Obra na
21ª Expoarte, em 2004.**

vivas, temas populares e simbologia ingênua. Em 1983, o convite do colega Joel de Farias Neto, na época diretor cultural, para expor seus trabalhos no Botequim da AF foi a oportunidade que faltava para esse autodidata deslanchar. Dois anos depois, lá estava ele participando da 2ª Expoarte e nunca mais parou de pintar. Hoje, o funcionário coleciona vários prêmios, dentro e fora do Banco. “A arte expande os horizontes e nos deixa mais completos como ser humano”, define.

Em 2002, a AF instituiu o Prêmio Aquisição, como forma de valorizar ainda mais a participação dos colegas. Nesse ano, Marli Pestana conquistou o prêmio com a obra *Natureza Morta*. A escolha foi feita pelos próprios artistas. Outros sete trabalhos também foram premiados, através de votação entre os diretores da Associação. As obras adquiridas pela entidade estão expostas na Pousada Clube Itaipava e fazem parte do acervo permanente da AFBNDES.

Para o diretor cultural da Associação, Carlos Barroso, a Expoarte, que este ano chegou à sua 21ª edição, é muito mais do que uma mostra de trabalhos artísticos. “O evento é um dos mais concorridos no Espaço BNDES, no qual todos os funcionários, independente do seu cargo, podem exprimir a sua sensibilidade através da arte. Mais do que congrega associados, a Expoarte é um momento para confraternizar todas as pessoas que trabalham neste prédio, desde o contínuo até diretores. A Expoarte também cumpre esse papel democrático”, sustenta.

Expoesia

“A poesia vem do desejo de fazer o novo, de reinventar essências e sentimentos. Vem da necessidade visceral de repassar a emoção, como quem transmite a vida. Porque a poesia é um telegrama que comunica a vida e a morte com a razão que só a paixão consegue articu-



Adepto da arte *naïf*, Nelson CD começou a pintar no Banco e hoje é reconhecido no mundo das artes.



Na primeira edição, em 1996, 30 funcionários se expuseram poeticamente.

lar...” O trecho da crônica de João de Deus Corrêa, publicada na edição 170 do VÍNCULO, em 1986, apresentava as justificativas para a realização da I Exposição de Poesias da AFBNDES (Expoesia). Trinta funcionários do BNDES se expuseram poeticamente pela primeira vez, num exercício de dedicação e superação. João de Deus, então diretor cultural da Associação, teve participação decisiva para que o evento ganhasse vida. “A Expoesia superou todas as expectativas, alcançando enorme sucesso. Muitos não acreditavam que essa iniciativa fosse alcançar êxito”, lembra.

No ano seguinte, a segunda edição do evento veio com mais força ainda. Foram recitadas 24 poesias, sendo 20 de autoria de funcionários e quatro de autores desconhecidos. Os participantes não mediram esforços para buscar a melhor interpretação dos poemas. E a recompensa vinha nos aplausos do público, que, na maioria dos casos, se surpreendia com o potencial dos colegas. Entre apresentações performáticas ou interpretações emotivas, muitos conseguiram extrair do íntimo a garra necessária para dar vida às poesias. O funcionário Waldir Filho, que já havia sido um dos destaques na primeira edição, interpretou “Esquinas”, de sua autoria, com acompanhamento musical da irmã Sílvia Helena Pinto Araújo. A poesia mostrava a realidade da fome e da miséria. José Lúcio Campos também repetiu o sucesso anterior. Vestido a caráter, Lúcio, junto com Nilse Maria, explorou o flamenco espanhol com “Expressionando”, de Eliana Moreira Landi.



A saudosa Ana Josefa de Castro deixou seu nome gravado nas atividades culturais da AF.



Em cada edição, os poetas benedenses se superavam com interpretações impecáveis.

Em 1987, a terceira edição da mostra trouxe como novidade uma homenagem ao poeta português Fernando Pessoa. Nos dezessete poemas declamados, também houve espaço para poesias de Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina, além das produções dos poetas da casa. Nomes como Emília Paula, Maria Amélia Mello, Carla Moreira e Lucimar Ramos fizeram suas estréias no palco, juntando-se a colegas já consagrados nas edições anteriores. O grupo Guerreiros de Atenar deu um toque especial às apresentações, juntamente com o flautista Fernando Cláudio Dias.

Em 1992, quando o evento já estava em sua sexta edição, o destaque ficou para o livreto lançado pela AF contendo 19 poesias, selecionadas pelo Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro. O concurso homenageava o 90º aniversário de nascimento de Carlos Drummond de Andrade. A dramatização dos poemas vencedores foi realizada no Auditório do Banco, no dia 28 de outubro desse ano, assim como a entrega dos troféus aos três primeiros colocados: Mário César Lemos Chaves, com o poema “Alucinação”; Carlos Fernando Pereira de Hollanda, com o poema “Cruciforme”; e Waldir Pinto de Araújo, com “Sagrada Família”. O sucesso da Expoesia já não se limitava ao Banco, atraindo o interesse do público externo. Em 1993, a 7ª edição da mostra contou com a honrosa presença da escritora Rachel de Queiroz, um incentivo extra para os poetas do Banco se superarem no palco. Mais uma vez, a qualidade dos textos foi notada. A partir de então, o evento deixou de ser realizado, retornando em 1996 para sua última edição, quando a grande homenageada foi a funcionária do Banco e poetisa Ana Josefa de Castro, recém-falecida nesse ano. Ela era considerada a musa dos poetas do Sistema BNDES. Mesmo com o fim da mostra, muitos funcionários do Banco continuaram trilhando os caminhos da poesia.



A Expoesia cumpriu o seu papel

“ Poesia é a coisa mais nobre, no sentido da produção artística do autor, até mais do que a música. Não é à toa que o homem, primeiro, canta, depois fala e só então passa a escrever. É preciso uma grande evolução para o homem ser capaz dessa abstração, que no fundo é um casamento com a música, numa linguagem mais sofisticada, a ponto de ter poesia que é necessário reler várias vezes para compreendê-la. Outras são tão simples que você se assusta como ninguém pensou em fazer aquilo. Mas na poesia o simples é difícil de produzir. Às vezes, são duas linhas que fazem a pessoa chorar, noutras um texto inteiro e nada se entende. É uma coisa quase misteriosa. É o homem sendo divino ao escrever, talvez por divindade. As exposições poéticas da AFBNDES procuraram suprir esse espaço e creio que elas cumpriram o seu papel. ”

João de Deus

Coral AFBNDES

A idéia de organizar um grupo de canto formado por funcionários do Banco era antiga, mas só em julho de 1982 saiu do papel. João Baptista Genuncio juntamente com Edson Celestino Cabral foram os responsáveis pela criação do Coral da AFBNDES. Genuncio, além de funcionário do Banco, já era maestro com larga experiência na regência de coros, como o da Faculdade Candido Mendes, por exemplo. “O início foi difícil, pois não tínhamos um espaço definido. Mesmo assim, conseguia reunir alguns voluntários para realizar os primeiros ensaios. O primeiro aconteceu na hora do almoço, no Subsolo 5 do Edserj. O segundo já foi na sacada do restaurante, no último andar do prédio. Posteriormente, foi oferecida uma pequena sala na sobreloja. Eram ensaios utilizando apenas a voz dos integrantes, sem instrumento musical para auxiliá-los”, relembra Genuncio, que no período 1980/82 foi diretor cultural da Associação.

Desde o início, o Coral esteve aberto à participação de todos os funcionários, mesmo daqueles que nunca tiveram qualquer experiência com esse gênero de arte. “Quase todos os colegas que vieram naquele primeiro momento não tinham a menor noção do que era cantar em um coro, mas sobrava boa vontade. Apenas 20% deles tinham experiência. Dentre os poucos que já conheciam o assunto, estava o colega Gumercindo, também maestro, outro grande colaborador que mais tarde me substituiria”, recorda. O grupo passou a ensaiar com afinco, desenvolvendo técnicas vocais e ad-



O coral e os primeiros ensaios, em 1982: superando obstáculos.

Caminho certo

“ As atividades culturais promovidas pela AFBNDES permitiram que muitos colegas pudessem dar vazão às suas veias artísticas. Sinto-me honrado em ter participado ativamente desse movimento. Desejo que nos próximos 50 anos a AF continue dinâmica e atuante. ”



João Baptista Genuncio

quirindo confiança para realizar a primeira apresentação em público. Aos poucos, o boca-a-boca começou a espalhar a idéia dentro do Banco e, no final de 1983, o Coral já contava com 20 integrantes. No dia 31 de janeiro de 1984, o Coral da AF se apresentou pela primeira vez em público. Mais de 200 pessoas assistiram ao concerto, realizado no Auditório do Banco. Não faltaram aplausos por parte do público ao longo dos 45 minutos de espetáculo, não só pela excelente qualidade técnica e riqueza de timbres, como também pelo bom gosto do repertório. A apresentação, histórica para o Coral da AF, teve acompanhamento de saxofonistas. Segundo o maestro, o programa da estréia já apresentava um considerável grau de dificuldade, incluindo o clássico brasileiro “Gente Humilde” e músicas francesas. Ainda em 1984, o Coral fez sua primeira apresentação externa, em um instituto de geriatria. A partir daí, o grupo passou a ser convidado pelo Banco para apresentações em ocasiões especiais. A essa altura, Genuncio já estava aposentado, mas ainda comparecia voluntariamente aos ensaios, sempre realizados na hora do almoço. Contudo, as atividades externas, aos poucos, foram tomando conta do seu tempo e ele se viu obrigado a passar o bastão para o colega Gumercindo. “O Coral, naquela ocasião, já tinha conquistado o seu espaço. A terra havia sido adubada, a semente plantada e os frutos já estavam germinando. Achei que estava na hora de outros colegas também darem a sua contribuição”, afirma.

Sob o comando de Gumercindo, o grupo ainda realizou várias apresentações internas, mas o pouco tempo para ensaios o impossibilitou de dar continuidade às atividades. Na época, já se falava na contratação de um profissional externo para reger o coro, o que só veio a acontecer em fevereiro de 1998, com a vinda do maestro Raul Penna Firme. O método de trabalho do novo regente seria a capela. O então coordenador do grupo, Edson Cabral, apostava na formação de um coro permanente, a exemplo de outras empresas estatais. Nessa fase, o Coral da AF já contava com 62 pessoas, um recorde de participação. A proposta ia além de en-



O maestro Raul Penna Firme regeu o Coral da AFBNDES no período 1998/2000.

sinar as pessoas a cantarem; também funcionava como ponto de encontro, onde todos podiam relaxar e se divertir enquanto cantavam. Fundador do Coral da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Penna Firme se declarou bastante animado com a turma do Banco. “Com exceção dos mudos, todo mundo pode cantar e todas as vozes são bem-vindas, mesmo que a pessoa não tenha participado de nenhuma atividade semelhante. É com treinamento que se adquire o canto”, afirmou na época ao VÍNCULO.

Reformulado, o Coral voltou a se apresentar em novembro desse ano. Formado por 44 funcionários do Sistema BNDES, AFs e Condomínio, o Coral apresentou um novo repertório durante a abertura da 10ª Sipat – Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho. Um mês antes, o grupo passou a contar com a preparadora vocal Bel Macedo.

A resposta do público à apresentação foi traduzida em aplausos. O repertório escolhido incluía músicas como “Pavane a Quatre Voix”, de autor desconhecido, “Mas Valle Trocar”, de Juan Del Encina, “Minha Jangada”, de Dorival Caymmi, e “Canto do Pajé”, de Villa-Lobos. O maestro afirmou na época, em entrevista ao VÍNCULO: “Os cantores e as composições é que valorizam o Coral. Aqui no BNDES, temos vozes belíssimas”.

Em dezembro desse mesmo ano, o grupo fez nova



O maestro Eduardo Fecher e a arte na busca da melhor qualidade de vida.

apresentação para o público externo, no Largo da Carioca, dentro da programação da campanha Natal Sem Fome, coordenada pelo Comitê Rio da Ação da Cidadania. Em junho de 1999, o Coral da AF foi atração durante a Semana do Meio Ambiente, no saguão do Centro de Treinamento do BNDES e no térreo da Petrobrás. “Essas atividades propiciam a integração dos empregados através da arte, tornando o convívio diário muito mais rico”, afirmava o então diretor cultural da AF, Carlos Barroso.

Em agosto de 1999, o Coral da AFBNDES ganhou uma nova preparadora vocal: Gina Martins, soprano do Coral do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Em março de 2000, o maestro Carlos Eduardo Fecher assumiu a regência. Para Fecher, o trabalho do Coral, além de ser um encontro de amigos, deve também buscar um bom nível artístico e cultural. “Com vontade e dedicação, criaremos um caminho que proporcione várias apresentações do grupo, primando sempre pela valorização da arte como forma de buscar uma melhor qualidade de vida dos cantores e do público em geral”, afirmava na época.

Ainda em 2000, o Coral da AF realizou um concorrida apresentação no Palácio de Cristal, em Petrópolis. “A exibição foi surpreendente. Os cantores se saíram bem melhor que nos ensaios, o que é difícil de acontecer”, relembra Fecher. O concerto foi assistido por uma platéia exigente e acostumada a grandes apresentações

Participação constante



“Como um dos fundadores do Coral da AFBNDES, sei o quanto trabalhamos para chegar até aqui. Aliás, a AF fez muita coisa na área cultural. Para mim, particularmente, as atividades do Coral e do Teatro foram muito importantes porque me ajudaram a crescer. Lá fora, antes de ingressar no Banco, eu fazia teatro profissional. Depois, quando vim para o BNDES, passei a fazer parte do Grupo de Teatro da AFBNDES e continuei até hoje. Vou me aposentar, mas continuarei participando das atividades culturais da AF.”

Edson Cabral



Atingindo metas

“Quando assumi a direção artística do Coral da AFBNDES, em março de 2000, deparei-me com um grupo que já possuía uma vasta experiência, ainda desconhecida dentro do Banco, na arte do canto coral. Minha surpresa em assumir tal trabalho se deu pelo contraste entre um histórico de fazer inveja a muitos grupos do gênero e uma estrutura precária para desenvolver nossas atividades cotidianas e que precisava ser solucionada, definitivamente.

Uma das primeiras medidas que tomamos foi a implementação da coordenação dos cantores, que, juntamente com a direção cultural da AF, buscava solucionar os problemas estruturais do coro, bem como dinamizar suas atividades dentro e fora do Banco. Os resultados não tardaram, com excelentes apresentações dentro e fora do Banco. Hoje, podemos perceber que, devido à união do grupo, aliada ao apoio constante da AF, as adversidades atuais não nos assustam tanto quanto antes e gradativamente estão sendo vencidas.”

Eduardo Fecher

Dois anos depois, como resultado de uma oficina para novas vozes realizada pela AFBNDES, o Coral apresentou 21 novos integrantes, nenhum deles conhecedor de teoria musical. Eles se apresentaram no térreo do Edserj. O repertório foi composto por canções que variavam do clássico ao popular. No programa, “Odi et Amo”, de Carl Orff, “Santa Luccia”, canção tradicional napolitana, e “Espanhola”, de Fernando Venturini e Guarabyra. Passados quatro anos, Fecher continua desenvolvendo esse trabalho ao lado da preparadora vocal Gina Martins.

No ano do cinquentenário, o Coral da AF dá mostras de sua qualidade técnica com o lançamento de um CD que traz um repertório de alto nível. “Atualmente, podemos dizer que o Coral da AFBNDES é um dos grupos do gênero, dentro do Rio de Janeiro, que mais tem crescido técnica e artisticamente. O CD, recentemente gravado, é um marco na nossa existência. Nele, pode-se observar a variedade estilística que nos propomos estudar. Obras que vão da Idade Média até a música contemporânea, com especial atenção à música brasileira. É um trabalho que vem coroar todo o esforço desses benedenses”, conclui Fecher.

Pratas da Casa

Tudo começou em 1982, quando um grupo de funcionários do Banco resolveu soltar a voz durante um espetáculo realizado no Clube da Barra, por ocasião das comemorações da Semana do Trabalhador. Esse evento, somado à chegada do Botequim da AF, no ano seguinte, impulsionou o surgimento de um dos movimentos culturais mais importantes da história da AFBNDES. Aos poucos, os valores individuais foram formando grupos, entre eles Esquina de Botequim, Sem Colarinho, Virando a Mesa, e os Santos de Casa, cantando samba, bossa-nova e outros ritmos. Mas os cantores ousaram mais. Passaram, então, a fazer ensaios após o expediente e até em finais de semana, buscando aperfeiçoar suas *performances*. “Começamos com ensaios de forma bem amadora, apenas com voz e violão, um microfone

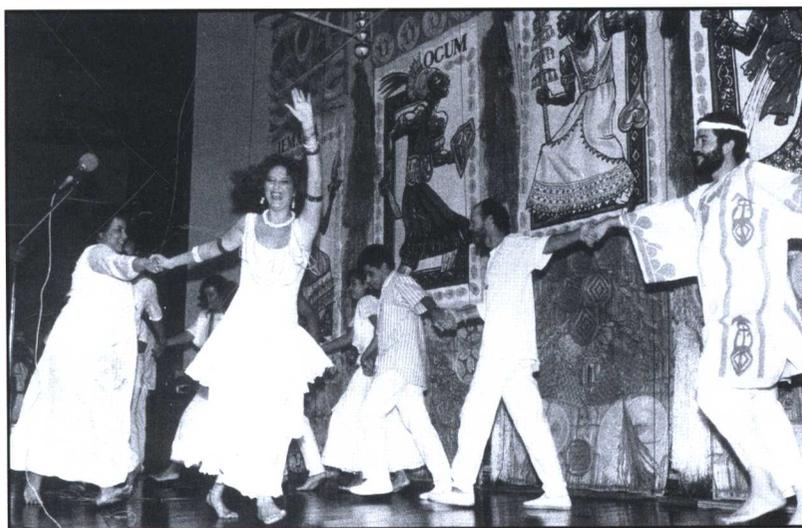
Vale a pena recordar



“Os Pratas da Casa protagonizaram um dos períodos mais ricos da história dos funcionários do Banco. Éramos um grupo que superava qualquer obstáculo para realizar os nossos sonhos, em forma de shows e apresentações teatrais. Em cada evento, buscávamos nos superar para oferecer aos colegas um belo espetáculo. Agora que a AFBNDES está completando 50 anos, é muito bom poder relembrar de tudo que conseguimos realizar.

Desejo que a AF, ao completar 50 anos, continue crescendo e apostando sempre nas atividades culturais.”

Lúcio Campos



O show “Sabiá”, em 1988, consagra definitivamente os Pratas da Casa.

e uma mesinha de som. Era tudo do que dispunha a Associação”, relembra Marilsa Menezes, um dos grandes nomes do movimento. Depois de algum tempo de ensaio, o grupo, liderado por Anilse Santos e Cleide Rodrigues, entre outros, organizou o show “Viva Elis”. Seria uma apresentação bem intimista, na sobreloja do

Adilson Fabiano, sempre em companhia de um violão: talento benedense de primeira grandeza.

Edserj. Marilsa foi convidada pelo então diretor social da AF Fernando Castelo, para participar da equipe de organização do evento, que consagrou os cantores da casa. Além de Santos, Cleide e Marilsa, participaram da homenagem Amélia, Jane, Ilma, Luiz Henrique Ferreira, Lúcio Campos, Adilson Fabiano e Haroldo Cella. O público ficou impressionado com a qualidade vocal dos colegas. Marilsa, Luiz Henrique e Lúcio ainda formaram o grupo Henlumar, responsável por grandes apresentações. A partir dali, os Pratas da Casa passaram a se exhibir freqüentemente no Botequim da AF, como na noite de 9 de novembro de 1984, no show “MPB no Botequim”.

Em novembro de 1986, os cantores do Banco voltaram a homenagear outros dois nomes da música brasileira: Ivan Lins e Sueli Costa. O espetáculo reuniu um grande número de pessoas durante as várias etapas de sua produção. O esforço de quase seis meses de preparativos foi recompensado pelos aplausos das cerca de 600 pessoas que lotaram a sobreloja do Edserj. Sete meses depois, os artistas benedenses animaram o Clube da Barra numa homenagem a Chico Buarque com o show “Meu Caro Amigo Chico”. O show solidificou o trabalho do grupo Henlumar. Produzido em duas partes, o evento contou com a participação de Adilson Fabiano, Haroldo Cella, Jânia, Lúcio Campos, Marilsa, Nélio Botinho, Santos e Tânia Meliga, acompanhados pelo grupo Virando a Mesa.

Mas foi em abril de 1988 que veio a consagração total, com a apresentação do espetáculo “Sabiá”, em pleno Auditório do BNDES. O show fazia parte das comemorações em homenagem à cantora Clara Nunes. O sucesso foi tão grande que provocou uma nova apresentação no dia seguinte, em virtude da vinda de caravanas de fãs da cantora homenageada, provenientes de outros estados.

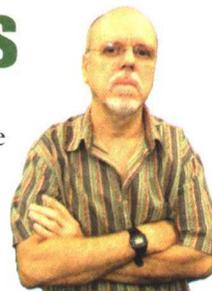
Em 1991, o último show, em homenagem a Caetano Veloso. “Aquele foi o melhor período de nossas vidas. Bons tempos que ficarão para sempre na memória de todos nós que vivenciamos o movimento”, afirma Marilsa Menezes.



Sempre acompanhado de um violão, Adilson Fabiano é outro talento nato da arte benedense. Seja como compositor, músico ou cantor, ele deixou seu nome marcado nos eventos produzidos pelos Pratas da Casa, além de ter participado em várias edições dos Festivais de Música da AF. “As atividades culturais que a AFBNDES proporcionou foram muito importantes para os funcionários do Banco poderem exercitar suas veias artísticas”, destaca.

Bons tempos

“ Tive a oportunidade de participar de uma das fases mais ricas, culturalmente falando, da história do próprio BNDES. Os Pratas da Casa e os grupos de teatro produziram arte com qualidade. Nas comemorações do cinquentenário da AF, nada melhor do que tentar reunir esses talentos benedenses para lembrar os bons tempos. ”



Anilse Santos

Festival de Música

A história dos Festivais da Canção da AFBNDES começou em 1977, abrindo oportunidade para que uma série de compositores e intérpretes do Banco ganhassem destaque, entre eles, Hélio Brasil, Adílson Fabiano, Fernando Vale, Henrique Tavares, Ubirajara Nascimento, Jorge Beto, Francisco José, Yara, Lílian, Cristina, Cleide, Marcão e muitos outros. A final do I Festival, realizada no dia 1º de julho desse ano, levou para o salão de festas do Clube da Barra uma multidão, que viu a música “Subúrbio”, de Hélio Gusmão de Oliveira, conquistar o primeiro lugar. Ubirajara Nascimento ficou com o título de melhor intérprete. Gusmão recorda com emoção o festival: “Foi uma coisa fantástica. Naquele momento éramos verdadeiras estrelas. A estrutura organizada pela AFBNDES foi perfeita, digna de um grande evento”, afirma.

No ano seguinte, a AF organizou o II Festival de Música, no qual os funcionários Fernando Cláudio Dias e Nelson Felipe de Oliveira saíram vencedores com a música “Viagem Norte-Sul”. A segunda edição se destacou pela diversidade de tendências e influências, além da afirmação de estilos individuais. Os festivais internos, a exemplo dos grandes festivais nacionais, motivaram os funcionários do Banco a se organizarem em inflamadas torcidas. Fosse no Clube da Barra ou no Auditório do Banco, lá estavam elas com coros ensaiados a incentivarem os intérpretes de suas preferências. “Os Festivais de Música do Sistema BNDES ajudaram não apenas a revelar compositores, músicos e intérpretes, mas possibilitou também um maior entrosamento entre os funcionários dos variados setores do Banco”, relembra Cleide Rodrigues, outra grande intérprete benedense.

Em dezembro de 1988, ocorreu a finalíssima do V Festival de Música do BNDES, o último realizado pela AF, mexendo com a emoção dos associados que lotaram o Auditório do Banco. A música “O Bondinho de Santa Tereza”, de Ubirajara Mathias, conquistou o primeiro lugar, com interpretação de Jania Jakson. A dupla conquistava ali o bicampeonato, pois no ano anterior haviam vencido com a música “Rouxinol”. Cleide foi considerada a melhor intérprete da noite.



Os Festivais da AF abriram espaço para os compositores e intérpretes do Banco, como Antônio Prisco.

Teatro

Em agosto de 1982 foi formado um grupo de teatro amador composto por funcionários do Banco e incentivado desde o seu início pela AFBNDES. Dirigido inicialmente por Manuel Gomes Filho, participavam do grupo Carlos Telles, Teresinha Moreira e José Henrique Couceiro, entre outros. No ano seguinte, quando a Associação estava planejando as atividades em homenagem ao Dia da Criança, a funcionária do Banco Valéria Reis de Carvalho Rocha foi até a Diretoria da entidade propor a montagem da peça *Saltimbancos*. A primeira reação foi de surpresa com a idéia e a segunda, de achar o tempo exíguo. Mas o entusiasmo da associada contagiou a todos. “Eu falei que *Saltimbancos* era uma peça em que bastariam oito personagens, os quais representariam quatro patrões e quatro animais”, conta Valéria. Os funcionários Armando Leal, Sandra Helena Gomes de Siqueira, Sérgio Magalhães e Carlos Henrique de Lima interpretaram os patrões; Celeste Pamplona, Roberto, Leonardo Leal e Valéria Rocha fizeram os bichos. A peça não contou com muitos recursos. Não houve ensaio, nem diretor. Os cenários e figurinos foram confeccionados pelos próprios atores, que contaram com a colaboração de Lúcio Campos. Ao projeto foram se agregando os colegas ligados

à música Adílson Fabiano e seu violão e Fernando com a flauta. Ilma Leda, Cleide, Jane e Genuncio fizeram o coro. “A apresentação foi um sucesso retumbante. Durante anos, os filhos dos funcionários lembravam daquela tarde no Clube da Barra. Dali, a gente decidiu não parar mais. Porém, foi preciso, primeiro, superarmos o baque da perda do colega Leonardo (que faleceu no mês seguinte à apresentação) para que pudessemos retomar as atividades”, relembra Valéria.

No ano seguinte, o grupo partiu para a encenação de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto. O BNDES já estava instalado no Edserj e a AF tentou a liberação do Auditório para exibir a peça. Como isso não ocorreu, novamente a apresentação se deu no Clube da Barra, onde foi gravada em vídeo e, posteriormente, exibida no Botequim da AF. Além de Valéria, participaram Edson Cabral, Armando Leal, Cleide Ferreira, Ilma Leda, Anilse Santos e um grande elenco. Os atores benedenses continuavam fazendo direção coletiva, cabendo ao colega Sandro a missão de gravar a encenação, sendo preciso superar muitos problemas para obter um bom resultado.

A partir dali, o grupo se voltou para a encenação de peças adultas. *Aurora da Minha Vida* foi a primeira delas. Por ser mais extensa e complexa, o grupo levou mais de um ano ensaiando e a apresentação se deu em 1985. Entre os atores, Santos, Rafael, Lúcio, Nelson Sérgio, João de Deus, Ilma Leda e Cleide. Lúcio se destacou fazendo o papel de um garoto com problemas. A peça falava da vida escolar e de seus tipos. Os atores se revezavam, ora fazendo o papel de aluno, ora o de professor. Valéria fez a aluna metida e a freira-professora. Ilma fazia uma das gêmeas e a professora de francês.

Enquanto isso, já despontava no Banco outro grupo de atores: Carlos Henrique de Lima, Vitória, Ângela Xavier e Flávia foram alguns dos seus integrantes. Dele, surgiu a peça *O Bolo Bolado*, encenada no Clube da Barra em outubro de 1985 durante a festa do Dia das Crianças. No ano seguinte, esse mesmo elenco encenou a peça *Duca Vai à Luta*, que depois chegou a ser apresentada em orfanatos.

Já o primeiro grupo, após o sucesso com *Aurora da Minha Vida*, decidiu encarar um desafio ainda maior:



A primeira peça encenada pelos atores da casa, em outubro de 1983, foi “Saltimbancos”.

Concretizando sonhos



“A AFBNDES faz parte da minha vida tanto no plano profissional como no pessoal. Particularmente, ela também foi importante para mim porque eu pude realizar o sonho de fazer teatro. Já que eu não pude ter uma vida profissional dedicada às artes cênicas, pelo menos me realizei fazendo teatro amador com apoio da AF. Eu considero esses eventos que a Associação realizava e realiza até hoje muito importantes para o entrosamento dos funcionários. Através deles, desenvolvem amizades e parcerias que facilitam o desempenho do funcionário na vida da empresa.

Eu acho que todos nós temos muito a agradecer por ela ter existido e espero que ela dure muitos outros 50 anos.”

Valéria Rocha



Em 1986, o grupo encena a "Ópera do Malandro".

dirigida por Nelson Sérgio, que soube explorar com sutileza o potencial dos atores. Waldir Filho e Carlos Gomes se destacaram pela interpretação, acompanhados por João de Deus, Sandra Siqueira, Ilma Leda e Hugo Moura. Logo em seguida, o Grupo de Teatro da AF paralisou suas atividades por um intervalo de sete anos.

encenar a peça *A Ópera do Malandro*, de Chico Buarque. "Não foi fácil, pois o espetáculo exigia dos atores o canto e a dança. A essa altura, o elenco já estava consolidado com os colegas que estavam juntos desde o início, acrescido da chegada do Nelson Sérgio, que, além de interpretar um dos papéis, tentou nos dirigir. Carlão, um contínuo do Banco, também entrou na equipe e fez uma excelente atuação no papel de Geni", conta Valéria. A apresentação foi no Auditório do Banco. A repercussão da peça fez com que eles se apresentassem em outros lugares.

No ano seguinte, os atores do Banco encenaram a peça, criada por João de Deus, Drummond, *uma Entrevista Possível*. A história narrava uma visita fictícia de Drummond à redação de um jornal. A partir desse pretexto, os personagens declamavam as poesias de Drummond. João criou um texto que encadeava uma poesia à outra. A peça foi apresentada no Banco e no Botequim da AF, mas o grupo teve de cancelar novas apresentações, pois a família do poeta não autorizou sua continuidade.

Em 1988, foi a vez de *A Raposa e as Uvas*, de Guilherme Figueiredo. A história, que conta a luta pela liberdade do escravo Esopo, se passa na Grécia antiga e exigiu da produção muito capricho na confecção das roupas de época. Além da boa interpretação dos atores e do bom texto, o público também ficou impressionado com a estrutura do espetáculo. Destaque para a iluminação, sonoplastia, figurinos, cenários e adereços. A peça foi

Em 1995, o funcionário José Marcos Silveira Gonçalves (José Caetano) sugeriu que sua mulher, a atriz Eliane Costa, fosse contratada pela AF para dirigir os atores do Banco nessa retomada das atividades. Foi a passagem da fase amadora, de auto-direção, para uma etapa mais profissional. Assimilada a nova filosofia de trabalho, o grupo encenou, em agosto desse mesmo ano, a peça *Contos da Vida Albeia*, formada por esquetes a partir de textos de Nelson Rodrigues, Sérgio Porto, Carlos Drummond de Andrade e Luiz Fernando Veríssimo. Alternando drama e humor, as duplas e trios de atores



"Geração Trianon": peça em cartaz em 1996, com novo sucesso.

apresentaram uma seqüência de histórias que retratavam o cotidiano das pessoas.

Em março de 1996, o Grupo de Teatro da AF se apresentou no VI Festival Carioca de Novos Talentos (na época, considerado a principal vitrine do teatro amador carioca), evento promovido pela RioArte. A peça *Contos da Vida Albeia*, encenada pelo grupo no ano anterior, foi um dos 20 espetáculos selecionados para participar do festival. A apresentação foi no Teatro Dulcina (na Cinelândia). O espetáculo fez o público, que lotou o teatro, rir e aplaudir de pé os atores benedenses Adriana Northrup, Cleide Rodrigues, Ilma Leda, Nilton Athayde, Rafael Rocha, Rogério Goulart, Sérgio Carijó e Teresa Cristina Cosentino.

Impulsionado pelo sucesso da temporada de *Contos da Vida Albeia*, o grupo ganhou novos integrantes para o espetáculo seguinte, apresentado no mesmo ano: o texto escolhido foi *Geração Trianon*, de Anamaria Nunes, com base numa pesquisa sobre o teatro dos anos 30 e 40. A peça, que contava com amplo leque de personagens típicos, como o canastrão, a primeira atriz e a cantora, marcou a estréia de seis novos integrantes no grupo: Cadu Monteiro, Denise Dias Ferreira, Edson Cabral, Francisco Pinto, Luzia Bernardino e Patrícia Bitencourt.

A montagem mostrou o avesso do teatro, retratando as pessoas envolvidas na realização de um espetáculo, desde a atriz ingênua até o empresário. O eixo era a procura do elenco por um autor que escrevesse um novo texto em cinco dias. O elenco, formado por 12 funcionários do Sistema BNDES e do Condomínio do Edserj, encenou a peça no Auditório do BNDES. Em dezembro a peça voltaria a se apresentar no mesmo local.

Em 1997, o grupo encenou a peça *Que Absurdo!*, nome de um dos cinco contos inseridos na montagem, sendo apresentada pela primeira vez dentro da programação do 43º aniversário da AF. “Vendedora de Chapéu”, “Conversa no Chafariz”, “Ida ao Teatro” e “Havia uma Multidão no Solar”, dos escritores Jean Tardieu e Karl Valentim, foram os outros contos que fizeram parte da coletânea. Com mui-

to humor, a peça trouxe à tona o problema da falta de comunicação entre as pessoas. A figura do narrador contava histórias e fatos do cotidiano que poderiam ser representados em qualquer lugar ou época, sem deixar de lado o poder questionador, mágico e instigante do teatro. “Uma peça em que as palavras não contavam tanto, mas a intenção e a entonação de cada fala, os gestos e os trejeitos dos personagens”, afirmava o então coordenador do grupo José Caetano.

A estréia, realizada no dia 28 de julho de 1997, foi com casa cheia, assim como os dias que se sucederam. No início de 1998, o coordenador José Caetano anunciou que durante o ano seria desenvolvida uma série de oficinas nas quais seriam trabalhados esquetes baseados em textos de Luiz Fernando Veríssimo, poesias de autores diversos, notícias de jornais e peças já trabalhadas pelo grupo, como *Contos da Vida Albeia*, *Geração Trianon* e *Que Absurdo!*, numa espécie de iniciação para as pessoas mais tímidas e para aquelas que se achavam incapacitadas para atividades ligadas às artes cênicas. “Foi um bê-a-bá para incentivar os indecisos”, explica Caetano.

Em 2003, a AF voltou a investir nas montagens, com a atriz Eliane Costa reassumindo a direção do grupo. Este ano, durante as comemorações do cinquentenário da Associação, certamente o Grupo de Teatro vai fazer bonito com novas apresentações.



Em julho de 1997, a peça “Que Absurdo” entrava em cartaz. Sucesso garantido.



**A cada ano a
Exposição de
Arte
Fotográfica da
AFBNDES
atrai um
número maior
de
participantes.**

Expofoto

A 1ª Exposição de Arte Fotográfica da AFBNDES foi inaugurada no dia 1º de agosto de 1985. O então presidente do Banco Dílson Funaro esteve presente, prestigiando o evento, que passou a ser uma das marcas registradas na área cultural da instituição. A mostra reuniu 132 fotografias em cores e em preto e branco, clicadas por 42 benedenses. Aluísio Cardoso, Emmanuel Sardenberg, Jobert Rocha, Renato Gomes, Rosana Soares e Sandro Couto foram alguns dos participantes. Na edição seguinte, já era possível perceber alguma evolução na forma com que os expositores registravam os seus temas.

“Os funcionários do Banco costumam fotografar bastante, já que realizam muitas viagens e gostam de registrar esses lugares. O início das exposições foi basicamente formado por fotos dessas viagens. Com o passar do tempo e o reconhecimento que a exposição foi ganhando, inclusive com projeção externa, os funcionários passaram a ter um interesse maior em participar e, ao mesmo tempo, um gosto maior pela fotografia. Alguns até passaram a fazer ensaios específicos”, recorda Barroso, curador da maioria das mostras e diretor cultural da AFBNDES.

Mas foi a partir da sexta edição, realizada em 1996, que a Expofoto passou a ser realizada anualmente, integrando definitivamente o calendário de eventos culturais da AF. Com o passar dos anos, a qualidade fotográfica da exposição foi ganhando considerável peso.



**Maria Lúcia, Helena Câmara e
Alice Bravo na Expofoto
de 1995.**

Mérito dos funcionários, que passaram a fazer cursos e a buscar mais informações sobre esse tipo de arte. Segundo Barroso, a Exposição passou a ter uma projeção externa maior a partir da sétima edição, quando os componentes do júri, além de fazerem a seleção e definirem os premiados, passaram a expor seus trabalhos. “Com isso, tornou-se mais fácil abrir espaço na mídia e obter o reconhecimento do meio cultural. Outro efeito positivo foi o didático, pois os fotógrafos do Banco passaram a ter contato com as infinitas possibilidades que a fotografia possibilita. Passamos a ver trabalhos de profissionais consagrados nas áreas de foto-jornalismo, fotodocumentarismo, cinema, artes plásticas, enfim, as várias formas de expressão criativa por meio da fotografia”, completa .

No início de 1997, atendendo aos pedidos de associados, a AF promoveu um curso de fotografia cujo número de inscritos superou todas as expectativas. “O curso veio a atender às necessidades técnicas e estéticas da arte fotográfica, possibilitando ainda o reencontro de velhos colegas do Banco”, afirmou na época Ilma Leda, aluna e monitora do curso.

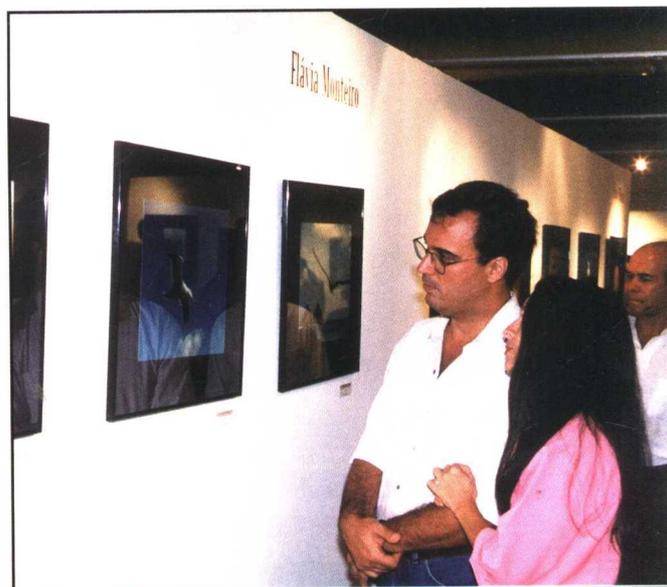
A funcionária do Banco Maria Alice Bravo, que trabalha no BNDES desde 1975, sempre participou da Expofoto e é um dos muitos exemplos do talento benedense na arte de fotografar. Pela sua qualidade técnica, ela pertence à categoria *hours-concours*, criada em 1999. “A Alice é uma colega já consagrada, tendo sido premiada várias vezes seguidas na Mostra. Por isso, achamos melhor colocá-la numa categoria em que ela não participasse da disputa, como forma de motivar outros colegas a buscarem as primeiras colocações”, explica Barroso, outro profundo conhecedor da arte fotográfica. A paixão pela dança fez com que Alice se especializasse no registro da beleza e da emoção dos bailarinos no palco. Suas fotos retratam basicamente coreografias clássicas e contemporâneas executadas por companhias e grupos de dança nacionais e internacionais. Os ângulos exploram movimento, formas e silhuetas, extraindo o máximo de efeitos.

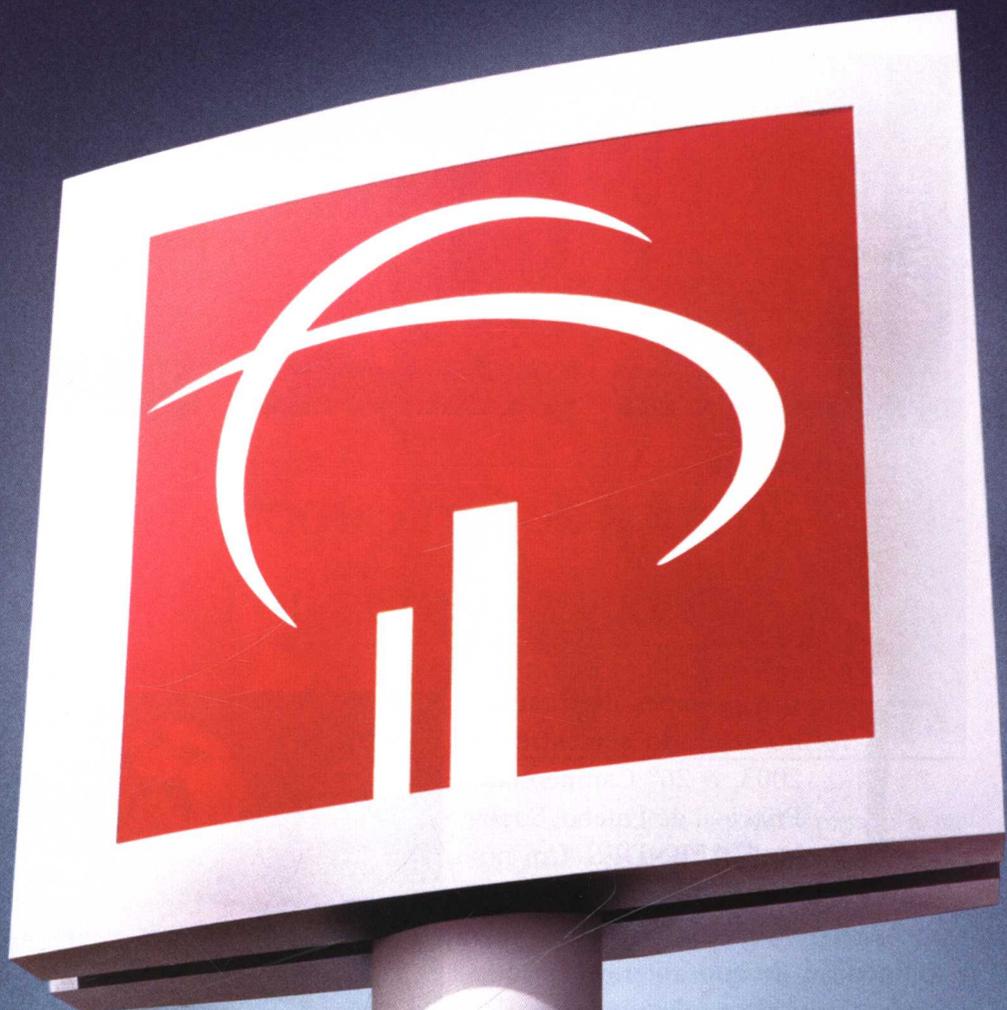
A exemplo da Expoarte, a Expofoto vem revelando novos talentos. Anualmente, centenas de fotos são inscritas. “Normalmente selecionamos um número de fotos compatível com o tamanho do espaço de que dispomos. O nosso objetivo é incentivar a participa-



Na foto, os artistas do Banco que participaram da 10ª Expoarte, em 2000.

ção cada vez maior dos funcionários. Por isso, se o candidato apresentar um mínimo de dez fotos, obrigatoriamente, pelo menos uma delas será selecionada”, explica Barroso. São benedenses que, cada vez mais, estão apurando o olhar e descobrindo formas diferentes de registrar o que está à sua volta. No ano do cinquentenário, a 14ª edição da mostra promete ser inesquecível.





**O Bradesco cuida
de uma coisa muito
valiosa pra você:
o seu tempo.**

Fone Fácil, Internet Banking, Débito Automático,
Bradesco Dia e Noite e a maior rede de Agências
do País. O Bradesco tem os mais completos
Serviços de Conveniência pra você usar o seu
Banco na hora que quiser, do jeito que preferir.
www.bradesco.com.br

 **Bradesco**

Futebol

de primeira qualidade

26 anos de um campeonato que continua a fazer história no Clube da Barra

Trinta equipes disputaram, no segundo semestre de 2003, o 26º Campeonato Principal de Futebol Soçai-te da AFBNDES. Um número recorde de participação que ultrapassou os 28 inscritos da competição do ano anterior, quando Sandro Couto já era o diretor de esportes da AF. Em 2002, satisfeito com a marca ainda recorde, Sandro Couto dizia: “É um desafio organizar um campeonato para 28 equipes, englobando mais de 400 jogadores. Isto mostra a força desta atividade na vida da Associação e do Clube da Barra. Ainda mais quando estamos completando 25 anos de campeonato, um marco difícil de ser alcançado por uma competição amadora”. Sandro estava certo. Os números são realmente impressionantes. E podem ser mais



sensacionais se levarmos em conta os familiares e os amigos dos jogadores que acabam freqüentando a sede social com relativa assiduidade durante a competição, que dura em torno de seis meses. Para este ano, em que o Principal fará parte dos festejos do cinquentenário da AF, a expectativa é, mais uma vez, de casa cheia.

Os campeões de todos os tempos: Taça de Ouro



Ano	Campeão	Vice	Ano	Campeão	Vice
2003	Pró-Álcool	Deita e Rola	1996	Pró-Álcool	Sambola
2002	Deita e Rola	Pró-Álcool	1995	Pró-Álcool	Esperança
2001	San Remo	El Niño	1994	El Niño	San Remo
2000	Pró-Álcool	San Remo	1993	Misto Quente	San Remo
1999	Pró-Álcool	El Niño	1992	San Remo	Misto Quente
1998	Pró-Álcool	El Niño	1991	Corta Grama	San Remo
1997	El Niño	Pró-Álcool	1990	San Remo	Corta Grama

O último título do Misto Quente foi conquistado em 1993, já no campo 1.

Durante quase 26 anos de campeonato, diversas equipes e inúmeros jogadores ajudaram a construir uma história de inegável sucesso. Nessa matéria saudosista, destacaremos alguns deles sem, é claro, esquecer a importância que todos os times e atletas tiveram – sem exceção – nessa trajetória – inclusive os diretores e seus coordenadores.



Misto Quente: o rei do Sangue & Areia ainda é recordista em títulos

De 1978 a 1992, o Campeonato Principal era disputado no saudoso “Sangue & Areia”, campo de várzea que deu lugar ao atual grama sintética. Foram 15 anos de absoluta supremacia do Misto Quente – que conquistou seis títulos, três deles invictos (ver tabela abaixo). Ainda hoje o Misto Quente, de Carlos Roberto, Aluizio, Silvio Cezar, Telmo, Romerito, Ivanir, Luiz Eduardo e Álvaro, entre outros, é o maior campeão da história do nosso futebol, com sete títulos na Taça de Ouro e dois vice-campeonatos. A última conquista

ocorreu em 1993, quando a competição passou a ser realizada no conhecido campo 1 da sede social.

Segundo seus fundadores, uma fusão de times de departamentos da Área de Administração do BNDES (Depes e Depad, entre outros) deu origem ao Misto Quente no final de 1980 – que quase, segundo Silvio Cezar, ganhou o nome de “Fio Desencapado”, devido à “pilha fraca” de alguns de seus jogadores. Também podemos dizer que o Misto nasceu dos times da AF que jogavam futebol de salão, entre outros locais, na quadra do Clube Poveiros, no Rio Comprido, e defenderam com muito talento o nome da Associação e do BNDES em diversos torneios com equipes de outras empresas estatais.

“Era um grupo de colegas que batia pelada e foi formando fortes laços de amizade. O time foi criado

Ano	Campeão	Vice	Ano	Campeão	Vice
1989	Corta Grama	San Remo	1983	Misto Quente	Energia
1988	Misto Quente	Finame I	1982	Misto Quente	Recofin
1987	Condomínio	San Remo	1981	Misto Quente	Dealc e Expresso
1986	Pró-Álcool* e Misto Quente	Energia	1980	Expresso	Dealc
1985	Energia	Misto Quente	1979	Defin	Expresso
1984	Misto Quente	Participação	1978	Deinq	Defin

no “Bandeirão” (antigo restaurante do Banco) e seu nome surgiu em virtude de seus componentes serem provenientes de diferentes departamentos da Área de Administração do BNDES”, lembra Carlos Roberto, que mais tarde foi diretor de esportes da AF, assim como Aluizio e Silvio Cezar. “Os sete títulos do Misto Quente, com certeza, serão superados, mas o Misto ficará na história como o time que mais venceu, formado, em sua maioria, por funcionários do Banco”, acrescenta Carlos Roberto.

A equipe, que tinha as cores preto e amarelo, jogou seu último campeonato em 2001, depois de quase seis anos sem atuar. O retorno, já na Taça de Bronze, não foi muito bom. O Misto ficou de fora das semifinais e ainda sofreu uma goleada histórica para o Natureza por 6 a 1. No mesmo ano, JC, então diretor de esportes da AF, fez uma bela homenagem à equipe e a um dos seus melhores jogadores: Aluizio

Borba, que para muitos foi o maior craque que já pisou nos campos da sede social: “Fiquei feliz com a homenagem, mas tem muito mais gente para ser lembrada”, disse Aluizio na época. Para ele, seu gol mais bonito foi na final de 1993, quando o Misto conquistou seu último caneco: “A coluna já estava arrebentada, mas mesmo assim deu para fazer um golaço”, arrematou.

O hexacampeão Pró-Álcool ameaça marca histórica do Misto Quente

Em 2003, o alviverde Pró-Álcool, do goleador Arturo, faturou seu sexto título na Taça de Ouro e encostou de vez no recorde de sete conquistas do Misto Quente. Jogando no Clube da Barra desde 1995 – já no campo 1 –, o time, coordenado por Falcão, acumulou seis títulos em

nove disputados e ainda ficou com dois vice-campeonatos – uma verdadeira façanha. Seu melhor momento foi de 1998 a 2000, quando chegou ao tricampeo-



Pró-álcool: em nove anos, seis títulos e dois vice-campeonatos. Na foto, o time de 1995.

Os campeões de todos os tempos: Taça de Prata



Ano	Campeão	Vice	Ano	Campeão	Vice
2003	Confederal	SPB 1	1998	Pró-Cana	SPB
2002	Pró-Cana	Pró-Álcool M	1997	Expresso	Alphaville
2001	Pró-Cana	SPB 1	1996	Vera Cruz	Esperança
2000	Pró-Álcool M	Alphaville	1995	Alphaville	Nova Geração
1999	Independente	Alphaville	1994	Esperança	Bressurizados

nato sem escolher adversários, escrevendo os nomes de Brandão, Ferreti e “Minhoca”, entre outros, na história do nosso futebol.

No ano passado, o Pró-Álcool bateu o Deita e Rola na final, por 1 a 0. O Deita e Rola, de Jacinto e Vivinho, havia sido campeão de ouro em 2002 (quando foi criado) e certamente continuará sendo um adversário de peso na disputa dos títulos.

O Pró-Álcool tem outras equipes presentes nas Taças de Prata e de Bronze do Campeonato da AF. Em 1999, o Pró-Álcool Master conquistou o título de bronze e, no ano seguinte, o campeonato de prata. Pró-

Álcool Sênior, Pró-Álcool Prata e Pró-Álcool Estrela do Sul são algumas das equipes que integram ou já integraram o grupo, formado majoritariamente por sócios especiais. Esses colegas também realizam festas juninas na Pousada Itaipava e bailes no Clube da Barra, fortalecendo os contatos com os outros associados. “Nós temos muito prazer em fazer parte desta família e estamos muito felizes com o cinquentenário da AFBNDES”, diz Falcão, que como técnico cuida do time na beira do campo, e como coordenador, serve de referência para o grupo de amigos.

Com três títulos de ouro, San Remo foi o último campeão do “Sangue & Areia”

O alvirrubro San Remo, do apaixonado JC (João Carlos Rafasque), é uma das equipes mais tradicionais do nosso futebol e a terceira em número de títulos de ouro – só ficando atrás de Mistó Quente e Pró-Álcool. Criado em 1985 com as cores do América, em homenagem a Jairinho, um de seus fundadores, acabou usando um uniforme parecido com o do clube argentino River Plate (com a famosa faixa diagonal) por causa do vascaíno Arnaldo. O nome do time foi inspirado no festival da canção conquistado por Roberto Carlos no final da década de 60. JC é assim mesmo, adora homenagear



**O San Remo,
campeão de 1992,
é outro time que faz história no
futebol benedense.**

Ano	Campeão	Vice	Ano	Campeão	Vice
1993	Selector	Expresso	1987	Ação	Finame
1992	Esperança	Bressurizados	1986	San Remo	Fapes
1991	Esperança	Bandeijinhas	1985	Tá Danado	Desesperados
1990	Desis	C. Fluminense	1984	Afinados	AFBNDDES
1989	Fapes	Arrastão	1983	Pró-Álcool*	Participação
1988	Natureza	Desistágio	1982	BNDESPAR	Pró-Álcool

seus ídolos e amigos. Em 1998, por exemplo, ao vencer o Torneio do Trabalhador no Clube da Barra, depois de seis anos sem conquistar nada na sede social, ofereceu a vitória ao ex-piloto Ayrton Senna, morto na Itália quatro anos antes. No final do mesmo ano, foi a vez de ele ser homenageado por seus atletas com uma placa de agradecimento.

Último campeão do “Sangue & Areia”, em 1992, em decisão memorável contra o Misto Quente, a equipe alvirrubra já conquistou três títulos na Taça de Ouro – o último foi em 2001 (com bela equipe formada por Jacinto, Ribamar, Bruno, Nuno, Baiano e Vivinho, entre outros) – e um na Taça de Prata, em 1986. O time de

JC tem o maior número de vice-campeonatos de ouro: seis. Quer dizer, em 18 anos marcou presença em dez decisões. Até hoje ele tem saudade do escrete de 92: “Era um time repleto de valores individuais, mas com um jogo coletivo muito forte”. Naquela equipe jogavam Naldinho, Silvinho, Edielson, Roger e Luiz Eduardo – todos chamando a bola de você.

O grupo também está presente na Taça de Prata, com o San Remo Máster, e na Taça de Bronze, com o San Remo Sênior. Na Taça de Ouro tem hoje uma equipe jovem e extremamente habilidosa. Em 2003, ficou na terceira posição de ouro, mas este ano vem para disputar o título, segundo a garotada.

Bicho-papão em 94, El Niño luta pelo terceiro título na Taça de Ouro

Com dois títulos na Taça de Ouro (1994 e 1997) e três vice-campeonatos, o El Niño trouxe vida nova ao Clube da Barra em 1993, quando estreou no Campeonato de Futebol Soçaite da AFBNDES. Acabou em quarto lugar na classificação geral, mas teve o mérito de não perder para o campeão Misto Quente (goleou por 7 a 0 e empatou em 1 a 1). No ano seguinte, a equipe lilás e branca faturou o ouro, vencendo o San Remo por 2 a 1 na final. “A inexperiência de 93 foi transformada em



El Niño: campeão de Ouro em 1994 e 1997 e três vice-campeonatos.

Os campeões de todos os tempos: Taça de Bronze



Ano	Campeão	Vice	Ano	Campeão	Vice
2003	Independente S	Pais & Filhos	2000	SPB 2	Tostime
2002	Viagra	Tostime	1999	Pró-Álcool M	SPB 2
2001	Independente M	Apagão	1998	Independente	Alphavylle

maturidade, fazendo surgir uma equipe aplicada e segura em campo”, dizia o VÍNCULO em novembro de 1994. Neste mesmo ano, o time de Marcus Altomar e Faustinho já conquistara o Torneio 1º Maio em cima do próprio San Remo. A última conquista do time foi em 1999, num Torneio Início que marcou a inauguração do campo de grama sintética.

A base do El Niño foi formada na Pousada Itaipava, anos antes. Composto, em sua maioria, por filhos de associados (Altomar, Ademir, Fausto e Barcelos), o grupo jogava junto desde criança. “A idéia era formar uma boa equipe para disputar o título da Taça de Ouro. Uma equipe que unisse a

experiência dos pais com a juventude dos filhos”, conta Paulo Altomar, jogador do time no início de sua jornada e hoje técnico e grande incentivador. Ele tem um filho defendendo as cores do El Niño: Marquinhos, e é o criador do El Mayor, que no ano passado disputou a Taça de Bronze na sede social. Guilherme, outro filho de Altomar, joga na equipe.

Em 1997, o El Niño protagonizou uma campanha memorável, levantando, pela segunda vez, o título da Taça de Ouro. Foram 11 vitórias, um empate e apenas uma derrota em 13 jogos disputados. A equipe ficou com o ataque mais positivo (50 gols), a defesa menos vazada (14 tentos sofridos), o artilheiro (Gugu, com 19 gols) e a Taça Disciplina.



Pró-Cana: Supercampeão da Taça de Prata em 2002.

Na Taça de Prata, Pró-Cana e Esperança conquistaram mais títulos

Disputada desde 1982, ainda no campo “Sangue & Areia”, a Taça de Prata tem o Pró-Cana, de Reyne, como um de seus grandes campeões. A equipe alviverde, criada em 1995, já conquistou o título três vezes (1998, 2001 e 2002), mas foi a última vitória a mais importante, dada a inquestionável qualidade do time. Na final, contra o Pró-Álcool Máster, goleou por 5 a 0. O artilheiro Márcio Ramos, hoje disputando a Taça de Ouro pelo Pró-Álcool, só faltou fazer

chover: marcou duas vezes, deu passe para outro gol e não parou em campo, mostrando técnica, raça, oportunismo e um pulmão de primeira qualidade. Outro que fez um partidaço foi Dudu, herói do mesmo Pró-Cana na conquista do ano anterior. Em 2002, o Pró-Cana terminou a competição invicto – invencibilidade de muito valor, já que naquele ano houve cruzamento dos times das taças de Ouro e de Prata.

Outro grande time de prata foi o Esperança, que conquistou os títulos de 1991, 1992 e 1994. Depois, em 1995, o verde e branco do técnico Telmo Portella,

Ano	Campeão	Vice
1997	Pró-Cana	Independente
1996	Olímpico	Proman
1995	Banerj	Barra-cão
1994	C. Fluminense	Independente

*** O Pró-Álcool, hexacampeão de ouro, não tem relação com o time que ganhou a Taça de Ouro em 1986 e a de Prata em 1983.**

que já não participa do campeonato, foi jogar a Taça de Ouro, ficando, no primeiro ano de disputa, na segunda posição, perdendo a final para o Pró-Álcool. E, por falar em grandes times, vale ressaltar as equipes do Alphaville (campeão em 1995; vice-campeão em 1997, 1999 e 2000) e do SPB (vice-campeão em 1998, 2001 e 2003). O SPB 2 também brilhou na Taça de Bronze: conquistou o título em 2000 e ficou em segundo lugar em 1999.

A força do Natureza, campeão de prata em 1988, está na amizade

Em 1998, mais de 120 pessoas participaram da festa que o Natureza fez em comemoração ao título da Taça de Prata de 1988 – única conquista da equipe nos gramados do Clube da Barra. Durante os festejos, com queima de fogos, exposição de fotos, exibição de vídeo, música ao vivo e um super-amistoso entre a equipe campeã de 1988 e a que atuava no Principal de 1998, Joel de Farias e Adilson Fabiano surpreenderam os presentes com o *funk* “Natureza, Amizade, Lazer e Futebol” (veja ao lado), que resume, de maneira bem humorada, a vocação de um dos times mais tradicionais e queridos do futebol da AF: a confraternização e o prazer de jogar bola. “O Natureza só quer mesmo ‘chegar junto’... / É jogar por jogar, é jogar por prazer / Não interessa o placar qual seja... / A gente nunca esmorece / A gente nunca fraqueja / A gente joga e emburaca na cerveja!”.

Fabio “Caniggia” também emocionou os amigos com o texto escrito com o coração: “Nós não estamos comemorando apenas o título de dez anos passados,



“Natureza, amizade, lazer e futebol”

O Natureza só quer mesmo “chegar junto”...
É jogar por jogar, é jogar por prazer.
Não interessa o placar qual seja...
A gente nunca esmorece,
A gente nunca fraqueja,
A gente joga e emburaca na cerveja!

O nosso ataque é campeão de gols perdidos.
Nossa defesa é campeã de gols sofridos,
O nosso meio-campo é um Deus nos proteja...
(mas)
A gente nunca esmorece,
A gente nunca fraqueja,
A gente joga e emburaca na cerveja!

Se a gente ganha de um,
Se a gente perde de dez,
Se a gente empata, que bom!
Nosso ouro são nossos pés.

Esmorecemos jamais.
Somos Didis e Manés.
Quem triunfou uma vez
Também pode vencer mais dez.

O Natureza só quer mesmo “chegar junto”,
Quer competir e não ficar no hora-veja!
Apenas isso o “dream time” deseja.
A gente nunca esmorece,
A gente nunca fraqueja,
A gente joga e emburaca na cerveja!

(Adilson Fabiano e Joel de Farias)

subliminarmente se celebra uma década da resistência do futebol como diversão e instrumento de convivência social. Parabéns, Natureza!”. Adilson reforçou essa imagem do time: “O Natureza nasceu de uma proposta diferente. Nós queríamos jogar, mesmo sem

**O Natureza,
campeão de 1988, tem como
lema jogar por prazer.**

sermos craques. Juntamos esses colegas que não tinham muita habilidade com a bola. Depois entrou um ou outro que jogava bem. Em 88 o time ficou tão bom que foi campeão da Taça de Prata. Mas o nosso time é uma autêntica seleção... de amigos.”

O título de prata do Natureza, que agora disputa a Taça de Bronze, foi ganho no dia 10 de dezembro de 1988, com uma vitória sobre o Desistágio por 3 a 2. Participaram da campanha vitoriosa os seguintes atletas: Abel, Ademir (artilheiro da competição, com 23 gols), Adilson, Antônio Carlos, Elizio (vice-artilheiro, com 14 gols), Fenando, Humberto, João de Deus, Joel, Jorge Augusto, Jorge José, José Eduardo, Silvio Renato, Bira (autor do gol do título), Wagner (goleiro menos vazado) e Waldir Filho.

O Natureza surgiu em 1982 com o nome de Frangalho, reunindo os jogadores que não tinham vaga nas outras equipes. Em 1983 passou a se chamar Só Faltava Essa, por ter entre seus atletas uma jogadora – a recepcionista Nádia. No ano seguinte, melhorando seu plantel, foi escolhido o nome Natureza.

Com *fair-play* elogiável, Independente também escreve sua história no futebol

A Taça de Bronze começou a ser disputada em 1994, já no campo 1. O primeiro vencedor da competição foi a Conservadora Fluminense, equipe de uma empresa terceirizada que prestava serviços no BNDES (ver tabela nas páginas 88 e 89). O Independente, criado naquele mesmo ano, ficou, de forma invicta, com o vice-campeonato (posição que voltaria a ocupar em 1997). Aliás, o Independente, de Paulista e Marcão, é o grande papa-títulos da Taça de Bronze, tendo vencido em 1998, 2001 (equipe máster) e 2003 (equipe sênior). No ano passado, por sinal, o time se transformou numa máquina de fazer gols. Liderado pelo artilheiro Paulo Roberto, o azul e branco da sede social marcou 99 tentos – 32 de Paulinho. Na final, o Independente Sênior goleou o San Remo Sênior por 5 a 0 e deu a volta olímpica no Clube da Barra sob aplausos. Na oportunidade, Marcão destacou a união

Essa história não pára aqui



“ A AFBNDES é uma entidade que cresceu e se solidificou entre os funcionários do Banco. Sua atuação no campo das reivindicações político-salariais não deixou de lado as atividades sociais, culturais e esportivas. E é na área do esporte que sempre procurei atuar, participando das competições promovidas pela AF por entender que elas propiciam momentos de confraternização entre os funcionários.

E agora que a AF está completando 50 anos, a gente vê quanta coisa legal aconteceu. Sem dúvida, são momentos inesquecíveis, que ficaram marcados em nossas vidas.

Espero que os novos funcionários do Banco continuem escrevendo novas páginas na história da Associação. ”

Aluizio Borba Lopes Filho



**Independente: liderança absoluta
na Taça de Bronze de 2003.**

do grupo, dentro e fora do campo, e lembrou que os jogadores do seu time, com média de 43 anos, mostraram no campo que a maturidade não impede o bom futebol e a disposição para jogar com força e determinação.

Outra equipe do grupo liderado por Paulista conquistou a Taça de Prata em 1999. O grupo também está presente na Taça de Ouro, tendo participado, no ano passado, com duas equipes: o Independente e o Independente Máster. Paulista lembra, também, que seu time já conquistou a Taça Disciplina do Campeonato de Futebol em quatro ocasiões. Quer dizer: além de jogar bom futebol, a galera tem *fair-play* elogiável.

Curiosidades

O dia em que Aluizio inaugurou a maca no Clube

Quinze minutos do segundo tempo. O Misto Quente vence o Pró-Álcool Sênior por 1 a 0. De repente, Aluizio Borba, um dos melhores jogadores da partida, cai em campo depois de se chocar com um adversário. O jogador rola e alguém grita: “Não é nada não seu juiz, ele quer é inaugurar a maca da AF.” Gargalhada geral.

Se Odorico Paraguaçu, na Sucupira das novelas, não conseguia inaugurar seu cemitério, o futebol da AF fez bonito no primeiro jogo da primeira rodada. E Aluizio estava lá, deitado na maca, protagonizando a ação. Mais uma vez fazendo história (agosto de 2001).

Nas águas da galera

A torcedora Rosana da Silva Oliveira começa o campeonato com a corda toda, criticando, no jogo entre SPB 1 e Independente, o juiz da partida e o seu próprio time: “Não gostei do juiz no jogo de domingo. Ele tem apito e não usa. Marca as faltas meia hora depois e, o que é pior, sem ver (...). Outro recado vai para o time do SPB 1: Cadê o meio-campo pessoal? Onde está a marcação na saída de bola do time adversário? Está faltando garra e eu sei que o time tem”. Pelo jeito, ela entendia do riscado (agosto de 2000).

Futebol em família



“A Associação representa o convívio entre os funcionários do Banco. É a partir das atividades sociais e recreativas que se consegue energia para o trabalho no dia-a-dia. Hoje, mesmo aposentado, não perco o vínculo com a Associação. Meus filhos cresceram, mas continuam a participar de tudo, inclusive dos torneios de futebol. No passado, eu também já joguei muita bola lá. Agora, compareço para torcer por eles. Parabênizo a AF pelos 50 anos e desejo que ela continue assim, congregando todos os benedenses e seus familiares.”

Fausto José de Lima

No Principal de 2003, 30 equipes rolaram a bola na Barra: recorde dos recordes.

Mudança no Principal

Em 2001, o Campeonato Principal sofreu uma mudança radical. Em encontro promovido pela Diretoria de Esportes, com a presença de representantes de todas as equipes inscritas, decidiu-se pelo fim da fase de classificação. Ou seja: a competição já começaria dividida nas taças de Ouro, Prata e Bronze. “Era uma reivindicação antiga de vários participantes do Principal e um compromisso de campanha”, disse o diretor JC à época.

Primeiro semestre regado a bom futebol

Novos, Veteranos e Master de 2004 atraem mais de 300 jogadores e mostram sua força

Completando 16 anos em 2004, o Campeonato de Veteranos de Futebol Soçaite é hoje um campeão de audiência no Clube da Barra e já entrou para a história do futebol da AFBNDES, agitando o esporte no primeiro semestre de cada ano. Criado em 1989, na gestão de Gilberto Coutinho, a primeira competição foi coordenada por Telmo Portella e terminou com a vitória da equipe Os Barbosas, que disputou a final com José Raimundo, Sérgio Fernandes, Juarez Cinelli, Rui Barbosa, Clayton, Fernando Gamma, Valdete, Pedro Paulo, Jackson, Henrique e Jaire. A decisão foi contra o Bengala, que foi derrotado por 3 a 2. Como as equipes são tradicionalmente definidas por sorteio, o time que também levou o nome Os Barbosas e conquistou o título de 1990 pouco tinha a ver com o campeão do ano anterior. Na verdade, o nome Os Barbosas foi dado por causa do jogador Rui Barbosa. Ele e Henrique foram os únicos bicampeões.

A partir de 1994, com a lembrança das seleções que disputariam a Copa do Mundo nos Estados Unidos, começaram as homenagens que hoje caracterizam a



A equipe Os Barbosas conquistou, em 1989, o primeiro Campeonato de Veteranos.

competição. Já teve todo o tipo de reverência: aos estados brasileiros (1995), aos bairros cariocas (1996), a equipes italianas (1997), a seleções classificadas para a Copa da França (1998), a times campeões da Libertadores da América (1999), aos 500 anos do Descobrimento do Brasil (2000), a pontos turísticos



Suvaco de Cristo: vencedor do Campeonato de Novos em 2003.

do Rio (2001), aos 50 anos do BNDES (2002), às escolas de samba do Rio (2003) e, em 2004, ao Botafogo de Futebol e Regatas, no ano do seu centenário (confira, ao lado, a lista com os campeões).

Novos – O Campeonato de Novos, seguindo a mesma forma de organização do de Veteranos, inclusive nas homenagens, começou a ser disputado em 1995, com o Grêmio sagrando-se campeão. A competição deu uma parada de 1998 a 2002, recomeçando, a partir daí, com força total. “Este campeonato virou um verdadeiro celeiro de craques, observados com atenção pelos representantes das equipes do Principal”, diz o coordenador de futebol da AF Luiz Carlos Félix. No Campeonato de Novos deste ano é prestada uma merecida homenagem ao América Futebol Clube, que também faz 100 anos.

Master – Celebrando o Bangu, outra equipe centenária, está sendo disputada, neste ano, a primeira edição do Campeonato de Master, reunindo jogadores acima de 45 anos de idade – uma prova do natural envelhecimento de nossos atletas da bola. Nenhum problema, já que essa gente cada vez mais veterana continua mostrando o seu valor.

Verão – Por algum tempo, de 1995 a 1998, foram disputados, no campo “Sangue & Areia”, quatro Torneios de Verão, vencidos por Flamengo, Vermelho, La Coruña e Verde. Por ser um período de férias, as competições tiveram pouca adesão e acabaram não mais se realizando. A construção do campo de grama sintética no lugar do “Sangue e Areia” foi outro empecilho para a continuidade dos torneios.



Em 1996, o time Vermelho conquistou o título do Torneio de Verão.

Galeria dos Campeões

Veteranos

- 2003 – Portela
- 2002 – Poc
- 2001 – Pão de Açúcar
- 2000 – Coroa Vermelha
- 1999 – Peñarol
- 1998 – França
- 1997 – Fiorentina
- 1996 – Tijuca
- 1995 – São Paulo
- 1994 – Itália
- 1993 – Reação
- 1992 – Reação
- 1991 – Zero Hora
- 1990 – Os Barbosas
- 1989 – Os Barbosas

Novos

- 2003 – Suvaco de Cristo
- 2002 – Prosoft
- 1998 – Vasco da Gama
- 1997 – Benfica
- 1996 – Itália
- 1995 – Grêmio

Verão

- 1998 – Verde
- 1997 – La Coruña
- 1996 – Vermelho
- 1995 – Flamengo

Olimpíada, Grupo de corrida, tênis e sinuca

As atividades esportivas da AFBNDES não ficam restritas aos torneios de futebol soçaito. Tênis, grupos de corrida e jogos de salão, como sinuca e futebol de botão, agitam os associados durante todo o ano. Mas nenhuma competição mobilizou tantos benedenses ao mesmo tempo como as Olimpíadas Internas do Sistema BNDES. As disputas envolviam várias modalidades – incluindo atletismo, futebol de campo, futsal, basquete, natação, vôlei, xadrez, sinuca, dama e tênis de mesa – e duravam de dois a três meses, com competições realizadas à noite ou nos finais de semana.

A 1ª Olimpíada teve início no dia 30 de maio de 1981, com as provas de atletismo, masculino e feminino, em corridas de 3.000 metros. Os funcionários Eduardo Luiz de Oliveira e Lúcia Sivolella conseguiram as primeiras colocações, com os tempos de 12m e 15m45s, respectivamente. Uma semana depois, Eduardo voltaria a cruzar a linha de chegada em primeiro lugar na prova dos 5.000 metros, com o tempo de 16m08s. Nesse ano, as provas de natação foram realizadas na Escola de Educação Física da UFRJ. O melhor tempo nos 50 metros nado livre masculino ficou com Guilherme Pfisterer, com 30s03. Na categoria feminina, a mesma prova foi vencida por Rosemary dos Santos Terra, com 51s05. O funcionário Fernando Borges da Fonseca alcançou a primeira colocação em duas provas: 50 metros golfinho e 50 metros costas. No xadrez, Vinícius de Almeida, representando a AP-II, sagrou-se o primeiro campeão da modalidade e entrou para a história da Olimpíada. No tênis de mesa, o ouro ficou com Carlos Costa, pela AA, no masculino, e Inês Absi, da Finame, pelo feminino.

No balanço final da 1ª Olimpíada, a Área de Proje-



Final 200 metros livre, na 2ª Olimpíada da AF: na raia 5, Elieser, medalha de ouro; na raia 1, Guilherme, medalha de prata; e na raia 3, Ricardo, que ficou com o bronze.

tos I (AP I), com 39 pontos, ficou em primeiro lugar, seguida pela Finame, com 26 pontos, e pela Área de Projetos II, com 21. Cerca de 300 funcionários, mais de 10% do corpo funcional, participaram da competição. “A Olimpíada da AF passou a ser o grande assunto entre os funcionários do Banco. Cada modalidade esportiva tinha um coordenador para ajudar na organização das disputas e na elaboração das tabelas. Havia ainda os representantes de área, que eram os responsáveis pelas equipes de cada setor do Banco. Todos os setores participavam e até mesmo os colegas que não tinham muita habilidade para o esporte eram incentivados a disputar as competições, pois a simples participação da equipe já lhe rendia pontos na contagem geral”, relembra Paulo Altomar, que além de diretor de esportes da AF também chegou a ser coordenador e representante de setor durante algumas edições da Olimpíada.



Em 1985, na terceira edição da Olimpíada da AF, Paulo Ticom, pela AA/AJ, ficou com a medalha de ouro no jogo de damas.

Carlos Roberto Batista dos Santos é outro funcionário que tem boas histórias para contar. Com exceção de natação, ele participou, com bom desempenho, de todas as demais modalidades. Basquete, vôlei, handebol, futebol, tênis de mesa e atletismo. Entre tantos bons resultados, ele cita a conquista da medalha de salto em distância, obtida na 3ª Olimpíada. “Foi uma época inesquecível. A cada dois anos, quando a Olimpíada era realizada, o sentimento de integração entre os colegas do Banco reacendia. E esse era um dos maiores méritos dos jogos: aproximar os funcionários das diversas áreas”, afirma Carlos Roberto. Ângela Moura concorda com Carlos Roberto. Segundo ela, as competições esportivas aproximaram os funcionários, fazendo com que o relacionamento profissional fosse melhorado.

Em 1983, aconteceu a segunda edição dos jogos. Durante 40 dias, todo o sentimento de interação coletiva estava de volta. Nesse ano, as provas de atletismo e natação foram realizadas na Escola de Educação Física do Exército e no Cefan. Mais uma vez, os jogos de xadrez aconteceram no

Edserj, os de sinuca e tênis de mesa no Clube da Barra e os jogos de tênis, no Playtennis, na Barra da Tijuca, pois naquela época a sede social da AF ainda não dispunha de quadra de tênis. Na classificação geral, a equipe da AA ficou em primeiro lugar.

O trabalho realizado pelos representantes das áreas motivava suas equipes. Em cada modalidade, funcionários do Banco se destacavam tanto pelo empenho, como pelo talento. E, claro, havia também os casos curiosos que nem o tempo apagou. “Numa partida de basquete bem disputada, sobrou boa vontade mas faltou competência, resultando no que é provavelmente o placar mais magro na história desse esporte: 5 a 2”, recorda Sandro Couto. Paulo Altomar também lembra de uma prova de natação em que a atleta pulou na piscina sem saber nadar. “Cada representante de área fazia tudo para que sua equipe disputasse todas as modalidades. Assim, não perderia ponto no quesito participação. Quando algum atleta faltava, a gente colocava outro no lugar, mesmo que o substituto não fosse um conhecedor daquela modalidade. Com isso, ocor-

Na prova de revezamento 4x4, realizada na Urca, Paulo Altomar, pela AFBNDES, recebe o bastão de Cláudio rumo à vitória.



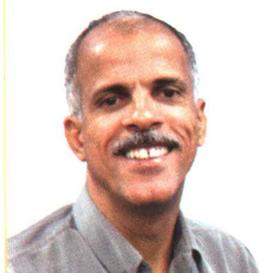
ria muitos casos inusitados”, afirma.

Em 1985, a 3ª Olimpíada da AF bateu o recorde de inscrições, com mais de 800 participantes, num clima de muita alegria nas quadras, nos campos, nas pistas e nos salões de jogos. O ouro no basquete masculino ficou com a equipe do BNDESPAR. No vôlei, os atletas da AA/AJ foram campeões, enquanto no feminino a vencedora foi a AP II. No xadrez, o vencedor foi Yoti Abe pela AP III e, no jogo de damas, Paulo Ticom, pela AA/AJ. No quadro geral, o primeiro lugar ficou com a equipe da AP I/Presi.

Em 1987, Sonia Maria Ferreira de Souza conquistou a medalha de ouro no tênis de mesa feminino. Márcio Lopes, com a marca de 1,65m, ficou com o primeiro lugar na prova do salto em altura. Na prova de revezamento 4x100, o ouro ficou com a equipe do



Na disputa do cabo-de-guerra, as meninas da equipe AA unem forças para obter a vitória.



As Olimpíadas marcaram as nossas vidas

“ Falar dos eventos esportivos realizados pela AFBNDES é lembrar um pouco da nossa vida no Banco. Se no futebol tive a honra de participar da vitoriosa equipe do Misto Quente, nas Olimpíadas da AF ficaram registrados os momentos de integração com os colegas de todas as áreas do BNDES.

Certamente, muito mais do que as medalhas que conquistei, fiz grandes amizades, as quais mantenho até hoje. Por isso, considero que as Olimpíadas Internas foram um dos eventos mais significativos na história do Banco.”

Carlos Roberto Batista dos Santos

Condomínio, a prata com a AFBNDES e o bronze com a AP I/Presi. Mas, no cômputo geral, a AP I/Presi chegou na frente mais uma vez e conquistou o bicampeonato.

Na 5ª Olimpíada, em 1989, apenas oito equipes participaram das competições, com 281 atletas. A AE/AC/AT/GP ficou com o primeiro lugar na soma geral de pontos.

A sexta e última edição ocorreu em 1992, durante as comemorações dos 40 anos do BNDES. Foram disputadas 14 modalidades, com 346 atletas benedenses. No final, a equipe do Condomínio sagrou-se campeã. “O evento era uma grande oportunidade para reunir e congregiar os funcionários do Banco, além de estimular a prática de esportes”, completa Altomar.

Grupo de Corridas

Tudo começou no início dos anos 80, quando a prática do *cooper* chegou ao Brasil e virou modismo, incentivando muita gente a correr. Aos poucos, alguns benedenses foram aderindo à prática e, logo, um grupo de corredores estava formado. Ao perceber esse interesse dos colegas do Banco, a AFBNDES passou

a apoiá-los, oferecendo o suporte necessário para os atletas, incluindo a contratação de um treinador. A partir de então, os corredores do Banco passaram a se inscrever em competições oficiais.

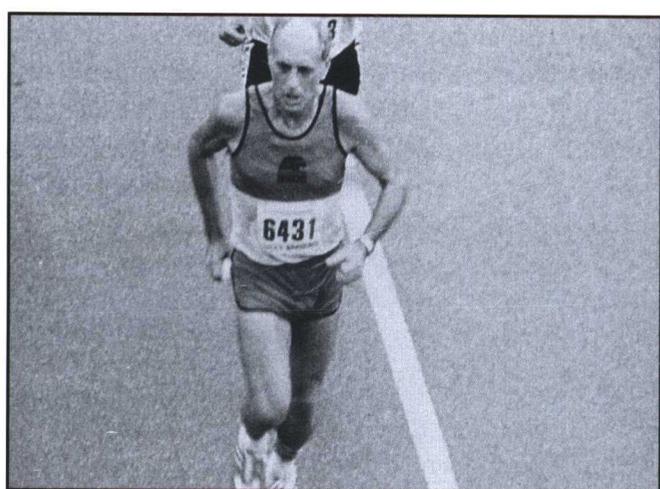
Já na 3ª Maratona Internacional do Rio de Janeiro, realizada em setembro de 1981, havia a participação de funcionários do Banco entre os quase 1.500 atletas que atravessaram toda a Zona Sul da cidade, em trajeto de ida e volta. Eduardo Luiz de Oliveira, Orlando dos Santos Donin e Oldemar Quintanilha de Freitas, funcionários do Banco, completaram os 42.195 metros e obtiveram colocações bastante razoáveis, demonstrando bom preparo físico e muita resistência.

Em junho de 1983, o Grupo de Corridas do Banco seguia em plena atividade, participando da Corrida da Ponte, cujo percurso total foi de 21 km. A prova contou com cerca de 2 mil atletas, dos quais 19 eram do Banco. Entre os benedenses, o maior destaque ficou com Orlando dos Santos Donin, que conquistou a medalha de bronze na sua faixa etária. Donin, dias antes, já havia ganho a medalha de ouro na corrida promovida pelo Camping Club do Brasil, em Araruama, com um tempo de 39m56s, num percurso de 10 km.



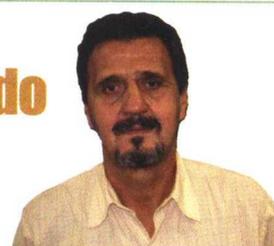
Equipe de corredores da AFBNDES que participou, em 1984, da Maratona Jornal do Brasil.

Ainda em 1983, com o envolvimento de um grupo cada vez maior, a AFBNDES organizou um *ranking* tomando como base a classificação obtida nas corridas disputadas. Como forma de estímulo, a Diretoria de Esportes instituiu nesse ano prêmios aos três primeiros colocados em cada uma das categorias. No geral masculino, Carlos Henrique Lima ficou na frente,



Orlando Donin, um dos corredores do Banco, ilustra bem a garra e determinação benedenses.

Êxito prolongado



“As atividades esportivas promovidas pela AFBNDES, ao longo dos seus 50 anos de existência, contribuíram para fortalecer o bom relacionamento entre os funcionários. Desde que ingressei no BNDES, logo me identifiquei com as várias atividades que a Associação promovia e passei a participar intensamente. Desejo que a AF continue alcançando êxito nas suas realizações e que os colegas do Banco participem cada vez mais.”

Paulo Sérgio Altomar

com 112 pontos. No feminino, Elizabeth da Cunha ficou com 74 pontos. Divididos por faixa etária, também foram premiados Benejan Sales, Paulo dos Reis Carvalho, Roberto Luís da Silva, Oldemar Quintanilha, Sandro Couto, Rui Celani e José Cassiano.

Em 1984, o grupo seguia firme, com dez benedenses se inscrevendo na Corrida da Ponte, cujo percurso foi de 22 km. Deles, Orlando Donin obteve a melhor colocação. A equipe de corridas da AF também esteve presente na Meia Maratona da Barra, com Donin mais uma vez se destacando. No mesmo ano, o grupo se inscreveu na V Maratona Bradesco-Jornal do Brasil, considerada na época a mais importante prova para os corredores do país. Dezesete atletas do Banco completaram a prova, com Alexandre de Souza Campos obtendo a melhor classificação – 98º lugar na sua categoria.

Outra prova, em 1983, que contou com a participação de membros do Grupo de Corridas do Banco foi os 27 km da corrida de Petrópolis. Nela, Carlos Henrique de Lima foi o 33º colocado na classificação geral, com um tempo de 1h38m50s. Em 1985, o grupo participou de 11 provas oficiais: Orlando dos Santos Donin, entre os homens, e Carmelita de Almeida Sales, entre as mulheres, lideravam o *ranking*.

Mas o destaque desse ano foi mesmo a participação no V Triathlon do Rio de Janeiro, com bons resultados para os benedenses. A prova apresentou um grande índice de dificuldade. O vento atrapalhou toda a etapa de ciclismo, fazendo com que muitos atletas não completassem o percurso. As quedas também foram constantes. Na etapa da corrida, a passagem pela Estrada do Joá foi a que apresentou maior dificuldade. A prova envolveu 2 km de natação, 65 km de ciclismo e 17 km de corrida. Entre os funcionários do Banco, a melhor colocação ficou para Rubem Cesar Moura. “A formação da equipe de corredores foi importante porque, embora corrêssemos por prazer, sem o interesse de nos tornarmos ‘atletas profissionais’, necessitávamos de um suporte. O apoio da AF incentivou o grupo a participar de corridas e maratonas que aconteciam na cidade”, lembra Sandro.



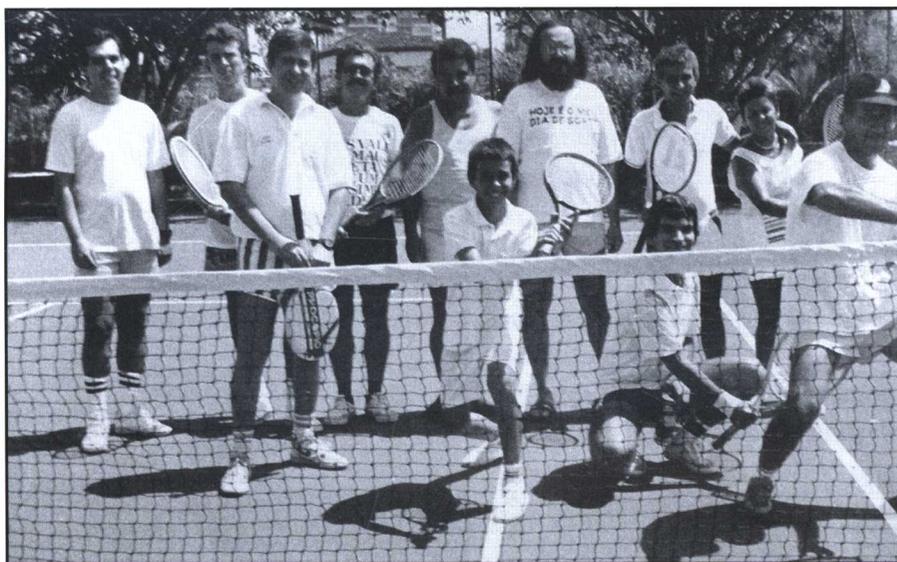
Incentivando o esporte

“A prática de esportes, seja qual for a modalidade, deve ser sempre incentivada e isso a AF sempre procurou fazer. Seja no futebol, no tênis, na sinuca, no atletismo, o importante é motivar os associados a participarem das atividades promovidas pela entidade. E isso vem sendo feito. No ano do cinquentenário, o passeio ciclístico que realizamos em março mostrou o quanto os associados prestigiam eventos desse porte. Desejo que a AF continue crescendo cada vez mais e sempre propiciando atividades que promovam a integração dos colegas do Banco.”

Sandro Couto

Tênis

Oficialmente, o primeiro torneio de tênis da AFBNDES foi realizado em 1981, com a final sendo realizada no Smash-Squash, em Laranjeiras. Durante sete meses, a competição movimentou os tenistas no Banco. Na final, o funcionário Luiz Paulo Lucas (Ibrasa) venceu Oscar Quental (API) e conquistou o título.



Os torneios de tênis promovidos pela AFBNDES incentivaram a formação de novos tenistas benedenses.

A partir daí, as competições se sucederam, já que entre os benedenses sempre houve o interesse pela prática desse esporte. Na época, alguns funcionários incentivaram a AF a criar um *ranking* entre os tenistas do Banco, como forma de motivar os jogadores a uma saudável competição. Esse *ranking* viria a ser formado cinco anos mais tarde, quando foi realizado, no Hotel Nacional, o 1º Torneio do Ranking de Tênis do Sistema BNDES, contando com a participação de 24 inscritos.

Com a construção das quadras de tênis no Clube da Barra, a Associação passou a realizar torneios-relâmpagos nas datas festivas. Mas foi com o I Open de Tênis da AF, realizado em 1997, que a prática desse esporte ganhou seu espaço definitivo. Sob a coordenação dos professores Reinaldo Vasquez e Marcelo Meneguale, a competição foi dividida em três categorias e contou com a participação de 46 jogadores. Com o aumento do interesse, a AF passou a oferecer cursos de tênis na Barra para os associados e familiares. O sucesso do Open fez com que a AF no ano seguinte realizasse sua segunda edição, com as categorias simples e duplas. A partir de então, a Associação criou outras competições, como o Torneio da Primavera e o Torneio Amigos do Tênis, que é realizado até hoje.

Sinuca

Seja na Pousada ou no Clube da Barra, os jogadores de sinuca da AF dão o seu show particular. Nomes como Rui Barbosa, José Martins, Alfredo Café, Paulo Altomar, Nilson Batista, Saint Clair e Pedro Paulo, entre outros, não podem ser esquecidos, pois já escreveram seus nomes na galeria dos grandes jogadores desse esporte no Banco. Mas é Ubirajara Tadeu quem pode ser considerado o rei da sinuca. Ele já perdeu as contas de quantos títulos con-



Amarillis Souza e Maria Lúcia, vice-campeãs no Circuito Top de Tênis.

quistou. Entre seus troféus, destaca-se o 1º Sinuca Open da AFBNDES, realizado em 1997, contando com a participação de jogadores ranqueados pela Federação de Sinuca e Bilhar do Rio de Janeiro. Este ano, em comemoração aos 50 anos da AF, foi realizado novo torneio, vencido por João Carlos. Ubirajara Tadeu foi o coordenador.



Ubirajara Tadeu: um dos ases da sinuca na AFBNDES.

Unidos na luta

Sindicato dos Bancários ocupa posto de representação no BNDES

“Quero, antes de morrer, participar da assembleia do meu Sindicato – o dos bancários, é claro – para tratar com voz e voto das nossas reivindicações. Se o Banco do Brasil tem a AABB e o sindicato, quero a AF e o sindicato também. Eu quero, tu queres, ele quer. Esse coro tem que aumentar”, clamava Ailton Pereira dos Santos, no artigo “Olha o que a Gente Quer”, publicado no VÍNCULO 165, de fevereiro de 1986.

Na edição seguinte, Joel de Farias Neto, comentando o artigo de Ailton, fortalecia o pleito pela sindicalização: “Queremos o reconhecimento ao direito da sindicalização porque este é um direito básico de qualquer trabalhador, que nos foi negado, sendo absolutamente necessário o seu resgate. Afinal de contas, não mais se justifica que existam categorias com direito à sindicalização e outras não, como se umas fossem capazes de andar com os próprios pés e outras, entes absolutamente incapazes, careçam da tutela de alguém para poder sobreviver.”

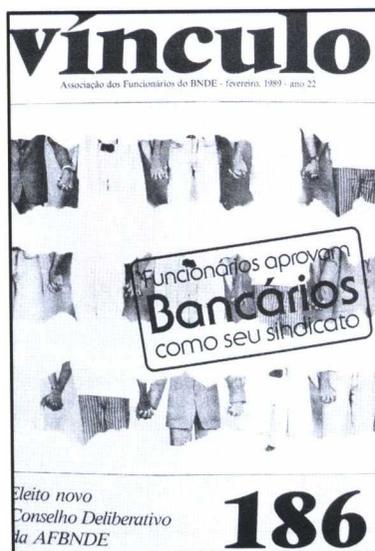
Mas Joel reivindicava um papel ainda importante para a AFBNDES (na época, sem o “S”), mesmo depois da almejada sindicalização: “Nesta ocasião, acredito que a AFBNDE tenderá a ser um braço do Sindicato entre nós e jamais deverá recolher bandeiras e se dedicar à organização do lazer dos seus sócios, à moda da AABB,



que tem suas razões históricas para isso. É claro que o lazer dos associados é importante e jamais deve ser relegado a um aspecto secundário, mas a AFBNDE ganhou estatura quando voltou-se para a reivindicação funcional, e isto está definitivamente incorporado ao seu perfil.”

O nosso sindicato desde 1989

Ailton não viveu para participar das Assembleias do seu sindicato, com direito a voz e voto, como queria. O colega faleceu em 25 de setembro de 1987, aos 32 anos, vítima de um derrame. A Assembleia histórica que definiu o Sindicato dos Bancários como legítimo representante dos funcionários do BNDES só foi ocorrer em 11 de janeiro de 1989, no Auditório do



Em fevereiro de 1989, o VÍNCULO publica matéria sobre a Assembléia que aprovou a filiação da AFBNDES ao Sindicato dos Bancários.



O funcionário Rafael passa às mãos de Saraiva manifesto em favor da filiação ao Sindicato dos Bancários.

Banco. Na oportunidade, Sandra de Souza, presidente do Sindicato dos Economistas e ex-presidente da AF, discursou na mesma linha defendida por Joel em 1986: “Nós devemos trabalhar em conjunto com o Sindicato dos Bancários, ao lado do pessoal do Banco do Brasil e da CEF, a fim de aumentar as possibilidades de avanço no interior do BNDES. E, para isso, é fundamental a participação da AFBNDE, que tende a se fortalecer e a desempenhar um papel significativo neste processo.”

Os presidentes da então AFBNDE Antônio Saraiva e do Sindicato dos Bancários do Rio Ciro Garcia concordavam com Sandra. “Este processo fortalecerá a Associação, na medida em que ela ganhará um parceiro mais forte para representar os funcionários legalmente perante o Banco e a Justiça do Trabalho”, dizia Saraiva. “A AFBNDE continuará sendo importante na luta por melhorias, juntamente com o Sindicato dos Bancários ou de forma independente”, complementava Ciro. Sandra, por sinal, foi a primeira funcionária a entregar seu pedido de filiação ao Sindicato dos Bancários, iniciando um movimento que, no princípio de fevereiro de 1989, já contava com 100 filiados.

Na época, existia uma pequena fração de empregados no BNDES favorável ao enquadramento na categoria dos “monetaristas” – escolha feita por parcela do funcionalismo do Banco Central. Tal posição foi plenamente derrotada na Assembléia do dia 11 de janeiro. O funcionário Rafael Rocha chegou a levar para a reunião um abaixo-assinado da Área Jurídica do Banco, com 30 signatários, em apoio à filiação ao Sindicato dos Bancários.

A origem da entidade

O Sindicato dos Bancários faz parte de uma história que começou a ser escrita em 5 de novembro de 1929, quando foi fundada a Associação dos Funcionários de Bancos do Rio de Janeiro. Em 17 de janeiro de 1930, a entidade foi transformada em Federação dos Bancários do Brasil. Na época, o Rio de Janeiro era a capital da República. O objetivo era estimular a organização da categoria em todos os estados e reunir os bancários em uma única entidade. Em 1931, a Federação passa a chamar-se Sindicato Brasileiro de Bancários. Suas principais bandeiras eram: a caixa de aposentadorias e pensões; o salário mínimo profissional; a jornada de seis horas; e a fiscalização do trabalho. A jornada de seis horas só foi regulamentada em 1933. Pareceres médicos respaldaram a redução da jornada – que chegava a ser das 7h às 19h30, uma vez que os trabalhadores eram vítimas de doenças como tuberculose e neurose.

Em julho de 1934, o Sindicato deflagra a sua primeira greve. A palavra de ordem era: “Bancário, ocupa teu posto”. Em 1989, depois de mais de 50 anos de lutas, já com a participação de benedenses, o Sindicato se une a outras categorias na organização de uma greve geral que, durante dois dias, paralisou parte

do país. Em 1999, os funcionários do BNDES entram oficialmente para a história de lutas da entidade. Está lá, no *site* do Seeb-Rio, entre os registros do ano: “Funcionalismo do BNDES faz duas greves e fecha acordo com a direção do banco. Conquista reposição salarial, abono e participação nos lucros.”

A luta no interior do BNDES

Em 1985, quando foi fechado o primeiro Acordo Coletivo de Trabalho da história do BNDES, o Sindicato ainda não estava presente em nossa negociação. Isso só veio a ocorrer a partir de 1989. Essa presença se intensificou a partir da década de 90, quando diversos companheiros da entidade acompanharam nossas negociações: Renato Lima, Patalano, Gerardo Santiago, Joel Bueno, além dos presidentes Ciro Garcia, Fernando Amaral, Fernanda Carisio, José Ferreira e Vinícius de Assumpção, hoje à frente do Sindicato, que nos apoiou em processos judiciais, como a ação que reivindica o

pagamento da URP de fevereiro de 1989, expurgada pelo Plano Verão, e a ação da hora extra, em 2002.

Vinícius destaca o importante papel que a AFBNDES exerce na organização do funcionalismo do BNDES. “O caminho que a Associação vem trilhando, desde 1989, é de absoluta parceria. E, quando não há disputa entre as entidades de representação dos trabalhadores, ganham todos – o funcionalismo e a categoria de forma geral.” Para o presidente do Seeb-Rio, o ingresso dos empregados do Banco na categoria bancária fortaleceu a proposta de organização dos trabalhadores por ramo de atividade – no caso, o financeiro –, como ainda hoje defende a CUT. “A AFBNDES é uma entidade forte, vibrante e tem sido exemplar na defesa dos interesses dos seus associados. E está de parabéns pelo cinquentenário.”

Quatro funcionários do BNDES estiveram presentes na diretoria do Sindicato desde 1989: Antônio Saraiva, Armando Leal, Sergio de Paula e José Márcio Tavares – esse último trabalhou por dois mandatos na Secretaria de Imprensa, setor responsável pela elaboração do jornal *Bancário*.

Delegados sindicais aproximam Sindicato dos benedenses



**Armando Leal, Sergio de Paula e Carlos Henrique Silveira (o Rico):
eleitos para a Comissão Sindical
do BNDES, em 1990.**

Em junho de 1990, numa eleição pioneira, Armando Leal, Paulo Roberto Melo, Sergio de Paula e Carlos Henrique Silveira (o Rico) foram eleitos para a Comissão Sindical do BNDES, órgão de base responsável pela ligação dos empregados do Banco com o Sindicato e a categoria bancária. O nome da chapa? Participação, o que demonstra a grande influência que a AFBNDES permanecia tendo no processo de representação dos benedenses.

“É mais uma forma de você fortalecer as entidades representativas dos funcionários. Estava faltando esse processo para aumentar a integração entre o corpo funcional e o Sindicato”, dizia Armando à época. “Esta é uma das eleições mais importantes da história do BNDES e do movimento dos funcionários. Será possível, agora, um trabalho de conscientização sindical e de ampliação da atuação da entidade dentro do Banco”, apostava Sergio. “Eu acho

que esta eleição já deveria ter ocorrido há mais tempo. Os delegados sindicais serão um instrumento dos funcionários e da Associação para maior penetração no Sindicato”, ressaltava Rico. “A eleição é importante, pois os delegados serão o ponto de ligação entre o Sindicato e a empresa. A Comissão Sindical trará a mensagem do Sindicato para o BNDES e também representará

os interesses do corpo funcional junto à entidade”, finalizava Paulo Roberto, falecido recentemente.

Nova Comissão Sindical só foi eleita em abril de 1993, composta por Kallás Roberto Kallás, Ilma Leda, Dalva Teixeira, Humberto Lima, Raimundo Antônio da Silva, Rafael Rocha, Wilson Roberto Ferreira e Messias Pimenta Bello.

O belo trabalho das nossas Associações

Nas discussões permanentes com a Administração do BNDES e outros órgãos governamentais na defesa dos interesses dos empregados, a parceria da AFBNDES com a AFFiname, a AFBNDESPAR e a APA/BNDES é fundamental. Parceria essa que se intensificou a partir do início da década de 90 – momento marcado pelas atrocidades da reforma administrativa do governo Collor. De lá para cá, o trabalho conjunto das Associações tem sido quase uma constante, culminando com expressivas vitórias, como o Acordo da Hora Extra, fechado em 2002, e os Acordos de Participação nos Resultados dos últimos anos. “A aproximação das Associações obedeceu a um processo natural de união de interesses dos empregados do Banco e de suas subsidiárias. Ao longo dos anos, foi se potencializando a compreensão da necessidade de unir talento e energia para avançarmos nas conquistas e na consolidação dos direitos de nossos associados. Com esta aliança, a representação das entidades ganhou mais visibilidade e robustez e, conseqüentemente, os frutos têm se somado ao longo desta trajetória de convívio mais amigo e fraterno”, destaca o presidente da AFBNDES, Antônio Saraiva da Rocha.

Evolução

A AFFiname, fundada em 20 de julho de 1972, está às vésperas de completar 32 anos de existência. A entidade hoje congrega 110 associados e é liderada por



Adilson Vianna, Jane Duarte e Antonio Saraiva: AFBNDESPAR, AFFiname e AFBNDES trabalhando juntas.

Jane Duarte. Este ano vive um processo eleitoral que culminará com a escolha de um novo presidente, uma vez que Jane pretende se aposentar.

“Tive o privilégio de vivenciar toda uma evolução na forma de atuar das Associações. No início, cada uma fazia sua negociação em separado. Aos poucos, foi havendo uma aproximação. Mas em 90, quando vivemos a maldada reforma administrativa do governo Collor, nos unimos na tentativa de impedir aquele absurdo que nos estava sendo impingido e foi quando se deu a primeira e histórica greve geral no BNDES. Daí para a frente, passamos a usar esta força proveniente da união das AFs para enfrentar todas as questões”, diz Jane, que aproveita para falar dos 50 anos da nossa

Associação: “Quero parabenizar a AFBNDES, em meu nome, da Diretoria da AFFiname e de todos os nossos associados, na certeza de que, mesmo chegando ao cinquentenário, a AFBNDES será sempre jovem, forte e guerreira, mantendo a disposição de sair em defesa dos interesses do corpo funcional e da família benedense.”

A AFBNDESPAR foi fundada em 12 de fevereiro de 1985, completando 20 anos em 2005. Hoje com 297 associados, a entidade, comandada por Adilson Vianna, nasceu no ano em que foram fechados os primeiros Acordos Coletivos no Sistema BNDES. Segundo Adilson, o surgimento da AFBNDESPAR foi motivado pela necessidade de um canal para as reivindicações dos funcionários da BNDESPAR e pelo desejo de um tratamento não-diferenciado em relação aos colegas do BNDES. Entre as primeiras bandeiras da entidade, como registram os discursos de sua Assembléia de fundação, realizada na sobreloja do Edserj, estão a luta por benefícios sociais e financeiros para o corpo funcional, a igualdade de direitos a todos os empregados do Sistema e a constituição de uma AF única dentro do Banco.

“Somos testemunhas, ao longo dos anos, da dedicação, respeito, seriedade e responsabilidade com que os dirigentes da AFBNDES vêm colaborando para o sucesso desta aguerrida entidade de classe, além da vigorosa participação de seus associados, sem os quais não se teria chegado a canto algum. A união faz a força e ela contribuiu com relevantes conquistas para o corpo funcional do BNDES, assegurando a melhoria das condições de trabalho e a harmonia tão necessárias para que esta Casa continue a oferecer o que de melhor tem para o país. Quero aproveitar o ensejo para registrar, em meu nome e de todos os dirigentes e associados da AFBNDESPAR, nossos votos de sucesso nos próximos 50 anos”, ressaltou Adilson.

Participantes

Já a APA/BNDES foi criada em 17 de junho de 1987 e atualmente congrega 1.312 associados – a maioria aposentados. Seu primeiro presidente foi Luiz Carlos Gomes Pereira, que ficou à frente da entidade até 1991. Nilson Batista dos Santos é o atual comandante da Associação dos Participantes da Fapes, com mandato até maio de 2005.

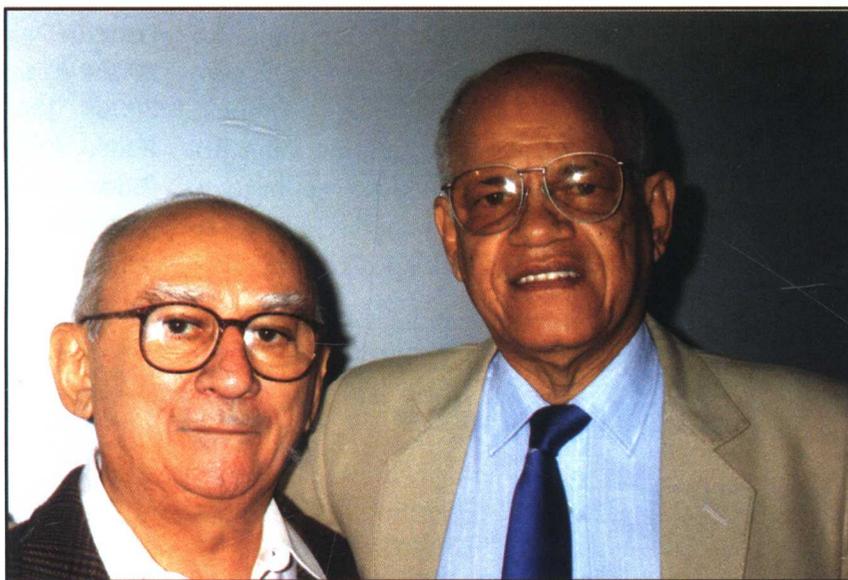
O colega aposentado, que também é conselheiro da AFBNDES, cumpre sua segunda gestão na Presidência da APA. Já passaram pela direção da entidade outras figuras de extremo valor, como

Helio Gusmão, Mario Tavora (já falecido), Miguel Romualdo e José Alesina.

Como costuma dizer o presidente Nilson Batista, a APA, além de propiciar a convivência saudável dos colegas aposentados e pensionistas em atividades culturais, de assistência social e de

“Mesmo chegando ao cinquentenário, a AFBNDES será sempre jovem, forte e guerreira.”

Jane Duarte



**José Alesino e Nilson Batista ,
dirigentes da APA: outra Associação
que conquistou
legitimidade entre os benedenses.**

lazer, defende os interesses dos seus associados junto às direções do Banco e da Fundação, ingressando muitas vezes na Justiça quando vê os direitos de seus filiados desrespeitados. “É por isso que a entidade, em conjunto com as outras Associações, se legitimou perante a comunidade benedense”, ressalta Nilson, que

também saúda a AFBNDES pelos 50 anos de vida e muitas conquistas.

A APA é fundadora, junto com outras 35 entidades congêneres, da União de Participantes das Entidades Fechadas de Previdência Privada (Unidas).

Afs da Fapes e do Condomínio: irmãs- caçulas

Outras duas Associações de Funcionários estão presentes no Edserj, ambas criadas com o apoio das entidades que representam os interesses dos empregados do BNDES, da BNDESPAR e da Finame. A mais recente é a Associação dos Funcionários da Fapes (AFFapes), fundada em 7 de agosto de 2003, após longa luta em busca dessa organização.

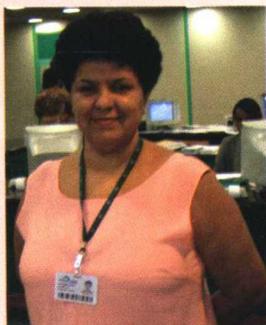
Fábio Gomes Medeiros, que trabalhava na Fundação há 14 anos, foi o seu primeiro presidente. Ele apostava nas gestões da entidade para aperfeiçoar o plano de cargos e salários da Fapes e melhor qualificar seu corpo de funcionários. “Somos gestores dos recursos dos participantes e, para desempenharmos esta função satisfatoriamente, precisamos estar bem treinados e qualificados”, disse Fábio logo após a cerimônia de posse. Convocado para assumir uma vaga no BNDES, depois de aprovado em concurso público, o colega se desligou da Fapes e, por conseguinte, da Associação, mas o ideário da AFFapes continuou o

mesmo, agora conduzido por Jorge Sérgio Salles Santos, eleito vice-presidente na chapa de Fábio, a única que concorreu na eleição. A Associação tem 134 associados e já concluiu a negociação de seu primeiro Acordo Coletivo de Trabalho.

Condomínio

A outra entidade presente no Edserj é a Associação dos Funcionários do Condomínio (AFCEdserj), criada em outubro de 1992. Seu primeiro presidente foi Guilherme Ferramenta. O atual presidente é Nilson Athayde, que está à frente da entidade desde março de 2002 e cumprirá seu segundo mandato até fevereiro de 2006: “Tivemos grande apoio das Associações do Banco desde a nossa fundação. Em relação à AF, os funcionários do Banco deveriam ter muito orgulho de poder contar com uma entidade tão representativa defendendo seus interesses.”

Os associados e a AFBNDES



“A Associação desempenha um importante papel junto à instituição BNDES e às demais entidades. O trabalho por ela desenvolvido ajuda a integrar o corpo funcional. Parabéns pelos 50 anos.”

Amarilis Luzia



“Como associado, procuro participar dos eventos que a AF promove. Entendo que o cinquentenário é um marco que representa um pouco da nossa história.”

Euber Soares de Souza

VÍNCULO

Um jornal de resistência

Ao longo de sua trajetória, a AFBNDES sempre teve a comunicação com os associados como uma de suas principais preocupações e desafios. E, nesse capítulo da história da nossa entidade, o VÍNCULO é um personagem de grande relevância.

Nosso principal veículo de informação entrará, em julho próximo, em seu 36º ano de existência. Uma marca expressiva entre publicações veiculadas por entidades de trabalhadores. Durante todo esse tempo, o jornal passou por diversas fases até chegar ao formato atual: tablóide semanal com 12 páginas, em papel branco, impresso na gráfica da CUT e totalmente editorado no computador, concentrando as informações de interesse da AF e dos associados. Desde 1997, o jornal ganhou uma versão eletrônica, que vai ao ar no mesmo dia em que circula a edição em papel.

Edição semanal

O VÍNCULO semanal começou a circular em 1994, quando Sergio de Paula estava à frente da AFBNDES e Ilma Leda era a diretora de Comunicação. A edição nº 201, de 20 de abril desse ano, sepultava o antigo *Informativo da AF* e trazia na primeira página artigo do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, coordenador da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. No texto, exclusivo para o VÍNCULO, ele dizia: “O BNDES tem que ser o banco do desenvolvimento, como o próprio nome indica. Não pode ser um banco de estabilização, mas um banco que tem um papel crucial a exercer na definição de uma política





Em 1977, o Vínculo, no formato tablóide, noticiava a inauguração do Clube da Barra.

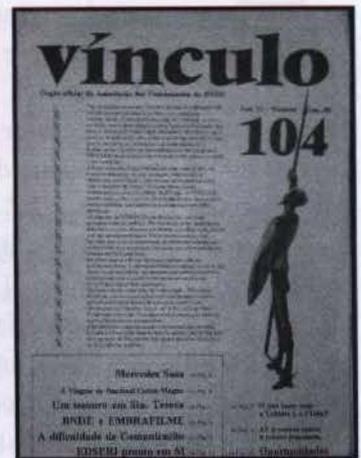
Marca histórica

A edição nº 500 do VÍNCULO circulou em 26 de julho de 2000, quando Raimundo Antônio da Silva era o diretor de Comunicação da AF. Vários associados saudaram a marca histórica, mas Joel de Farias fez bela análise da importância do veículo como espaço de transformação da Associação e de conscientização do corpo funcional do BNDES. “O VÍNCULO nº 500 é uma boa ocasião para lembrar que todo o processo de mudança da AFBNDES, de entidade recreativa para uma organização representativa dos interesses coletivos dos funcionários do Banco, começou lá, no Conselho Editorial, criado há 19 anos, incorporando ao movimento o que de melhor havia no BNDES de então – todos jovens, desejosos de mudanças, sintonizados com

das mais visitadas pelos sócios efetivos e especiais. O VÍNCULO virou espaço de propagação das notícias do Comitê da Cidadania do BNDES, da Cipa e da própria Área de Administração, com o Projeto Saúde. O noticiário político, institucional, social e cultural faz do jornal o espelho da AF e uma referência na comunidade benedense.

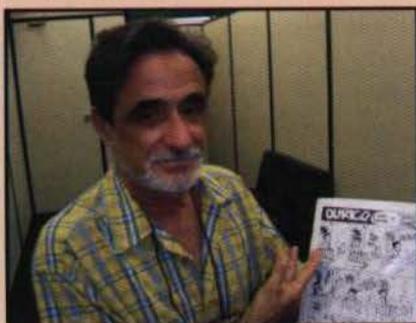
“O VÍNCULO é um elo muito vivo, que promove a vinculação dos associados a sua entidade e vice-versa. Acima de tudo, ele é um espelho onde o associado vê refletidos o pensamento e as realizações da Associação. Ele é também uma espécie de cartão de apresentação permanentemente atualizado por mostrar o engajamento da entidade e dos associados nos temas, eventos e problemas do momento”, sintetizou, há alguns anos, o associado João de Deus.

Em junho de 1980, o VÍNCULO promove uma verdadeira revolução, da técnica de impressão aos textos publicados.



O VÍNCULO e seus colaboradores

Durante seus 37 anos de existência, o VÍNCULO sempre contou com a imprescindível colaboração de muitos associados. Entre tantos benedenses que brindam os leitores com crônicas e contos, destacamos Hélio Brasil e Israel Blajberg, autores dos personagens Ourico e Zé Benedino, respectivamente.



“Na gestão do Hedy Rodrigues Valle (1958/62), a Associação sentiu a necessidade de ter o seu próprio veículo de comunicação. Ele implantou o primeiro jornal da AF e eu, que além de escrever já gostava de fazer caricaturas e charges, passei a dar a minha contribuição. Anos depois, quando a AF já funcionava na Avenida Rio Branco 53, foi realizado um concurso interno de contos. Eu participei com dois trabalhos e fiquei com o primeiro e o terceiro lugares. A partir daí, me entusiasmei com a coisa e passei a colaborar mensalmente com contos, caricaturas ou charges. Quando criei o personagem Ourico, não tive a pretensão de tomar um funcionário como modelo, apenas imaginei um carioca, às vezes azarado, mas com espírito *fair*

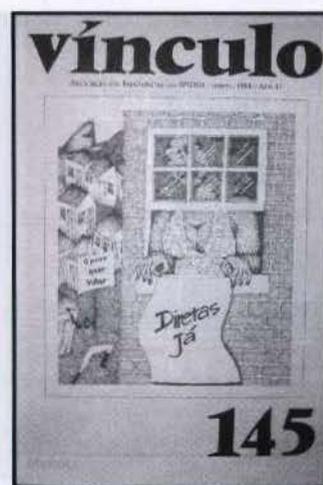
o espírito dos anos 70: de combate à ditadura, pela redemocratização do país, o que se refletia na atuação do jornal e, por conseqüência, na própria Associação. Foi difícil em muitos momentos, mas valeu a pena, afinal 'tudo vale a pena se a alma não é pequena', como já disse Fernando Pessoa.”

Conselhos Editoriais

O VÍNCULO, no final da década de 70 e início dos anos 80 (quando foi reformulado graficamente por Ivânio Cunha), teve mesmo grande importância para esse novo caráter que a AFBNDES (na época sem o “S”) assumiria, de órgão de representação dos funcionários do BNDES perante a Administração do Banco e a sociedade de maneira geral. Era o ápice do movimento Participação, e o Conselho Editorial a que Joel se referia era formado por ele, Carlos Telles, Eliana Costa, Fernando Raro, João Francisco Sharing, Kallás Roberto Kallás, Linício Velasco Junior, Luiz Paulo Velloso Lucas (hoje prefeito de Vitória-ES), Maria de Cássia de Abreu Lima, Paulo Roberto de Souza Melo e Raimundo Antônio da Silva. O presidente da AF era Ivo Galvão e o diretor cultural, João Baptista Genuncio. No ano seguinte, com Joel na Diretoria Cultural (era a segunda gestão de Ivo Galvão), o Conselho recebeu o reforço de Sandra Carvalho de Souza e Sergio de Paula.

Em 1984, na primeira gestão de Sandra de Souza na Presidência da AF, Armando Leal assumiu a Dire-

Em 1984, os brasileiros saíram às ruas para reivindicar eleições diretas para presidente. O VÍNCULO não perdeu o bonde da história.



toria Cultural e o Conselho Editorial manteve sua importância. Além de Sandra e Armando, participavam do órgão Maria do Carmo Freitas Ribeiro, Joel de Farias, Carlos Telles, Carlos Eduardo Castelo Branco, Júlio César Silva e Souza e Sônia Maria Rodrigues.

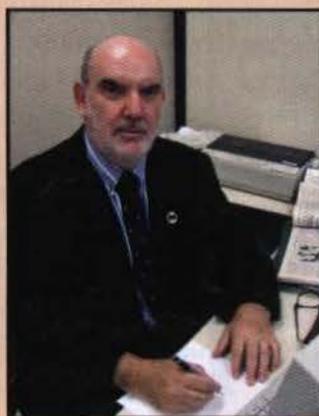
Lutas diversas

Foi um período de belos combates internos e externos, que tiveram grande repercussão no jornal: o movimento dos contínuos; a luta pela extensão do programa de creche aos funcionários-pais; a conquista do prato vegetariano no restaurante do Banco; a realização de painéis sobre infra-estrutura, agricultura e tecnologia, entre outros temas; os

play para enfrentar situações adversas. E, é claro, irônico, como cabe ao carioca. Depois, criei um cachorro meio mal-humorado, o Ladislau. Era legal, porque os colegas do Banco me procuravam para falar sobre esses personagens e isso me deu vontade de continuar.”

Hélio Brasil colaborou com o VÍNCULO durante boa parte da década de 70. Grande parte dos contos publicados deu origem, nos anos 90, ao livro *O Anjo de Bronze e Outros Contos*.

“Até os meus 50 anos de idade, jamais havia publicado uma crônica ou artigo sequer, embora desde a adolescência tivesse enorme facilidade para escrever. Foi quando comecei a enviar textos para o VÍNCULO. O primeiro deles foi sobre um colega do Banco que na época tinha acabado de falecer. O texto foi bastante elogiado, o que me motivou a continuar enviando artigos para o VÍNCULO pelo menos uma vez por mês.”



Com o personagem Zé Benedito, Israel Blajberg criou uma grande empatia com os funcionários do Banco. Alguns até o abordam na tentativa de descobrir em quem ele teria se inspirado.

Em agosto de 1990, a edição 191 debatia as perdas salariais dos funcionários do BNDES.

VÍNCULO
Já!
Negociar perdas: até quando?
AFBNDE
36 anos

pleitos sobre acesso funcional no Sistema BNDES; a luta dos auxiliares administrativos pela valorização da categoria; a participação na Câmara das Estatais; a luta contra os pacotes que ameaçavam direitos adquiridos dos funcionários dessas empresas; a presença nos congressos que culminaram na fundação da CUT; a luta contra os efeitos do Decreto 2.100; a presença na campanha das Diretas; a reafirmação do concurso público como única forma de ingresso no Banco; o início das negociações salariais e o fechamento do primeiro Acordo Coletivo de Trabalho no BNDES; a filiação ao Sindicato dos Bancários; o combate às políticas arbitrárias do governo Collor; os debates relacionados à retomada do crescimento econômico e ao fortalecimento do BNDES como órgão fomentador do desenvolvimento nacional etc.

O VÍNCULO também acompanhou os associados em suas iniciativas culturais, como o videoclube, e de lazer, como os festivais de música – que deram

origem à Expoarte, à Expofoto, ao Coral, ao Grupo de Teatro, a campeonatos de futebol e a outras atividades que hoje são consideradas tradicionais em nossa comunidade. Diversos associados utilizaram o jornal para debater temas comportamentais, em artigos e mesas-redondas, como a denominada “Nossas Cabeças”, que trouxe, no início dos anos 80, assuntos considerados tabus, como sexualidade e saúde mental, às páginas do jornal. Importante também ressaltar a vida longa da coluna “Contexto”, que tinha como titular o associado João de Deus Corrêa, que viria a ser, na segunda metade dos anos 80, diretor cultural da AF.

VÍNCULO
E o Banco parou...
Empregados paralisam atividades, exigem propostas e não recedem pela proposta
AF distribui proenções da hora-extra

A edição 285 do VÍNCULO, em dezembro de 1995, registra a paralisação promovida pelos funcionários do BNDES.

Carregadores de piano

Antes de o VÍNCULO se profissionalizar, com a contratação de jornalistas, diversos associados carregaram o piano e não deixaram o jornal faltar à comunidade benedense. Ivânio Cunha, Plínio Lopes, Suely Santos, Liliam Gompers, Cássia de Abreu Lima, Fátima Torres, João de Deus, Hélio Brasil, Maria José Odílio, J. Carlos, Fernando Raro, Fernando Roriz e Sônia Chequer são alguns desses valorosos colegas.

Outros estiveram presentes em publicações editadas pela Associação na década de 70 (VÍNCULO e revistas AFBNDES *Em Foco* e AFBNDES *Informa*): André Luis Azevedo, Izaura Maria de Souza e Silva, Raimundo Pessoa, Sônia Maria Araripe, Sônia Demberg, José Faria Vegas, Álvaro Costa, Orizon Carneiro Muniz, Hélio Brasil, Jurandyr de Castro, Erick Hairton Weiner, Maria Auxiliadora Sarmento,

40 ANOS VÍNCULO
AFBNDE
30 de abril de 1984
Tênis: inscrições até 8 de maio

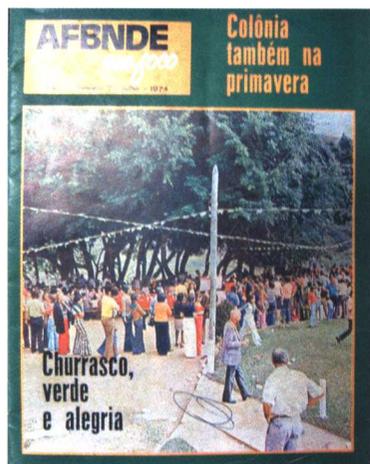
Para não ser apenas um banco
De cara nova

AF elege 21ª diretoria em maio

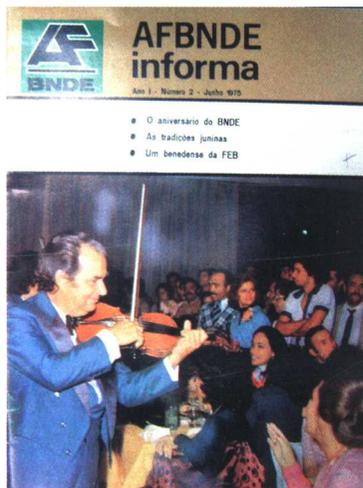
Plano Verão em pauta

Em abril de 1994, nasce o VÍNCULO semanal, concentrando as informações de interesse dos associados.

Octávio Madruga, Maria Amélia Montojos, José Alves Barbosa, Josephina de Castelli, João Cruz do Couto e Arino Ramos Ferreira são alguns deles. Essas revistas, ainda sem cunho político e reivindicatório, cobriam atividades sociais e serviam como espaço de reflexão dos associados.



No início da década de 70, a revista “AFBNDE em foco” era o canal de comunicação com o benedense.



Em 1975, a revista ganha um novo nome: “AFBNDE informa”.

Testemunha ocular da história



“ Quando cheguei na AF, já havia ocorrido a grande transformação no VÍNCULO, feita pelo Ivânio Cunha. Com base em pesquisa sobre todas as edições já publicadas, ele chegou à conclusão, em junho de 1980, de que aquela seria a edição número 104, passando a deixar, de uma forma bem destacada, o número da edição na primeira página.

Havia a possibilidade de utilizar ilustrações na primeira página, que funcionava como a capa de uma revista. As edições variavam entre 12 e 16 páginas e tinham um formato de revista, embora não tivesse grampo no seu acabamento. Cada edição vinha com seções específicas, passatempos, comentários sobre cinema, parte cultural e muita discussão de natureza política. Era uma época em que se estava preparando a abertura política do Brasil e o VÍNCULO passou a vibrar de acordo com aquelas expectativas. Eu cheguei um ano depois da criação do projeto gráfico, a convite do Genuncio, que era diretor cultural da AF. Antes disso, o jornal já havia tido vários formatos, trabalhado com diversas técnicas, mas nada tão significativo como esse implementado no início dos anos 80 pelo Ivânio, com periodicidade mensal.

Em 89, no final da primeira gestão do Saraiva, fiz algumas mudanças, trocando a tipografia do jornal, pois já existia uma

gama de tipos para fotocomposição, possibilitando uma atualização de linguagem. Vale lembrar que à época do Ivânio ainda trabalhávamos com foto-letra. Não existia composição de tipos daquele tamanho (números das edições).

O formato de tablóide só apareceu a partir de 1994. Mais à frente, na primeira gestão do Sergio de Paula, surgiu a idéia de transformar o jornal em semanário, nos moldes do atual *Diário Bancário*, com papel-jornal e formato tablóide. Não foi possível apresentar um projeto pronto. O trabalho foi um pouco atropelado, devido às dificuldades iniciais de adaptação a uma nova tecnologia. Depois, o novo VÍNCULO foi começando a se ajustar e a tomar uma forma mais definitiva. A conquista de um padrão gráfico se deu com o tempo.

Em 97, surgiu a edição *on line*, que também era precária e só começou a ser trabalhada mais profissionalmente a partir de 2002. Também foi um projeto que foi avançando aos poucos. Não apareceu pronto. Fomos descobrindo a melhor concepção com o tempo. Até hoje, continuamos buscando algo mais. É uma obra aberta. Quando achamos alguma coisa interessante, reformulamos tudo e adaptamos a idéia.”

Fernando Garcia

Chegando à maioria

Quando o VÍNCULO chegou à edição nº 500, em 26 de julho de 2000, comemoramos com os associados e leitores a marca histórica.

Confira algumas mensagens.

■ “Estamos num momento em que a comunicação é instrumento imprescindível tanto no aspecto de socializar as informações quanto na promoção de debates que desenvolvam o senso crítico e ofereçam oportunidades para o pleno exercício da cidadania. Nesse contexto, o VÍNCULO tem cumprido seu papel de principal elo entre a AFBNDES e seus associados.”

Antônio Saraiva



■ “Parabéns pela chegada ao número 500 do VÍNCULO. Este jornal não só é o mais importante vínculo entre o corpo de associados da AFBNDES e a direção da entidade, é também o mais adequado fórum de debates sobre as questões que envolvem o funcionalismo desta casa.”

Sergio de Paula

■ “A permanente preocupação em melhor informar os associados é a marca histórica do jornal da AFBNDES. As notícias que ali estão são rapidamente comentadas nas salas, pelos corredores, no cafezinho. Assim, a ação coletiva, proposta pela Associação, é construída no dia-a-dia. Meus parabéns à Diretoria da Associação e principalmente à equipe responsável por esse trabalho de muitos anos.”

Sandra Carvalho de Souza



■ “A transformação do VÍNCULO num veículo semanal aconteceu em minha gestão na Diretoria de Comunicação. O grande beneficiado foi o leitor, que ganhou um jornal mais ágil e dinâmico. Estamos todos de parabéns.”

Ilma Leda

■ “O VÍNCULO sempre foi uma ferramenta de defesa dos interesses dos funcionários do BNDES e essa qualidade ele não pode perder nunca. O veículo atinge todo o quadro de associados, o que é fundamental para a vida da AFBNDES. É respeitado pelo seu caráter plural, inclusive por outras entidades similares. Parabéns por marca tão expressiva.”

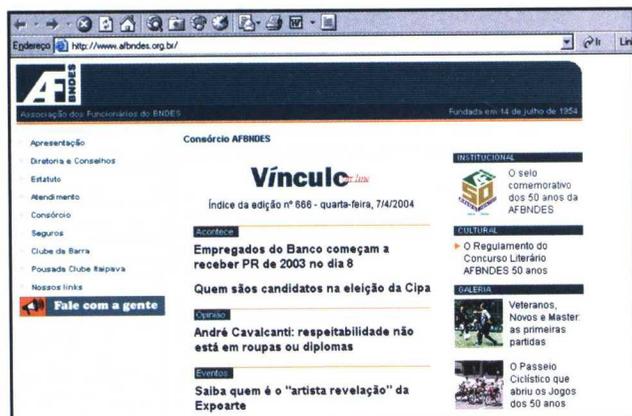
Humberto Lima



■ “O VÍNCULO é um elo muito vivo que promove a integração dos associados à sua entidade e vice-versa. Acima de tudo, ele é um espelho onde o associado vê refletidos o pensamento e as realizações da Associação. Ele é também uma espécie de cartão de apresentação permanentemente atualizado, por mostrar o engajamento da entidade e dos associados nos temas, eventos e problemas do momento. Tenho muito orgulho de ter colaborado com ele por cerca de dez anos. Vê-lo chegar ao número 500 com a agilidade que hoje tem é muito bom. Parabéns aos que o produzem.”

João de Deus

A AFBNDES presente no ciberespaço



Oferecendo notícias, entretenimento, serviços e negócios, a Internet é a superestrela da comunicação moderna, rivalizando com veículos tradicionais na troca e difusão de informação, por conta de suas características especiais: agilidade, interatividade e acessibilidade.

Na batalha diária para levar à nossa comunidade as informações que ela deseja e de que tanto precisa, já não é possível prescindir de mídia tão importante. E foi pensando assim que a AFBNDES começou a trilhar esse caminho há quase sete anos, quando colocou no ar o seu *site*, www.afbnDES.org.br.

O *site* foi lançado em meio às comemorações do 43º aniversário da AFBNDES, numa iniciativa pioneira comandada pelo vice-presidente Armando Leal, que na época substituíra o presidente Hélio Gusmão, licenciado por motivo de doença. “Era um projeto em que acreditávamos, pelo seu baixo custo e pela abrangência que a Internet possibilita. O Banco já estava todo conectado em rede e a AFBNDES precisava oferecer um veículo de informação mais rápido aos associados. Também víamos a possibilidade de incrementar a venda de produtos e serviços para o custeio e a manutenção de nosso patrimônio”, lembra Armando. Pois, desde o início de julho de 1997, os associados ativos (em férias ou mesmo em viagem a serviço), os colegas apo-

sentados e os sócios especiais começaram a acompanhar o dia-

Vínculo on line

a-dia da AF na grande rede, principalmente através do VÍNCULO *on Line*, disponível no mesmo dia em que circula a edição impressa. “No princípio, o projeto era rudimentar, quase amador. Eu mesmo montei a primeira página. Anos depois, o Fernando Garcia, jornalista gráfico do VÍNCULO, acabou aperfeiçoando o *site*. Hoje, a página da Associação, em relação às de outras entidades congêneres, é uma das mais bem construídas e atualizadas”, complementa Armando. Em 1997, o associado Humberto Lima era o diretor de Comunicação da AFBNDES.

O que está no ar

Entrando no *site* da AF, o associado tem acesso à composição da Diretoria e dos Conselhos da entidade, ao seu Estatuto Social e ao Balanço Financeiro, a informações sobre serviços – seguro, consórcio e convênio – e a dados relativos a suas duas unidades de lazer: Clube da Barra e Pousada Clube Itaipava. A página é atualizada semanalmente, quando entra no ar a edição eletrônica do VÍNCULO, que vem acompanhada de uma ferramenta de busca que disponibiliza todos os números do jornal de maio de 2002 para cá.

Além disso, o associado pode conferir fotos do mais recente evento social, cultural, esportivo ou institucional

(fotos da 21ª Expoarte, do Passeio Ciclístico, realizado na Barra em março, e do início dos Campeonatos de Novos, Veteranos e Másteres, por exemplo, já estão no ar). O associado

tem acesso aos textos do último Acordo Coletivo de Trabalho e do

Acordo de Participação nos Resultados de 2003 e também pode conferir como ocorreu a Negociação Coletiva do ano passado. É uma gama de informações que faz com que a AFBNDES se sinta cada vez mais estimulada a avançar na comunicação com seus associados.

AFBNDDES . AFBNDESPAR . AFINAME . APA/BNDES . SINDICATO DOS BANCÁRIOS . CONTEC

NEGOCIAÇÃO | 2003

Herdeiro do Bené



Somam-se ao VÍNCULO, no esforço de comunicação da AFBNDES, os boletins veiculados à época das negociações coletivas, informativos de férias, notas de Diretoria, avisos, editais, folhetos, cartazes etc. – distribuídos aos associados ou afixados nos quadros de aviso do Edserj. Em relação ao *Boletim da Negociação*, a publicação, que também tem sua versão eletrônica, é elaborada em conjunto com as entidades que participam do processo de representação dos funcionários do Sistema BNDES.

Essa publicação é herdeira da *Apostila do Bené*, criada em 1985 para esclarecer os associados sobre o movimento que culminou com a assinatura do primeiro Acordo Coletivo no Banco. O personagem, criado por Márcio Verde, dizia à época: “Eu surgi como resultado das mudanças que estão ocorrendo em nosso país...” Se ainda estivesse ativo, ele completaria 30 anos em 2005.

A AFBNDES nas regionais

Mesmo distantes, os associados das representações não perdem o vínculo com a entidade

Além da sede no Rio de Janeiro, o BNDES conta com representações regionais localizadas em São Paulo e Recife e uma sede em Brasília, cujo papel é servir de linha de frente para a instituição em todo o território nacional. Com isso, a AFBNDES também estende a sua atuação visando atender aos benedenses que trabalham nessas unidades.

Na representação localizada em Brasília, que atende às regiões Norte e Centro-Oeste, trabalham 32 funcionários, sendo que 18 deles são associados. Em São Paulo, o escritório que atende, além de ao estado, a toda a Região Sul, conta com 17 funcionários e seis deles são associados. Abrangendo toda a região Nordeste, a representação de Recife dispõe de 20 funcionários, dos quais 17 pertencem à Associação.

Embora a distância seja considerada por alguns como o grande empecilho para a entidade estar mais presente no dia-a-dia dos empregados, outros dizem acompanhar tudo o que envolve a AF através do VÍNCULO *on Line*, no *site* da AFBNDES. Maria das Graças Amaral Passos é uma das associadas que atua na regional Recife e garante estar sempre atendida com todos os assuntos em que a Associação está envolvida. “A AF é a grande aliada do funcionário, atuando em defesa dos seus direitos, e ao mesmo tempo uma grande parceira do Banco, trabalhando pela preservação da sua boa imagem”, afirma. Mesmo distante do Rio, Graça Passos, como é conhecida, já participou das três últimas edições da Expofoto, onde pôde exibir aos colegas a sua aptidão para a arte fotográfica.

Em São Paulo, o associado Norival Mageste da Cruz também considera a atuação da AFBNDES importante para o benedense. E, no que diz respeito à área de



Regional Brasília

Isamara Beltrão, Raphael Souza, Marilda Leonis, Ana Siracusa, André Teixeira, Valdi Leite, Maurício Vasconcelos, Angela Fernandes, Júlio Gomes, Kátia Paradas, Ceila Cristina, Aristeu Souza, Maria Lúcia, Elisabete Brito, Ruy Coutinho, Paula Fullana, Francisca Silva, Vilmar Gomes e Fábio Silva.

lazer, Norival faz uma sugestão: “Como aqui em São Paulo não dispomos de um Clube da Barra nem de uma Pousada Clube Itaipava, a AFBNDES poderia firmar convênio com algum clube daqui para que pudéssemos freqüentá-lo juntamente com nossas famílias.”

O diretor parlamentar Mário Assis Causanilhas responde ao associado acenando para uma grande possibilidade de parcerias desse porte serem realizadas nas três capitais. “Esse é um assunto que há algum tempo vem sendo discutido e os associados têm plena razão



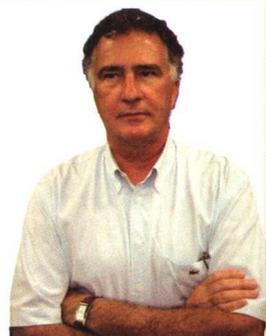
Regional Recife

Fabrício, Nilzo Nery, Tagore, Miguel Medeiros, Luiz Carlos Meira e André Luis. Sentados: Fernando Vieira, Graça Passos, Fernanda Pontual, Claudia Regina e Beth Cortez.

de fazer essa reivindicação. Recentemente, colegas de Brasília fizeram a mesma solicitação à Diretoria, que, na ocasião, solicitou que eles indicassem o clube de preferência para que a AF buscasse alguma forma de parceria. Estamos aguardando o retorno. Acredito que os colegas estão enfrentando dificuldades em função do pouco número de associados, o que pode não despertar interesse por parte de alguns clubes. De qualquer forma, é um assunto que está em pauta, pois é importante que os associados que trabalham nas regionais também tenham espaço para o lazer”, afirma.

Em Brasília, os associados Ruy Coutinho do Nascimento e Eduardo Gonçalves vibram com essa possibilidade. Afinal, é sempre bom poder contar com um espaço recreativo para os finais de semana, principalmente numa cidade em que não há praia. Ruy reconhece que a atuação da AFBNDES ao longo desses 50 anos é louvável. “Uma entidade que chega ao cinquentenário é porque conseguiu realizar uma trajetória vitoriosa, superando muitos obstáculos. Como funcionário de uma instituição como o BNDES e associado a uma entidade que sempre valorizou uma relação de respeito e autonomia, desejo que a AF cresça cada vez mais.”

Em defesa da instituição



“

A comemoração dos 50 anos da AFBNDES é um momento muito expressivo. Não é fácil encontrar, em um país jovem como o Brasil, entidades que completam meio século de atividade com tanta vitalidade. Vejo a data não apenas pelo lado festivo, mas principalmente do ponto de vista institucional.

A AF sempre defendeu os aspectos institucionais e a boa imagem do BNDES, mas sempre lutando pela afirmação do corpo funcional. A atuação da Associação deve ser cada vez mais intensa em todos os aspectos, como, por exemplo, buscando atender aos colegas das representações regionais que reivindicam espaços para o lazer.”

Mário Assis Causanilhas Rodrigues



Regional São Paulo

Marcos Oliveira, Luiz Cláudio Amarante, Adriana Guerra, Sônia Palma, Elita Márcia, Luciana Vilela, Armando Tadei, Norival Cruz, Cilene Cardoso, Elane Maciel, Nelson Palone, Sergio Beraldo e Leonardo Forster.

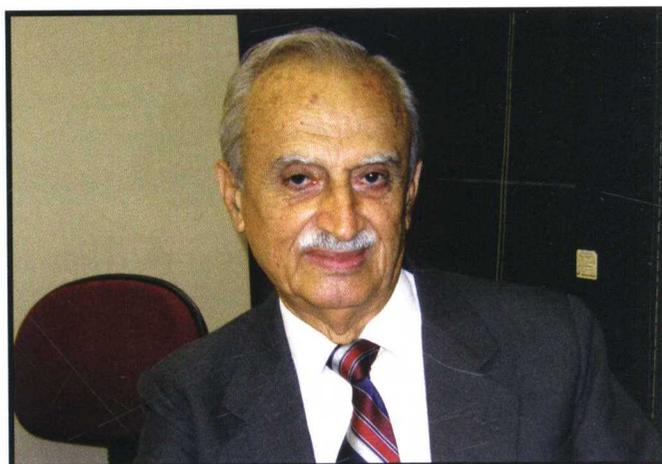
Uma relação pra lá de especial

Divididos em seis categorias, os sócios especiais contribuem para o crescimento da AFBNDES

Um princípio que tem norteado a atuação da AFBNDES nesses 50 anos de existência é o foco no associado. Essa preocupação com os sócios efetivos (ativos e aposentados) e os sócios especiais se revela cotidianamente ao longo de todo o ano em diversas áreas específicas: político-institucional; representação trabalhista; gerenciamento administrativo; financeiro e patrimonial; prestação de serviços; e desenvolvimento de atividades culturais, sociais e esportivas.

De acordo com os funcionários do Banco que ajudaram a fundar a entidade, a categoria de sócio especial foi implantada ainda na década de 50 para atender aos filhos de associados que completavam a maioria. Com o passar dos anos, principalmente após 1990, foram criadas novas categorias e, hoje, a Associação conta com o expressivo número de 1.138 sócios especiais. São engenheiros, médicos, advogados, entre outros profissionais liberais, que encontraram na AF uma estrutura social e recreativa de porte, num ambiente saudável, ideal para agradáveis momentos de lazer com a família e amigos. A infra-estrutura da Pousada Clube Itaipava e do Clube da Barra é motivo de constantes elogios.

O médico Abraão Sihman é associado da AF há aproximadamente oito anos. Nesse tempo, ele e sua família já freqüentaram várias vezes o Clube da Barra e, principalmente, a Pousada Clube Itaipava, além de utilizarem alguns dos serviços oferecidos pela entidade, como o seguro de automóveis, por exemplo. Nessa relação com a AFBNDES, Sihman destaca dois pontos: a Pousada e o atendimento na sede administrativa. “Eu e minha família consideramos a Pousada uma ex-



O sócio especial José Martins e sua relação com a AFBNDES: “Desejo que os êxitos obtidos nesses 50 anos resultem em novas conquistas, fazendo com que a entidade cresça cada vez mais.”

tensão da nossa casa. O ambiente agradável e acolhedor é um convite para que retornemos ao lugar sempre que possível. Além das instalações, destaco a atenção que os funcionários da Pousada dão aos associados, fazendo com que nos sintamos bem acolhidos. O atendimento da AF na sede administrativa também é digno dos melhores elogios. As funcionárias desse setor são sempre atenciosas, prestativas e procuram solucionar os nossos problemas de forma rápida”, finaliza.

O advogado aposentado José Martins dos Santos é outro que diz só ter elogios à AFBNDES. Associado

Atendimento nota 10

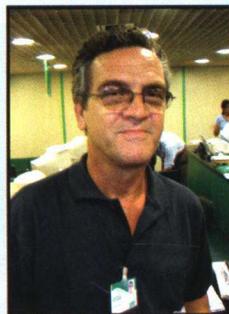


“Eu e minha família freqüentamos constantemente a Pousada Clube Itaipava. Sem dúvida, é uma sede campestre com ótimas instalações e com um atendimento nota 10. Os funcionários são atenciosos e a relação entre eles e os associados é de grandes amigos. O mesmo acontece na seda administrativa, com funcionárias prestativas e preparadas para solucionar os problemas dos associados de forma rápida e eficiente. Destaco também os serviços oferecidos pela entidade, como o seguro de automóveis, por exemplo. Faço votos que a entidade continue trilhando esse caminho e buscando crescer cada vez mais.”

Abraão Sihman

há quase 18 anos, constantemente ele freqüenta o Clube da Barra e considera a sua infra-estrutura muito boa. Ele ingressou como sócio especial através do seu genro, funcionário do Banco. A partir de então, passou a freqüentar regularmente a Pousada Clube Itaipava, formando um bom ciclo de amigos. “Lá, participo das atividades como Queijos & Vinhos, por exemplo. Também gosto de dançar, jogar sinuca, enfim, me divertir. E a Associação tem toda uma estrutura que nos dá a oportunidade de gozar de momentos agradáveis”, afirma. Todos os domingos, ele freqüenta o Clube da Barra, onde se encontra com um grupo de amigos para jogar sinuca. “Domingo eu não fico em casa. Chova ou faça sol, o Clube da Barra é imprescindível”, completa.

Outro que faz parte do grupo da sinuca é o militar aposentado Raimundo Prachedes, sócio especial da AF há 30 anos. Freqüentador assíduo do Clube da Barra, sempre que pode Raimundo também vai à Pousada Clube Itaipava desfrutar do conforto da sede campestre. “Faço votos que a AFBNDES continue assim ou que melhore ainda mais, oferecendo excelentes serviços aos associados”, diz. Já o engenheiro Washington Luiz Guarnier é sócio especial categoria “D” e faz parte de grupos de consórcio. Segundo ele, o grande diferencial dos serviços oferecidos pela AF é a credibilidade.



Sócio especial categoria “D”, Washington Guarnier participa dos grupos de consórcio: “A transparência do processo garante a credibilidade.”

Os torneios de futebol são também um grande atrativo para os sócios especiais. Todos os anos, a AF ganha novos associados interessados em participar do Campeonato Principal, contribuindo para que a competição seja considerada uma das mais importantes do segmento amador realizadas por entidades associativas. O sócio especial Irineu Ramiro Santos, funcionário do Condomínio do Edserj, é um dos associados que já escreveu o seu nome na galeria dos grandes atletas da AF. Se fora da Associação ele já conquistou títulos importantes pela equipe de remo do Vasco da Gama, no Clube da Barra Irineu ajudou o time do San Remo a ficar com o título de campeão de ouro em 1992 e 2001. “É gratificante saber que de alguma forma entramos para a história de uma entidade como a AFBNDES”, conclui.

Uma casa de amigos



“Sempre gostei de praticar esportes e fazer parte da AFBNDES me permitiu participar de uma série de competições. É motivo de muita satisfação pertencer, como sócio especial, a uma entidade através da qual fiz grandes amigos. Desejo que ela continue nesse caminho de glórias.”

Irineu Ramiro Santos

Eles fazem a AFBNDES

Divididos entre a sede administrativa, a Pousada Clube Itaipava e o Clube da Barra, os funcionários da AFBNDES vestem a camisa da entidade para oferecer atendimento VIP aos associados

A AFBNDES, ao longo de sua trajetória, contou com muitos colaboradores e funcionários que contribuíram para o seu desenvolvimento. Desde o início, na primeira sede, na Rua Sete de Setembro, a AF vem progredindo e proporcionando cada vez mais benefícios para os seus associados. Muito tempo se passou, a Associação adquiriu a Pousada Clube Itaipava e o Clube da Barra e, com a expansão dos serviços, o aperfeiçoamento e o incremento de seu corpo funcional se fizeram iminentes.

Atualmente, a AF emprega cerca de 80 profissionais, que compõem as três sedes e garantem o bom atendimento e o pleno funcionamento da entidade. A Associação tem investido em qualidade de serviços, funcionalidade eficiência e mão-de-obra. Reformulou a Divisão de Atendimento, no Edserj – atual Sala Paulo Roberto de Souza Melo –, buscando um ambiente mais confortável e elegante para receber seus associados e instalações mais modernas e funcionais para seus funcionários. Da mesma forma, vem promovendo reformas e obras de manutenção na Pousada e no Clube, sempre visando ao melhor atendimento ao seu público.

As pessoas que integram o corpo funcional da AF são mais do que empregados. São companheiros dedicados à entidade, coirmãos que convivem dia-



Equipe de funcionários da AFBNDES na sede administrativa.

riamente e são parte de uma mesma família. As variadas atividades que giram em torno do universo da Associação ainda geram empregos indiretos, dando oportunidade para terceirizados e prestadores de serviço. Conheça agora aqueles que também são responsáveis pelo funcionamento e pela prosperidade da AF.

Na sede administrativa, situada no próprio prédio do BNDES (Edserj), são 25 funcionários distribuídos por vários departamentos:

Recursos Humanos – Evaldo Alves Ferreira (almoxarife, admitido em 12 de março de 1984); Neuzi Maria de Almeida Lopes (chefe do RH, admitida em 3 de outubro de 1983); e Cristiane de Castro Gama (assistente do RH, admitida em 6 de março de 1995).



Secretaria – Ingrid de Carvalho F. Veiga (assistente da Secretaria, admitida em 2 de maio de 2003); Antônio Paulo Ribeiro (contínuo, admitido em 25 de janeiro de 1991); Luiz Cláudio Alves Covino (contínuo, admitido em 4 de janeiro de 1996); Paulo César Baptista Sol (contínuo, admitido em 21 de março de 1988); Leny Ferreira Sodré (telefonista, admitida em 1º de novembro de 1982); e Cleurice Ferreira Tavares (secretária, admitida em 10 de julho de 1996).



Comunicação – Washington Roberto dos Santos (jornalista-editor, admitido em 4 de fevereiro de 1986); Simone Rangel Almeida Frias (jornalista, admitida em 7 de janeiro de 2002); e Fernando César B. Garcia (diagramador, admitido em 1º de janeiro de 1982).

A AF é minha segunda casa



“ Em 1º de janeiro de 1975, fui admitida pela AF para trabalhar no restaurante do Banco, que funcionava na antiga sede da Avenida Rio Branco. Era uma época bem diferente. Eu era servente no Bandeirão – fui a primeira mulher a ser contratada para o restaurante. Logo na seqüência, fui designada pelo gerente Carlos a assumir o caixa. Atuei também no setor de almoxarifado, organizando a entrada e a saída dos mantimentos. Em 1980, me desliguei temporariamente da entidade. Quando retornei às atividades, em 1982, a sede administrativa da Associação já estava funcionando na Rua Teófilo Otoni. Voltei para cobrir as férias de uma colega, que era auxiliar de serviços gerais. Depois, passei a cobrir as férias da telefonista. Assim que ela se aposentou, há dez anos, assumi essa função.

Vou me aposentar em 2006, sendo que esse foi o primeiro e único trabalho da minha vida, do qual jamais me esquecerei. Tenho muita consideração pelos diretores e presidentes que já passaram pela AF, assim como por todos os colegas com quem convivo e já convivi. ”

Leny Ferreira Sodré

Auxiliar de serviços, com 27 anos de AF.





Crescendo com a AF



“ Entrei na AFBNDES

em 21 de maio de 1979 e comecei a trabalhar como mensageiro. Cinco anos depois, já integrava o Departamento de Contabilidade, na época do então presidente Ivo Galvão. Conforme o tempo foi passando, fui galgando carreira dentro da Contabilidade e progredindo na entidade.

Lembro que o primeiro microcomputador da AF foi comprado pelo Sergio de Paula. A partir daí, comecei a me interessar por informática e a me dedicar a essa área. O tempo foi passando, fui adquirindo *know-how*, até ser convidado pelo Marcio Camarão e pelo Soares para chefiar o Departamento de Informática da Associação, além da Divisão de Contabilidade, que eu já chefiava.

Gosto muito de trabalhar na AF e sei que todos nós, funcionários da casa, vestimos a camisa da entidade. ”

Cláudio Rodrigues da Costa
Chefe da Contabilidade e Informática,
na AF há 25 anos.

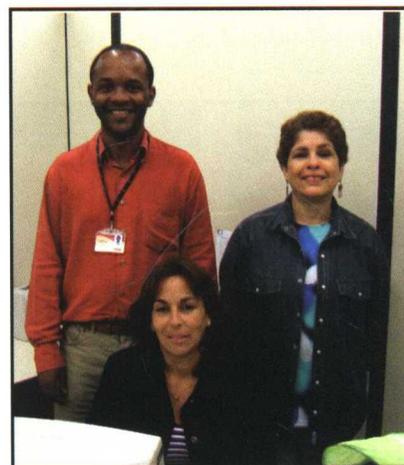


Atendimento – Maria José Pimenta Bello (atendente, admitida em 1º de fevereiro de 1996); Gabriela Gorito de Carvalho (atendente-supervisora, admitida em 4 de agosto de 1997); e Lúcia Helena de O. Marques (atendente, admitida em 12 de fevereiro de 1997).



Marketing – Ricardo Luis A. Torregrosa (chefe do Marketing, admitido em 16 de setembro de 1987); Ana Lúcia Diniz Costa (assistente técnico, admitida em 4 de maio de 1998); e Adamo A. Pasquarelli (assistente de marketing, admitido em 1º de agosto de 1996).

Financeiro – José Augusto M. Paula (assistente financeiro, admitido em 5 de maio de 1997); Maria Salete da Silva (caixa, admitida em 18 de dezembro de 1986); e Regina Celi Teixeira (chefe do Financeiro, admitida em 6 de dezembro de 1993).



Informática – João Cláudio Soares Silva (técnico de informática, admitido em 5 de fevereiro de 2001).

Contabilidade – Moisés Dias da Silva (assistente contábil, admitido em 1º de junho de 1996); Antônio Ricardo Rangel Vieira (assistente contábil, admitido em 13 de fevereiro de 1995); e Cláudio Rodrigues da Costa (chefe da Contabilidade, admitido em 21 de maio de 1979).

A equipe da AF na Pousada Clube Itaipava

A Pousada Clube Itaipava, também emprega 25 funcionários: Alceyr de Oliveira Carvalho Júnior (manutenção, na AF há sete anos); Amarildo Telles (vigia, há sete anos); Aparecida Conceição de Andrade (garçonete, há 11 anos); Antônio Damião dos Santos (auxiliar de serviços/limpeza, há um ano); Araci M. Francelino (assistente técnico, há quatro anos); Eliel José Gonçalves (auxiliar de serviços/cozinha, há um ano); Fernando Luiz Pimentel (auxiliar de serviços/limpeza, há dois anos); José Nestor Gonçalves (jardineiro, há um ano); Leila Aparecida da Silva Antonio (auxiliar de serviços, há oito anos); Luciana Fernandes (cozinheira, há quatro anos); Luis Fabiano L. Silva (auxiliar de serviços/limpeza, há três anos); Lucas Rosário da Silva (auxiliar de serviços/cozinha, há um ano); Margarida Gomes da Silva Andrade (recepcionista, há 16 anos); Maria Aparecida Rocha (auxiliar de serviços/limpeza, há três anos); Maria Cenor R. Santos (cozinheira, há quatro anos); Maria José Verdugo da Costa (auxiliar de serviços/limpeza, há 18 anos); Odemilson Jeronymo de Souza (auxiliar de serviços/limpeza, há um ano); Osvaldo Luiz. C. Loiola (gerente, há três anos); Renato Pires Rodrigues (vigia, há três anos); Roberto da Silva Campos (manutenção da piscina, há 16 anos); Romildo Onofre Filho (copeiro, há um ano); Sidnei dos Santos Carvalho (manutenção, há sete anos); Sideni Rosa da Conceição (auxiliar de serviços/limpeza, há dois anos); Solange Maria Macedo Santana (auxiliar de serviços/cozinha, há dez anos); e Tereza Raposo Silva (auxiliar de serviços/limpeza, há quatro anos na AFBNDES).



Somos uma grande família



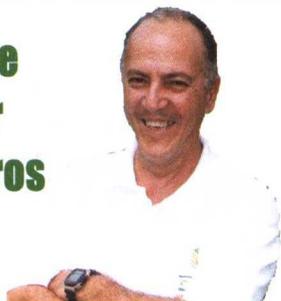
“ Em 8 de dezembro de 1977, comecei a trabalhar na Colônia de Férias Itaipava, como arrumadeira de quarto. Tive que sair em março de 1978. Retornei em fevereiro de 1988 como recepcionista, sem muita experiência e extremamente tímida – sem saber lidar com o público, com pouco estudo e vinda do interior de Minas Gerais. No começo foi difícil, mas fui me acostumando com a nova rotina: conhecer pessoas diferentes, alguns muito amáveis que me ajudaram a superar a timidez.

A colônia agora é Pousada Clube Itaipava, aberta ao público, onde recebemos pessoas até do exterior... Um novo aprendizado para mim. Passamos mais tempo na Pousada do que em casa, somos como uma família. Sinto saudades de todos que já passaram por nós, inclusive dos que se foram. Neste ano do cinquentenário, só tenho a agradecer e comemorar, inclusive pela coincidência de estar completando 50 anos de vida (24 de outubro) junto com a AFBNDES. ”

Margarida Gomes da Silva Andrade
Recepcionista da Pousada Clube Itaipava,
na AF há 17 anos.

A equipe da AF no Clube da Barra

Orgulho de pertencer aos quadros da AF



“ Fui admitido em 18 de junho de 1979 pela Associação dos Funcionários do BNDES. Trilhei junto com ela a metade de sua existência. E tenho o maior orgulho disto. Passei por vários setores na administração... Gerenciei a Pousada Clube Itaipava e, atualmente, administro a sede social da Barra da Tijuca.

Neste longo tempo de serviço, conheci e fiz muitas amizades, tanto com os associados, quanto com os companheiros de trabalho e os vários presidentes e diretores que fizeram parte da história da AF durante todos esses anos de trabalho.

Eu teria muitas coisas a falar e lembrar desses anos dedicados à Associação, mas prefiro deixar os comentários para os colegas que trabalharam junto comigo, colaborando para o crescimento desta entidade.

Parabenizo a AFBNDES pelos seus 50 anos de existência, com os votos de que ela continue evoluindo cada vez mais para o orgulho de todos nós, funcionários.

”

Ronaldo Caetano
Gerente do Clube da Barra,
na AF há 25 anos.



Atualmente, o Clube da Barra conta com 31 funcionários: Alexandre Rodrigues (auxiliar de serviços, há um ano na AF); Alexandre Neves de Moraes (auxiliar de serviços, há um ano); André Luiz S. Mendes (assistente técnico, há três anos); Antonio Carlos F. Silva (auxiliar de serviços, há dez anos); Antonio Sampaio Bem Neto (médico, há um ano); Antonio Souza Ramos (auxiliar de serviços, há um ano); Clarice Gomes Esteves (auxiliar de serviços, há um ano); Claudia Conceição de A. da Silva (auxiliar de serviços, há um ano); Daniel Gomes de Feitas (auxiliar de serviços, há 14 anos); Elcio da Silva (auxiliar de serviços, há dois anos); Humberto José Guerra (auxiliar de serviços, há um ano); Israel Rodrigues Alfaro (auxiliar de serviços, há um ano); Jorge Dias da Silva (auxiliar de serviços, há um ano); Jorge Luís de Almeida Braga (profissional de nível médio, há dois meses); José Luiz Oliveira de Matos (auxiliar de serviços, há um ano); José Marcelo Oliveira Silva (auxiliar de serviços, há um ano); José Ramos da Costa (assistente técnico, há 14 anos); José Trajano dos Santos (auxiliar de serviços, há um ano); Juarez da Silva Pereira (auxiliar de serviços, há quatro anos); Lucia Regina R Neves (enfermeira, há quatro anos); Luiz Carlos Faria (auxiliar de serviços, há um ano); Luiz Sobral Feliciano (profissional de nível médio, há dois anos); Marco Antonio da Silva (profissional de nível médio, há dois anos); Marcelino Cezário de Jesus (auxiliar de serviços, há um ano); Maria de Fátima da Silva (auxiliar de serviços, há um ano); Paulo Alves de Lima (profissional de nível médio, há dois anos); Ronaldo Caetano (gerente, há 25 anos); Vagner Pires de Almeida (assistente administrativo, há um ano); Walter Ferreira (auxiliar de serviços, há um ano); e Walter Giuliano Baldoni (médico, na AFBNDES há três anos).

O Grupo Assuré
parabeniza a

AFBNDES

pelos seus 50 anos

Uma Parceria de Sucesso!





Mais empregos e renda. Para o BNDES, este é o caminho do desenvolvimento.

O caminho do desenvolvimento passa pela inclusão social. A política de financiamentos do BNDES prioriza investimentos que gerem empregos e renda, porque é com mais empregos e renda que se reduzem as desigualdades entre os brasileiros. Desenvolvimento é trabalho para todos. E é o trabalho do BNDES. www.bndes.gov.br



Ministério do
Desenvolvimento, Indústria
e Comércio Exterior

